

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Contos Portugueses

2



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Contos Portugueses

Volume 2

Organização
Iba Mendes

Publicados originalmente em distintas datas.

Conde de Ficalho - Manuel Teixeira Gomes
Fialho de Almeida - Brito Camacho
Júlio Dantas - Vergílio Ferreira

“Projeto Livro Livre”

Livro 698



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta coletânea de *Contos Portugueses*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

O COMPADRE RABINO

BRITO CAMACHO

Apareceu um dia no monte, magro, escanzelado, consumido pelas febres, havia três meses a contas com umas quartãs que não o largavam nem à mão de Deus-Padre.

- Queres-te consertar?

Ele não queria outra coisa; mas sentia-se incapaz de mudar uma palha de um lado para o outro, de dois em dois dias abarracado com a quartã, para ali ficando num molho de manhã à noite, sem dar acordo de si.

- Não faz mal, é para guardar porcos. Tenho ai um remédio que te há de fazer bem. O remédio era o sulfato de quinino, o bom sulfato inglês, que minha mãe comprava em frascos, dando-o a quem dele necessitava, à gente pobre que o pedia.

Foi assim que o compadre Rabino entrou para minha casa, roído pelas febres, umas quartãs amaldiçoadas que o não deixavam ganhar a vida.

Sucedeu o remédio fazer-lhe bem, de modo que ao fim de poucos dias estava são e rijo como um pêro verde, e comia com tal apetite que até parecia, diziam os outros criados, ter fome canina.

Por qualquer motivo, o maioral dos porcos deu o ano por acabado antes de Santa Maria, e o compadre Rabino, que entrara como ajuda, passou logo a ser o maioral, subindo de categoria e melhorando de vencimentos.

Minha mãe foi a madrinha da sua primeira filha, e assim o compadre Rabino passou a ser uma pessoa da nossa família, compadre de águas bentas, o que representava naquele tempo uma estreita relação de parentesco, tão estreita que os compadres como tal se tratavam, mesmo que fossem irmãos.

E que adorável, que santa rapariga era essa Maria Jacinta, que eu estou a ver, estudante de Medicina em fins do curso, pálida como se fosse modelada em cera branca com tonalidades amarelas, os olhos encovados, o peito deprimido, triste porque sentia a morte próxima, e ao mesmo tempo satisfeita porque me tinha ao pé de si.

- Diga-me que não morro, que eu acredito...

Pobre Maria Jacinta!

No campo, pela Primavera, em plena Natureza encontram-se florinhas, cetinosas ou aveludadas, admiráveis pelo desenho, cativantes pela cor, de uma beleza tão rara que a gente pasma de as ver ali entre plantas grosseiras, ao lado de outras flores ordinárias, que mais fazem realçar pelo contraste o seu porte aristocrático. Dir-se-ia, não as vendo ao pé da esteva resinosa, da papoila branca, junto dos cardos espinhosos, armados para a resistência a toda a espécie de agressão, dir-se-ia, naturalmente, serem tais florinhas o produto de uma seleção inteligente, continuada ao longo de tempos infinitos, mimosas e delicadas flores que mãos finas de princesa fossem tratando e educando segundo os melhores preceitos dessa arte essencialmente fidalga, como lhe chamou o Fialho, que é a floricultura.

Pois aparecem também semelhantemente, na família plebeia dos camponeses, criaturinhas de graça perturbante, como se dentro da frágil beleza de uma tanagra habitasse o espírito sonhador de uma castelã, tão nobres de sentimentos, tão fidalgas de maneiras, que a gente fica a pensar, olhando-as com enternecida curiosidade, se não coincide a repetição de certas formas com a transmigração de certas almas.

A vida do maioral de porcos é relativamente descansada, pelo menos durante uma boa parte do ano, de modo que ao compadre Rabino sobejava-lhe o tempo para me aturar, dias inteiros por lá com ele, sobretudo na época das túberas, que os porcos são uns artistas para as encontrarem e dão o cavaquinho por elas, como excelentes gourmets. Não me recordo de ter ouvido ao compadre Rabino uma palavra obscena, e ia jurar sobre umas Horas que jamais ele contou uma história picaresca. Era um homem austero nos seus costumes e de uma grande compostura na sua linguagem. É regra invariável dos homens que guardam animais, sejam eles quais forem - ovelhas, cabras, bois ou porcos -, envolverem nas suas pragas, que são exclamações de cólera passageira, os patrões, donos do gado, e não se dispensam inteiramente de o fazer, mesmo na presença deles. Às vezes, íamos de carro para qualquer parte, eu e meu pai, e o almocreve, farto de brigar com uma das mulas, que não queria puxar certo, desatava a bater-lhe furiosamente com o chicote, e cada chicotada tinha o reforço de uma injúria grave - Ah!, mula de um filho da... como se a minha avó fosse a mãe dele.

Tinha a religiosidade dos homens da sua condição, o compadre Rabino, mas não era fanático nem supersticioso; acreditava nos santos, e não tinha medo das bruxas.

Do que ele tinha medo, um medo apavorante, era das trovoadas, a tal ponto que em ouvindo um trovão já não sabia onde havia de meter-se... Andava com o gado longe do monte, e o céu entrava a toldar-se, grandes nuvens correndo ao encontro umas das outras, formando esponjas do tamanho de montanhas. Dai a pouco

chovia torrencialmente, e o compadre Rabino, enrolado na sua manta de riscas pretas e brancas, procurava um abrigo, se o havia ali perto, uma árvore ou uma barreira, e aguentava, ao pé da sua obrigação, o dilúvio que sobre ele caía. Mas ouvia-se um trovão, ainda surdo, muito distante, o compadre Rabino tratava de enrolar o gado - ó rapaz, acareia para cá aqueles porcos - e punha-se a caminho do monte. Se a trovoadas o surpreendia, e no mês de Maio as trovoadas no Alentejo armam-se de um momento para o outro, o compadre Rabino largava o gado, carregava-se de trovisco, se por ali o havia, e pernas para que vos quero, até se apanhar debaixo de telha - como se o perigo, abrangendo muitos, fosse menor para cada um. Chegava, esbaforido, a manta pela cabeça, o chapéu debaixo do braço, e o seu primeiro cuidado era entregar o trovisco a uma criada, que tratava de o espalhar por todas as casas, ramo aqui, ramo além, não esquecendo nunca um raminho a tapar o buraco da fechadura na porta da rua. Já minha mãe, também medrosa dos trovões, tinha feito reunir a família num quarto onde não houvesse cobre ou estanho, porque estes metais atraem o raio, de modo que a sua presença, quando troveja, é perigosa para as pessoas. É como se estivesse a ouvi-lo, o pequeno coro de vozes súplicas, erguendo-se numa toada plangente, e os trovões ribombando numa orquestração diabólica, terrificante - como se o Deus bíblico desencadeasse as suas cóleras por sobre as nossas cabeças.

Por que é que o trovisco livra a gente de perigos, ó compadre João?

Não lhe sei dizer, Sr. Compadre, mas sempre ouvi contar que Nossa Senhora, indo para o deserto na companhia de seu esposo e do seu bendito filho, uma trovoadas apanhou-a num descampado, e ela então acolheu-se ao pé de uma trovisqueira, rezando as suas orações. Vai então Nosso Senhor abençoou o trovisco em honra da Virgem Santa.

Também eu rezava a magnificat e cantava o bendito-louvado; mas não tinha medo dos trovões e gostava de ver os relâmpagos, como faíscas, riscando a atmosfera espessa, e seguia com a maior curiosidade, como se quisesse penetrar um mistério, toda a evolução do estrondo atmosférico, desde o estampido inicial, como um estalo de madeira seca, até ao sussurro longínquo, quase apagado, como o de um vagalhão que morre na areia.

Nos primeiros dias de Outubro, às vezes nos últimos dias de Setembro, o compadre Rabino ia encabeçar os montados, e sempre os seus encabeçamentos eram mais exatos que o cômputo das receitas e despesas no Orçamento Geral do Estado.

- O Sabugueiro está carregado de comida; deve fazer umas quarenta cabeças. O Poço Seco não pode fazer mais de trinta. O sobro está bom, mas o Sr. Compadre bem sabe, afogado em mato...

Claro está que o compadre Rabino não tinha um processo especial, um processo seu para encabeçar um montado; mas tinha a pachorra de estacar diante de cada árvore, mirando-a bem, quase contando-lhe as boletas, e assim os seus cálculos tinham a possível exatidão. Ao encetar a sua tarefa, metia umas poucas de pedras na algibeira da jaleca, lado esquerdo, cada uma das pedras correspondendo a um porco magro. À medida que ia engordando essas cabeças, passava-as para a algibeira direita, e assim, terminada a vistoria, contando as pedras que tinha nessa algibeira, sabia quantas cabeças fazia o montado. Podia vir mau tempo; as geadas queimarem a boleta; o vento sacudia as árvores, formando soleiras que o gado não podia levantar, ficando para ali a comida a estragar-se. Com estes acidentes nada tinha o compadre Rabino, que baseava o seu cálculo na inspeção direta e confiava na regularidade dos fenômenos atmosféricos, mais do que era permitido à sua experiência de maioral.

Quando eu apanhava licença para ir ao Poço Seco levar as comedias ao compadre Rabino, que ali andava com o alfeire, o meu contentamento não tinha limites. Era uma jornada de vinte e tantos quilômetros montado no Carrula, um macho velho que havia em minha casa, muito manso, muito vagaroso - não mudava uma pata sem pedir licença à outra. Havia um perigo no caminho, se o Inverno era de chuvas copiosas - a ribeira de S. Romão, que enche com facilidade e é caudalosa como um rio africano. Recomendava então meu pai:

- Se o macho fizer querena de não atravessar a ribeira, não o obrigue, venha-se embora.

Na verdade o macho sabia calcular muito melhor do que eu o volume de água que levava a ribeira, e porque era um animal calmo, raciocinador, em ele recusando atravessá-la, o que havia a fazer de melhor era aceitar-lhe a indicação.

As comédias ficavam aviadas de véspera, de modo que eu podia abalar cedo, à hora que me aprouvesse, e como não pregava olho em toda a santíssima noite, a antegozar a jornada, mal luzia o buraco saltava da cama, e era num rufo enquanto me punha a caminho.

A alegria do compadre Rabino em me vendo, e a sua carinhosa solicitude em arranjar-me um bom almoço que eu dispensava quase sempre por ter almoçado a choutear no Carrula.

- Os Srs. Compadres como estão?, os manos?, toda a mais família?

Estavam todos bem, e recomendavam-se muito.

- Quanto estimo! Quanto estimo!

Guardadas as comédias e dada a ração ao macho, o compadre Rabino convidava-me a ir ver o gado, ia dar uma volta pela herdade, convite que sempre aceitava, jubiloso, vendo-me tratado como uma pessoa grande, um homem que fosse dono daquilo tudo.

- Isto é uma bela herdade, Sr. Compadre. O Sr. Seu Pai nem sabe o que aqui tem. Se andasse limpa, fazia o dobro do gado, não falando da pastagem, que podia ser desfrutada com ovelhas. Mas quê!... Há aí estevas maiores que as azinheiras. Então os sobreiros, coitadinhos, até faz pena olhar para eles. Alguns já são velhos; mas as estevas e as daroeiras chupam-lhes as raízes, e os pobres, em vez de crescerem, até parece que mínguem. Só com o dinheiro da cepa, vendida para carvão, o Sr. Compadre limpava a herdade sem pôr nada da sua algibeira.

Para me tornar mais sensível aos seus argumentos, o compadre Rabino levava-me por onde o mato era mais espesso, recomendando-me sempre que tivesse cuidado não fosse rasgar o fato e fazendo-me notar que as árvores, ali metidas, nem rama davam, quanto mais boleta.

Eu concordava com o compadre Rabino, às vezes nem sequer ouvindo o que ele dizia, entretido a colher medronhos, a colhê-los e a comê-los, porque eles eram magníficos, muito vermelhos, grandes e carnudos.

- Não se meta muito neles, Sr. Compadre, porque pode agarrar uma bebedeira. Eu logo apanho uma porção para levar.

Se o gado estava bom, o compadre Rabino não se dispensava de me dizer que melhor ele estaria se meu pai, fazendo como ele tinha aconselhado, deixasse ficar no monte umas trinta cabeças para levar à Feira de Castro. Se estava magro, pior que à saída do restolho, explicava que se tinha perdido muita comida com as geadas e que o gado, tendo de ir beber fora da herdade, perdia nessas andanças muito lustro e chorume.

- Ele água há em toda a parte, Sr. Compadre, o ponto é procurá-la. Todas as herdades que pegam com a nossa têm água com fartura. Ainda no outro dia, no Azinhal, abriram um poço, e quando chegaram à fundura de pouco mais de um homem, veio um jorro de água que parecia um braço de mar. Ora, se há de haver aí água! O Sr. Compadre o que devia era trazer aqui um vedor e abrir um poço onde ele dissesse.

Eu nunca tinha pressa de abalar, mas o compadre Rabino é que nunca se esquecia de que eu tinha de fazer, para chegar ao monte, umas boas três léguas da velha.

- Vão sendo horas, Sr. Compadre. A jornada é comprida, e o machinho não é grande coisa a andar.

Se à ida eu não tinha entrada em casa do compadre Rabino, passando fora de Messejana, à volta não me dispensava de o fazer, o que dava uma grande alegria à comadre Maria Inácia e à tia Mônica - além de que me fazia pousar em cavaleiro perante as gentes do povoado.

Quem me dera nesse tempo!

A comadre Maria Inácia era das mulheres mais feias da vila e termo, mas a sua fealdade não era repulsante, antes a disfarçava, quase tornando-a simpática, uma bondade que a todos prendia. Eu era, para ela, o Sr. Compadrinho, e por seguro tenho que ela não distinguia, na repartição dos seus afetos, alma afetuosa que era, entre os seus filhos e netos e os Srs. Compadres das Mesas, grandes e pequenos.

A tia Mônica, baixota, redondinha, era surda como uma porta e falava a toda a gente quase a gritar - como se os outros é que fossem surdos. Era de uma alegria exuberante, fato excepcional nos surdos, que são, por via de regra, de uma tristeza sombria, ásperos, quase agressivos no seu trato. Os cegos, pelo contrário, são criaturas de bom humor, muito expansivos, de fisionomia aberta e iluminada, como se a luz que lhes falta nos olhos se lhes difundisse na cara. Figuro a hipótese de não ouvir, e parece-me que em pouco isso alteraria o meu viver habitual; figuro a hipótese de não ver, e instintivamente levo a mão à algibeira a verificar se trago o revólver.

Era uma grande frasquejadeira, a tia Mônica, e fazia uns ladrilhos de marmelada que eram dignos da mesa de um rei, sem quebra das minhas convicções republicanas. Diz-se que há famílias de bandidos, verdadeiras dinastias de facínoras, como se os germes da criminalidade andassem diluídos no sangue e fossem passando de uns para outros por via hereditária. Pois também há famílias de gente boa, dinastias de homens honrados e mulheres castas, podendo-se afirmar que nenhuma excederia em pureza a que o compadre Rabino representava.

De uma vez... Era quinta-feira de Ascensão, e o compadre Rabino, todo barbeado, com fato domingueiro, apareceu no monte pela meia tarde. Via-se que tinha bebido a sua goladinha porque falava com muita vivacidade e gesticulava com alguma exuberância.

Tem vagar, compadre João?

Se a Sr.a Comadre precisa de mim, lá o vagar arranja-se.

Tratava-se de colher uma porção de avenca, da muita que o poço tinha, e que minha mãe queria guardar, bem seca, para cozimentos.

Aqui vamos todos a caminho da cerca, lá em baixo, rente ao barranco, o compadre João com uma grande escada às costas, as criadas com o farnel, minha mãe com uma joeira destinada à avenca, meu pai com o mais pequeno de meus irmãos pela mão, e o Manuel Narciso, no seu abominável saracoteio de maricas, levando ao quadril, como as mulheres, uma infusa com vinho.

O poço tinha mais de um homem de água, e quando o compadre Rabino começou a descer a escada para colher a avenca, meu pai recomendou-lhe que tivesse muito cuidado, não fosse cair. De tal forma ele se arranjou que lhe escorregaram os pés ao mesmo tempo, e aí vai deslizando pela escada, sem querer largar a joeira. Já metido na água até ao pescoço, agarrou-se escada com as duas mãos, conseguindo sair do poço sem um fio enxuto.

Ficou mal, compadre João?

Nada, mal não fiquei; mas ainda lá volto antes de mudar de copa, que a Sra. Comadre não há de ficar sem a avenca.

Era dedicado até este ponto o compadre João Rabino.

Explicava ele depois, no outro dia:

- Quando me escorregaram os pés, cuidei que ia morrer afogado; mas assim que entrei na água, ergui os olhos ao céu e vi Nossa Senhora da Assunção no bocal do poço a rir-se para mim. Foi então que deitei fora a joeira e me agarrei à escada com unhas e dentes.

Ninguém mais tinha visto a Senhora da Assunção no bocal do poço a rir-se para o compadre Rabino; mas tinha-a visto ele, e como ao seu aparecimento atribuía a sua salvação, mandou-lhe dizer uma missa cantada, e ofereceu-lhe um alqueire de azeite, que naquele ano se vendia a quartinho.

As porcas afilhadas era o compadre Rabino quem tratava delas - delas e dos filhos. A cortelhada, graças aos seus cuidados, parecia uma creche em que as crianças fossem bacorinhos.

Andava tudo num brinco, o corredor, ao centro, varrido duas vezes ao dia, e as camas de junco, nos cortelhos, renovadas amiúde para que não estivessem sujas.

- O porco é o animal mais asseado que há, Sr. Compadre.

Porventura o burro será o mais estúpido animal de quantos existem?

É preciso conhecer muito pouco o homem para sustentar uma opinião semelhante. Certo que de um indivíduo muito estúpido se diz que é muito burro; mas não é menos certo dizer-se que tem talento como um burro um indivíduo que é muito inteligente.

Os porcos não bebem a água suja do maceirão, e quando dormem no pocilgo, não urinam na cama, se a hora certa, pela noite adiante, o maioral tem o cuidado de os fazer sair - procedendo como as mães solícitas com os filhos pequeninos.

Porcas havia - grandíssimas porcas - que não faziam caso das crias, e então o compadre Rabino moía a paciência a demovê-las dos seus ruins propósitos, fazendo-lhes todas as gatimanhas que podem enternecer... um suíno. Dava-lhes palmadinhas na testa e no lombo, fazia-lhes cócegas muito levemente na barriga, e com muita arteirice ia pondo os bacorinhos a mamar, mais conhecedor da psicologia das fêmeas, sejam porcas, sejam mulheres, que muitos psicólogos de carreira. O leite é uma secreção que precisa de ser exaurida para que as fêmeas que o produzem tenham saúde.

Com muita arte, o compadre Rabino fazia adotar por uma porca os filhos de uma outra, e as porcas, honra lhes seja, prestavam-se complacientemente a esta manobra, dando assim aos humanos um grande exemplo de abnegação.

Às vezes, o compadre Rabino aparecia de semblante carregado, o ar triste de um homem que passou por uma grande contrariedade ou sofreu um grande desgosto.

Há alguma novidade, compadre João?

Novidade!... Esta noite pariu aquela marrã que ficou mal capada e comeu os bacorinhos. A minha vontade foi dar cabo dela! Eram cinco bacorinhos tão perfeitos! Não torna a fazer outra, isso lhe juro eu. Por minha vontade, já ela cá não estava há muito tempo... Parecia que me adivinhava o coração!...

As porcas não são as únicas fêmeas que comem os filhos num acesso de loucura puerperal; mas entre elas o fato dá-se com relativa frequência. Os que ignoram a sua razão científica atribuem-no a uma perversão de instintos, a uma ferocidade canibalesca, que é a negação do que há de fundamental na psicologia das mães. Nunca pude compreender a razão por que o Cristo, fazendo sair os diabos do corpo de certas pessoas, os autorizou a meterem-se no corpo de uns suínos que andavam ali perto foçando e logo desataram a correr para o mar, afogando-se em tropel.

Eles não eram escribas nem fariseus - filósofos de tromba retilínea, alheios a toda a especulação religiosa.

O compadre Rabino!

Como não havia de querer-lhe muito se ele, incapaz de mentir em seu proveito, mentia para me livrar de uma sova, e Deus sabe de quantas me livrou a sua complacência na mentira! Pelas debulhas, à hora de maior calor, no giro do meio-dia, apanhando meu pai deitado e minha mãe entretida a repartir o jantar da ganharia, eu abalava com outros moços e íamos nadar num dos pegos do barranco, a que se chamava o Burdo. Mesmo suando, atirávamo-nos à água, e ali andávamos, os que sabiam nadar, serigaitando dentro do pego na desenvoltura de golfinhos. Durava a folia uma meia hora, porque eu precisava de chegar ao monte com o compadre Rabino, que me serviria de testemunha abonatória, caso minha mãe tivesse dado pela minha escapulida.

Tu foste nadar?...

Nadar, Sra. Comadre, não foi. Esteve com a gente à sombra, debaixo de uma oliveira.

Pouco dado a especulações metafísicas, o compadre Rabino nunca inquirira das razões por que Deus criara os animais daninhos e toda a bicharada inútil. Mas não se conformava com a criação dos ciganos, gente incapaz de trabalhar, vivendo só do roubo e da burla.

- Com ciganos nem para o céu.

Ora sucedeu que uma vez, pela Feira de Garvão, em princípios de Maio, um bando de ciganos chegou ao monte, já quase noite, e pediu agasalho.

- Fiquem para aí.

Apeteceu ao compadre Rabino, depois da ceia, visitar o arraial dos ciganos, e travou-se de conversa com um deles, já velho, mais bem encarado que os outros.

Não vai à feira, maioral?

Não vou. Tenho aí uma burrita para vender, mas fica para a Feira de Santo Antônio.

Eu compro-lhe a burra.

No dia seguinte, logo pela manhã, lá estava o cigano ao pé dos porcos, decidido a comprar a burra.

A primeira ideia do compadre Rabino foi não vender a burra ao cigano, nem que ele lhe desse por ela um conto de réis. Mas entrou a conversar, a discutir, e daí a pouco estavam encalhados no preço, o cigano a dizer que não podia dar mais de seis mil e quinhentos, e o compadre Rabino jurando que lha não dava por menos de duas libras - tão certo como estar-nos Deus ouvindo!

A burra não era grande coisa, já velha, parida umas poucas de vezes, mas não tinha as mazelas que o cigano lhe atribuía. Pois se ele até fez com que o compadre Rabino lhe visse uma névoa no olho esquerdo!

O caso é que a burra foi vendida pelos 6\$500, e ainda a corja não tinha saído da herdade, já o compadre Rabino clamava que o cigano o tinha roubado porque a burra valia muito mais.

Passados uns quinze dias, os mesmos ciganos apareceram, bivacaram no mesmo lugar, mandando dizer ao monte que ali estavam, para efeitos da ceia.

O compadre Rabino não se conteve que não fosse de visita ao arraial dos ciganos, disfarçadamente, como quem não quer a coisa, a ver se eles ainda se não tinham desfeito da burra.

Vossemecê arranjou-me bem, maioral. A burra tinha alifafes nas duas mãos, e em andando meia légua entrava numa ofegância que parecia querer deitar os bofes pela boca.

Então vendeu-a?

Qual vendi! Entreguei-a pelo primeiro dinheiro que me ofereceram por ela, sempre a ver quando caía para nunca mais se levantar. Olhe que sempre foi uma partida!...

Pois se você ainda a tivesse, desfazia-se o negócio, e eu dava-lhe pela burra o mesmo por que lha vendi.

Conversa para aqui, conversa para além, uma cigarrada, acabando o cigano por lhe perguntar se já estava governado com respeito a jumenta.

Não estou. Já agora espero a Feira de Santo Antônio.

Pois eu trago aí um animalzinho que lhe deve servir.

Sem esperar resposta, foi buscar a burra, bateu-lhe duas palmadas na anca e disse ao compadre Rabino que a montasse e visse o belo cômodo que dava.

Embora resolvido a não fazer negócio, o compadre Rabino pôs-se a mirar a burra, abriu-lhe a boca, examinou-lhe os dentes, curvou-se para lhe examinar os cascos, deu-lhe palmadinhas na barriga.

- O raio da burra - murmurou por entredentes -, é a outra por uma pena.

Saltou o cigano para as ancas da burra e, excitando-a com uma dupla chicotada nas ilhargas, obrigou-a a correr na extensão de alguns metros, voltando na mesma corremaça ao ponto de partida.

- Isto vale quanto pesa, maioral. E então mansinha como uma borrega.

Fechou-se o negócio - doze mil réis.

No outro dia, quando o compadre João Rabino apareceu no monte, todo ancho, montado na sua jumenta, os outros criados gritaram, em coro, mal o viram:

- Olha a burra do tio João Rabino! Como é que ela lhe veio parar de novo às mãos, ó tio João?

O compadre Rabino sorriu-se, desdenhoso, e disse-lhes, como para dispensar outros argumentos:

Vocês até se esqueceram de que a minha burra era bragada na barriga. Acudiu logo o Manuel André, que por ter sido almocreve toda a vida conhecia bem as traças dos ciganos:

Lá isso, tio João, não quer dizer nada. Ora espere aí que eu já lhe conto um conto...

Daí a pouco, estava o Sr. Manuel André, armado de uma luva e ferro de limpar as mulas, a esfregar a barriga da burra como se fosse um sobrado. A água e o sabão fizeram o milagre, pondo a descoberto, na barriga desta burra, a mancha branca que tinha a outra no mesmo lugar! Um bocado de cortiça queimada, umedecida com azeite, fizera desaparecer a mancha branca, que era, para o compadre Rabino, a característica inconfundível da sua burra - inconfundível e inapagável.

Os ciganos!

Rebeldes a toda a disciplina, incapazes de qualquer trabalho honesto e aturado que lhes garanta os meios de subsistência, os ciganos vivem do roubo, e nada mais; é, bem consideradas as coisas, o comércio que eles fazem com bestas. Nas mãos de

tal gente não há cavalgadura molengona, e apresentado por um cigano numa feira, qualquer vil pileco tem ares de um cavalo de cem moedas. Comprar, vender e trocar bestas é o único ofício que exercem, o único comércio que praticam, e cada uma destas operações nada mais é do que uma modalidade do roubo, o roubo quase sempre astucioso, algumas vezes, não podendo ser de outra maneira, violento.

- Dá-me licença que monte o cavalo? Aqui tem o sinal, para o caso do negócio me convir.

Escarranchado na sela, o cigano mete o cavalo num trote discreto, e quando se apanha fora da correioira, por aqui me sirvo, numa correria doida, como se fosse tirar o pai da forca. Grande banzé, um levantamento geral contra os ciganos, que são obrigados a abandonar a feira, mas que na confusão sempre larapiam qualquer coisa, retirando alguns com a cabeça rachada.

É má gente, dizia meu pai. Mas correioira em que não haja ciganos, não presta.

Estou a vê-los no arraial que eles faziam ao pé do monte, por ocasião das feiras no distrito de Beja para baixo! Era um acampamento de gente imunda, esfarrapada, dormindo ao relento, sobre enxergas, numa promiscuidade bestial. São muito prolíficos os ciganos, e isso explica porque a raça subsiste, a despeito de todos os baldões da sorte. Casam segundo o seu rito, e diz-se que as mulheres, por via da regra, são de uma grande fidelidade conjugal. Envelhecem muito cedo, as ciganas, principalmente quando têm filhos, e como velhas são de uma fealdade execrável.

As raparigas têm uma singular predileção pelas cores vistosas, berrantes, e eu gostava muito de as ver, carregadas de saias, quer fizesse frio, quer fizesse calor, saias de barra vermelha, cobrindo-as um vestido de folhos, em jeitos de balão policrômico. O seu penteado - uma garridice - era bizantino, de risco ao meio, e fazia-me desagradável impressão, quase de nojo, o lustro do cabelo, quase a escorrer banha de porco.

Os rapazes, altos e magros, olhos negros, a face macilenta, os dentes muito brancos, os lábios descorados, uma barbinha rala salpicando-lhes a cara, encantavam-me pela sua agilidade, sobretudo quando jogavam o pau, dando saltos prodigiosos.

Em se dizendo "Aí vêm os ciganos!", minha mãe dava logo ordem para se meter em casa tudo aquilo, fosse o que fosse, a que eles poderiam deitar a mão, e mais cedo que de costume, antes do sol-posto, recolhia a criação - as galinhas e os perus, indo o moço da água passar vistoria às serras de palha e ao monturo da lenha, delgada e grossa, em demanda de algum ovo que por lá houvesse.

Pediam tudo, os ciganos, e não havia recusa que os desanimasse. "Uma gotinha de azeite, Sra. Lavradora! Um bocadinho de toucinho, por alma de quem lá tem no outro mundo! Umas ceroulas que o Sr. Lavrador já não queira! Uma camisinha para o meu menino, que não tem que vestir! Uma chávena de mel para um xarope! Uns sapatos que a Sra. Lavradora já não use! Uma gorpelha de palha para os nossos burrinhos! Uma esmolinha em dinheiro para ajuda de uma missa à Senhora da Cola!"

Os ciganos!

Singular raça a desses boêmios, incapazes de se fixarem em qualquer parte, e na sua eterna peregrinação, hoje aqui, amanhã além, praticando o roubo como um modo de vida, talvez honestos adentro de uma moral que as gentes civilizadas ignoram!

Velho de mais de 80 anos, mas ainda rijo, andando sem arrastar os pés, o compadre Rabino, sabendo que eu estava em Aljustrel, foi visitar-me.

Acho o Sr. Compadre estragado.

São os anos, compadre João.

Os anos! Parece-me que ainda me doem os braços de o trazer ao colo.

Morreu em terça-feira de Entrudo e deve ter ido direitinho ao céu, alojando-se na mansão destinada aos bons - se é que não se pratica lá uma injustiça igual à da Terra.

HISTÓRIA DE DOIS PATIFES

FIALHO DE ALMEIDA

Toda a manhã, Fernanda andou impaciente pelas casas, esperando os gatinhos. Ao acordar, fora aquela a sua primeira ideia - os dois pequeninos animais, cheios de viveza e graça, em cujos olhos ria uma inocência travessa e doce. Havia tempos que a tia Consuelo lhos prometera, quando fossem crescidinhos. E a cada visita à boa senhora, Fernanda levava horas e horas com eles, brancos de neve, uma finura de penugem que acariciava a pele, as duas cabecinhas inquietas com orelhas que se fitavam petulantemente, a cada ruído do gabinete. Fernanda tinha uma paixão por aqueles dois diabitos brancos que levavam os dias, ou sugando as tetas da mãe, grande gata de pelo fulvo e pupilas glaucas, ou rebolando no tapete os corpinhos elétricos, numa embriaguez de vida que fazia prazer. O gato era o mais leviano, com as suas patinhas fofas e os dedos rosados na planta, de que as unhas transparentes e curvas saíam desembainhadas, nos momentos de irritação, se lhe pisavam a cauda. Tinha os olhos azuis, cheios de fibrilhas inquietas mais escuras, uma ingenuidade selvagem no encarar, fitando as orelhas veludinosas, em que parecia residir toda a petulância dessa cabeça infantil. O focinho cor-de-rosa, com barbicas alvoroçadas, sorria um pouco, mesmo quando assanhado, e de gengivas, vermelhas e úmidas, os dentinhos em serra, agudos e pequenos, ressaíam gulosos, desafiando a gente. A gatinha afetava mais seriedade e mais *coquetterie*, uma ambição contida de se fazer senhora, e uma ciência complicada em se fazer amar do macho. Nunca era a primeira no ataque, e zangava-se, mal pressentia uma ofensa. À comida exigia os melhores pedaços, rosnando sôfrega, com a pata irriçada de unhas curvas, contra o primeiro que lhe chegasse ao prato. Dormitava muito, como a mãe; às vezes o irmãozito chegava-se cauteloso, estendendo as patas e movendo vagorosamente a cauda, as pupilas cheias de um clarão de patifaria. Com um movimento destro erguia uma pata - zás! - no ventre da sua companheira, que entreabria preguiçosamente os olhos, imóvel, com o focinho enterrado na penugem do ventre. Esta indiferença benévola arrojava o *gaillard* do gatinho a maiores garotices. Chegava-se muito meigo, unhas escondidas, o dorso alto, as orelhas chatas e deitadas para trás. Com as duas patas da frente, cingia o pescoço da pequenina, e entrava a morder-lhe repetidamente o peito, os lábios, a pontinha das orelhas, enquanto com as unhas traseiras lhe raspava voluptuosamente o ventre e as coxas, provocando cócegas.

Ela estremecia, toda percorrida de um gozo íntimo e alongando o corpo para trás; e de ventre para o ar ficava imóvel, espreitando, com a boca entreaberta e os olhitos reluzentes de uma cáustica lascívia, de bacante nua. Abraçavam-se então, lutando, as caudas em espiras; armavam saltos por cima dos móveis, iam esconder-se nas franjas espessas dos *fauteuils* muito baixos e, suspendendo-se em cacho dos pés esculpidos das consolas incrustadas de metal e madrepérola, sacudiam-se, balançando os corpos como dois ginastas em exercícios de destreza. A tia Consuelo impacientava-se já de semelhantes correrias. Descobria uma nódoa no carmesim

do divã da sala e achara estripado a unhas o ventre de uma antiga *bergère* preciosa, do tempo da senhora infanta D. Ana. Além disso, a estroinice dos brutinhos punha uma nota impertinente na monotonia sonolenta da casa, antiga casa cheia de silêncio e conforto, onde o piano dormia meses inteiros e os móveis do salão alinhavam, como colegas em revista, os seus bojos vestidos em camisas de bretanha.

A gatarrona mãe, toda insensível às festas, muda e empertigada como a dona da casa, era tão indolente como esta; e ao lado de D. Consuelo, sobre uma almofada de seda, dormia dias inteiros, com uma coleira escarlata de fechos de ouro. Só ela, com a sua idade circunspecta e a sua moleza freirática, dizia bem no salão de cores austeras em que D. Consuelo recebia os padres de S. Luís e as irmãs do Coração de Maria, e levava as tardes sepultada na *voltaire*, toda amortalhada em veludo negro, touca de rendas pretas e as *Meditações sobre o Divino Jesus* nos joelhos. De forma que, um domingo, determinou expulsar do santuário os patifes ruidosos, o que alegrou Fernanda vivamente: ia enfim ser toda daqueles garotinhos gentis e ferozes.

Era domingo, luminoso dia de Primavera germinadora e florida, sonoro de rumores de gente festiva e cortada de voos de andorinhas meigas, que entravam a construir os ninhos pelas cimalhas das águas-furtadas. Fernanda não quis almoçar sem que os bichos viessem; conseguira dois lugares à mesa para eles; a gatinha ficar-lhe-ia quase no colo, o gato mais longe, com um pratinho de porcelana provido dos melhores bocados. E que nome lhes poriam? Foi um meditar profundo sobre o problema.

Houvera em casa uma gata francesa, que morrera de velha e tinha um rabo branco caricioso - a *Blanche*. Pobre querida! Estava sepultada no jardim entre duas roseiras de todo o ano. E Fernanda recordava o seu modo subtil de se roçar pelas saias à comida, com o ronrom dolente de uma beata oferecendo rezas, e o seu comer dificultoso de desdentada, rejeitando os ossos das perdizes e preferindo bolos fofos, de recheios aromáticos, que ao almoço se serviam em pilhas, sobre cabazinhos de rosas, de velho Sevres rococó. E aparecera morta uma manhã de Inverno, ao pé do lago. A gatinha devia chamar-se *Blanche* também, um nome da cor do seu vestido cetinoso de princesa. Mas o Artur, o garoto mais velho da casa, era de opinião diversa. Segundo ele, deviam batizar-se os dois *bebés*, na banheira de mármore do rés-da-chão, sendo ele padrinho, mais o trintanário.

Mergulhariam os moiritos na banheira cheia de uma água perfumada, ao som de rezas que só ele sabia, e de umas bengaladas valentes, ao primeiro berro que soltassem os neófitos, na banheira trasvazando. Depois do que, seria servido vinho aos pequenos, com aplicação de pancadaria suplementar e guizadas ao pescoço - o que os tornaria fortes, avisados e aptos à compreensão da vida e à constância na luta com as arganaças, que por acaso encontrassem nas excursões à despensa ou

às cocheiras da casa. Fernanda magoou-se com semelhantes opiniões, e quase chorou pelos pobres inocentes que lhe mandava, do fundo do seu conforto beato e egoísta, a boa tia Consuelo. Quando eles chegaram num cabaz de vimes, com laços ao pescoço e um pouco assustados da jornada, Fernanda não sabia que fazer para melhor exprimir a sua satisfação: era um coro de risos cândidos e gorjeios inocentes; ia do pai para os joelhos da mamã e, esquecida já das maldades do Artur, passava-lhe os braços ao pescoço, cobrindo-lhe a face de beijos. Quisera para os dois gatinhos todo um palácio de seda e gulodices, com o seu trem completo de cozinha, a longa bateria de peças de folha reluzentes e pequenas, fogões instalados nos respectivos poiais de madeira pintada, um serviço de porcelana fina, mobília e carruagens elegantemente forradas a pedaços de cetim de todas as cores, lavatórios e leitos, uma multidão de objetos microscopicamente construídos, que a paciência da mamã adquirira durante uma semana inteira de investigações, pelos armazéns de quinquilharias da cidade. E a instalação, que encantadora e que trabalhosa!...

A gatinha saltava desdenhosamente por cima das otomanas e das *causeuses* delicadas, atirava com lavatórios e caçarolas, fazendo com a cauda desabar os guarda-louças tão ricamente providos. Quanto ao gato, foi impossível metê-lo no quiosque dourado, onde tantas preciosidades de mobília se acumulavam. Ao primeiro esforço de Fernanda para o fazer entrar, assoprou raivoso, desembainhando unhas ameaçadoras contra a doce protetora, que tão generosamente lhe ofertara opulência e conforto. E, apenas o largaram no *parquet*, desatou a fugir pelas salas como um desalmado evadido. Em breve, Fernanda se persuadiu da impossibilidade completa de fazer caseiro o *ménage*.

E a pomposa e pequenina residência passou a ser habitada por uma família extraordinária de bonecas de todos os tamanhos. A paixão do loiro amorzinho pelos dois maus animais vertia agora o fel de uma ingratidão profunda. Ela não podia compreender realmente o desdém soberano dos gatos pelas magníficas provas de amor que lhes dera, no seu entusiasmo de pequena caprichosa. E, nos primeiros dias, os seus afagos para os gatinhos orvalhavam-se das lágrimas dum ressentimento angélico e mal contido. Eles, os dois patifes, adquiriram pouco a pouco a sua franca e leviana liberdade; ao almoço e ao jantar subiam pelos vestidos e pela toalha, reclamando em voz alta o seu talher de pessoas de família; atacavam sem a menor cerimônia os pratos que apanhavam sem guarda no aparador e nas bancas da cozinha; iam miar em coro por baixo das alcofas da carne crua e dos cabazes providos de peixe fresco; escamugiam-se sorrateiramente para a despensa, a encherem os bandulhos de quanto apanhavam de succulento, e umas vezes por outras, nas noites úmidas e chuvosas, tinham o péssimo costume de afiar as unhas nos mognos polidos e nos estofos matizados dos gabinetes, sulcando e rasgando, sem preferência e sem atenção de preços. Fernanda ria com eles e achava-os de uma graça cativante.

E, a todo o transe, defendia-lhes as velhacadas, orgulhosa de sofrer pelos que amava com tamanha loucura.

Chegou o dia dos anos do Artur - uma quinta-feira, em Maio. Determinaram ir passar o dia à quinta, em Carriche.

la a boa dama Consuelo, as pequenas Magalhães, as primas Lopes e todo o mundo infantil da família. Na véspera, disfarçadamente, enquanto o Artur estava no colégio, Fernanda saíra com a mamã à compra de presentes para o dia seguinte. Tinha um mundo de projetos na mente: torres ideais de cartonagem com sinos dourados e portais de colonelados; jardins de cascatas surpreendentes; grandes exércitos de chumbo formados em ordem de ataque com baterias de latão; as arcas de Noé, em que reside um mundo inteiro de bugigangas coloridas; esquadras empavesadas de flâmulas com almirantes de estanho, comandando tripulações de madeira suíça; pequeninos teatros com figuras de verniz e paisagens ternas de Nuremberg; tudo quanto a fantasia pode realizar de pueril e caprichoso e quanto uma criança pode exigir, na incoerência dos seus devaneios cor-de-rosa.

A mamã aconselhava um cabazinho de doces frescos, do Baltresqui. Era mais delicado! Mas Fernanda tinha os olhos numa catedral de madeira branca, elegantíssima de cúpulas e rendilhados, por cujo pórtico profundo e alto, na sua escadaria de balaústres góticos, urna multidão de fiéis ia subindo, colada com goma-arábica.

- Que lindo, mamã, que lindo! - dizia ela pousando devotadamente as duas mãozinhas *toute roses* no magnífico zimbório com ventanas de espelho e ornatos de cartão, representando faunos engalfinhados. E imperiosa, empertigada nos tacões dourados dos seus sapatinhos de verniz, declarou que escolhera, e que o Artur deveria ficar muito encantado de um presente de tal modo original. A catedral foi conduzida na carruagem com extremas cautelas, ao lado de um chapéu que para a pequenina a mamã escolhera na Emília d'Abreu. Recolheram cedo a casa, antes de o pequeno voltar, e à noite, num gabinete fechado e sobre a larga mesa coberta de tapete, os presentes da família e dos amigos do Arturinho ostentavam, num soberbo bazar, as suas formas pitorescas e os seus matizes originais. Eram os cabazes de camélias vermelhas, bordadas de heras e pequeninos *bouquets* de violetas de Parma; as bocetas de cores vivas e esmaltes garridos, túrgidas de doçarias caras; grupos de porcelana e *terre-cuite* numa infinidade de posições ingênuas ou garotas. A Laura deixara a sua fotografia risonha de querubim pensativo, um rostinho doce coroado de uma bela cabeleira loira, em anéis. E os amigos todos, o Alfredo, o José e os dois gêmeos Nogueiras, tinham vindo trazer uma lembrança amável, chicotes, capacetes, cavalos de molas, mágicos em caixas, o diabo! Ao centro, a catedral de Fernanda, com as suas torres severas, de um gótico amaneirado, e o seu zimbório de colonelados flexuosos, erguia-se

majestosamente no meio da cidade de camélias e violetas, e das pinturas vívidas dos cofres, cheios de rebuçados e pastilhas e aromatizados das mais finas essências.

Por entre as *corbeilles*, extravasando cores e perfumes, os gitanos de *terre-cuite* dançavam aos pares, e as pastorinhas de louça com os seus trajos coloridos e os seus rostinhos frescos, pareciam de antemão celebrar a formosa manhã a desabrochar no aniversário do dia seguinte.

Como o Artur ficaria contente, quando ao outro dia abrissem à sua curiosidade aquele profuso mundo de brinquedos e gulodices!... E Fernanda, nos bicos dos sapatinhos e sem fazer ruído, arrumava e dispunha tudo, ao lado da mamã, tocando com as pontas dos dedos as cousas, como numa capela, absorta num êxtase profundo de sonhos inocentes, como se o seu espírito viajasse por um grande país de quinquilharias ideais e maravilhosas.

Quando acabaram a tarefa, a mamã sentou-a no colo, comovida por aquela dedicação fraternal e solícita, que tudo queria para presente de anos do Artur; beijaram-se ambas, por muito tempo.

- É verdade - disse Fernanda -, e o chapéu?

A mamã foi buscar o chapéu: era um delicioso *bijou* de palha amachucado à banda, com um ramalhete de miosótis adoravelmente perdido num tufo de gaze fina, tão fina que mal apertava na mão, parecendo espumar por entre os dedos, como champanhe vertido de uma torneira.

A pequenina quis pô-lo: ficava graciosamente, um pouco tombado sobre os olhos.

De sob as abas, em caprichosos rodopios, rebentava a cabeleira loira de querubim, que adquiria contra a luz transparências de oiro fino, enquanto uma onda de tule branco ia cingir-lhe o pescoço, como aragens tecidas por mãos de princesas mouriscas, das que falam os contos do Meio-Dia.

O desejo de Fernanda era não tirar mais esse pequenino e fresco chapéu, cuja aba tombada enchia de uma sombra úmida os seus grandes olhos. Mas era forçoso esperar o dia seguinte, quando fossem para a quinta. A pequenina exigiu que o chapéu ficasse sobre a banca, entre os presentes de anos do Artur, descoberto e aninhado na sua onda fofa de tule branco. Esteve ainda a olhá-lo: os miosótis com as florinhas miúdas, de uma contextura paciente e nítida, dispostas num forte cacho azul, entre folhas verde-baço, davam um encanto ingênuo à copa cônica, um pouco extravagante talvez. Visto de lado, parecia um ninho de penugens tépidas, de que os passarinhos houvessem partido um minuto antes. De repente a sineta tocou: voltava o Artur do colégio. Fecharam a porta do gabinete muito depressa, não desconfiasse ele. No dia seguinte, quando lhe mostrassem tudo, dizendo: - *Aí*

tens, é para ti... - que loucuras e que júbilos não comoveriam esse vermelho endiabrado, de que os velhos criados tinham já medo! Apenas o gabinete ficou só, a gatinha trepou para cima da mesa, e pôs-se a mirar tudo, dando passadinhas leves, toda cautelosa pelo meio dos presentes acumulados, cheirando e lambendo aqui e além. Nos seus olhitos garotos, um clarão de malícia ingênua, parecia beber enlevadamente os matizes; farejava os cofres por todos os lados, baixando a cabecita, como quem reflete. Diante da catedral o seu pasmo pareceu crescer, porque se deteve de pescoço estendido, a medir a altura das cúpulas, de patas firmes nos primeiros degraus da escadaria, com prejuízo de dois devotos de cartão, que esmagou com uma indiferença soberana. Deu com o chapéu de Fernanda enroscado na faixa de tule branco, e a passadas lentas foi para ele, com o dorso alto, espiralando a cauda, toda contente do achado. A tarde caía, e o gabinete carregava-se de sombra.

Pela vidraça, a paisagem ganhava manchas sombrias e grandes esbatimentos de um vago picado a pontinhos de gás rutilante. Subia do bairro comercial e das grandes ruas de trânsito um *tohu-bohu* de labutas que esmorecem, e carruagens que se perdem circulando. Um sino tocava.

No gabinete, faziam-se deslocamentos confusos de formas e de aromas, e os olhos da gata, fosforescentes, luziam como dois faróis em flutuação, na penumbra alastrada em torno. A palha do chapelito gemeu: a gata acabava de enroscar-se no ninho da copa, fazendo posição, para dormir. Nunca sentira cama mais macia e mais doce que aquele fundo de chapéu forrado de seda branca, onde o tule enrolado dava uma moleza preguiçosa de coxim, de *édredon!* Inda porém não tinha cerrado os olhos, e já o irmãozito, dando um salto ágil, caía em cheio sobre a ampla aba do chapéu amachucando o precioso cacho de miosótis. A *coquette* então ergueu a cabecinha irônica com um meneio crioulo de amante benévola. De cima da aba curva, como de cima de um muro, pendia a patinha do gato, toda branca e nervosa, desafiando.

Essa pata estendeu-se, estendeu-se e, subtil como num jogo de prendas, deu uma sapatadzinha no crânio da fêmea, retraindo-se logo. Mas a gatinha parecia querer dormir e aninhou-se de novo no seu fundo de copa, onde a seda punha a alvura cariciosa de uma alcova.

A tática do gato mudou então: rebolando-se lascivamente pelo declive da aba, o marau pôde atrair a si todo o tule da faixa livre, que Fernanda enrolara ao pescoço, um momento antes.

Uma vez envolto nas ondas de espuma do tecido, entrou a arrastar o chapéu atrás de si, pela mesa fora. Foi o sinal: a gatinha sacudiu rapidamente a sonolência, espreguiçou-se com uma distensão prolongada de patas e de espinha dorsal, escancarando a goela e distendendo as unhas. Esse movimento largo desenhou

vigorosamente o corpinho da fera contente, que desperta. O dorso, de uma alvura singular de arminho, teve um lampejo brusco de centelha, quando o crânio chato e muito curto de maxilas ferozes, roçou com um deleite pérfido de volúpia as penugens imperceptíveis das patas, armadas terrivelmente de alfanjes curtos. Com um pulo agachou-se na copa do chapéu, como numa caverna, à espreita. O seu olho inquieto fuzilava. Todo o corpo encolhido percorria-se de pequeninos frêmitos de impaciência, que as orelhas continuavam, imprimindo à cabeça um grande cunho de astúcia recalçada. O gato vinha de rastos, apagando o som dos movimentos, garrido no seu tule como um pajenzito aventureiro. E, à medida que ele vinha, o pescoço da gata, do outro lado da aba, alongava-se, escorregando docemente pela seda do forro. Por fim, as patas encontraram-se, e cada qual disputou o tule, às unhas, a dente. A faixa que se desenrolava do corpo dele, acabou em frangalhos nas unhas dos dois.

Um golpe desunira porém duas fibras de palha, da aba derrubada. O gatinho meteu a cabecita pela abertura, radiante de maldade, e foi morder o cacho de miosótis. Do seu lado, a gata continuou a obra, descobrindo os dentinhos brancos. Mas em breve o destroço se propagou aos presentes de anos do Artur, com uma rapidez de saque premeditado. As *corbeilles* viram-se despojadas das suas cintas de hera, reluzentes e excentricamente recortadas, e dos seus maciços de camélias reais. Na vertigem do *can-can* desenfreado, que os dois diabitos armaram por cima da banca, todos os objetos leves eram arrojados para a banda num rodopio constante: os gitanos partiram braços e pernas, as pastorinhas ficaram sem cabeça; algumas bocetas violentadas cederam, e foi um destroço geral de natas, especiarias e recheios. Um rebuçado de ovos ficou pegado à catedral de Fernanda, obstruindo o pórtico por onde os devotos de cartão começavam a entrar, envernizados e festivos. E a valsa extraordinária continuava sempre, sem respeito e sem cansaço. Na manhã do dia seguinte, enquanto no pátio o cocheiro punha o *landeau*, e as carruagens chegavam, trazendo os priminhos e as numerosas tias, Fernanda, com uma deliciosa túnica azul-céu e um largo colar de marinheiro bretão, foi chamar o Arrur, que acabava de vestir-se.

- Bons-dias - disse ela, beijando-o. - Tens ali muitos bonitos; vem ver.

O pequeno não quis saber de mais; foi às carreiras abrir a porta e entrou cheio de avidez no gabinete onde estavam dispostos os presentes.

Ao princípio, Fernanda e o irmão entreolharam-se num desolamento indescritível, vendo os dois gatinhos abraçados, que dormiam tranquilos, no meio das ruínas do soberbo bazar construído na véspera. E tão sossegados como se nada lhes pesasse do que haviam feito!

- Olha - balbuciou Fernanda, sentindo as lágrimas na garganta -, estragaram tudo!

- É verdade - fez atônito o Artur.

Veio-lhe um ímpeto de raiva sanguínea contra os dois patifes, que pareciam zombar, com os seus tranquilos olhares, da assolação que haviam feito. E, com o primeiro chicote que viu, descarregou nos lombos do grupo uma vergastada sibilante, que arrancou um berro às duas gargantas contraídas.

Diante do esqueleto do gracioso chapéu de palha, tão pitorescamente ornado do seu cacho de miosótis, a pequenita, cruzando as mãozinhas pálidas, de uma escultura fina e reticulada de veias microscópicas, chorava silenciosamente as pérolas de uma dor serena e de um amor espezinhado de ingratições - porque amara com paixão os ingratos pupilos.

- Seus maus! - dizia ela sempre que os via na cozinha, já crescidos, dormitando na mesma cadeira.

Mas quase sempre a sua mão, esquecida e meiga, lhes ia afagar as cabeças sonolentas e chatas, como de dois pequeninos tigres preguiçosos.

SEMPRE AMIGOS

FIALHO DE ALMEIDA

Joana tinha já dois pequenos. O Ricardo, de cinco anos, fulvo como um novilho, e o João, pequerrucho de peito. Era uma rapariga alta, músculo duro e sobrelha espessa, cujos punhos podiam amassar sem cansaço alqueires e alqueires de pão, e cujos quadris agitados na marcha, sob as saias de baetilha avivadas de azul, revelavam a sólida enformatura montanhesa das primitivas mulheres, tostadas e laboriosas. Casara havia seis anos com o Jerolmo, por uma vindima mais fértil. E ambos pobres, ela filha mais nova de um maioral do conselheiro e ele ganhão da herdade de Valparaíso, tinham gostado um do outro, bailando depois nas romarias do Verão, procurando-se instintivamente nas ceifas e mondas e aos domingos à hora da missa conventual. Não estava arrependida de haver casado, não. O Jerolmo era trabalhador incansável e sadio; Joana começara por namorar-lhe o peito cabeludo e trigueiro e a forte caixa de pulmões dilatada a cada esforço de trabalho; cativara-a além disso, depois, a sua mansa maneira de dizer as coisas, sem notas altas na voz e sem impaciências nervosas de bilioso, a sua vida toda regulada por hábitos e a condescendência tida para os velhos.

De uma vez vira-o erguer-se de punho cerrado e olho torvo a desancar numa malta que primeiro o espicagara de bestialidades. Até ali, todos de boa saúde, louvado Deus! Seis anos de ventura decorrida sem atributos e sem nuvens, E os dois rapazitos!... Lembrava-se dos terrores do primeiro parto e das alternativas de humor características, os suores dorsais e frios, a dorzinha vaga primeiro e intensa depois, em toda a região dilatada.

Em certos momentos, um mundo de fantasias, projetando-se-lhe do fantoscópio da mente, inundava-a de fotosferas de luminosa essência - se seria um pequeno valentão capaz de ajudar o pai, se seria uma rapariga de calcanhar quadrado e dentes sólidos, que enchesse de cantigas e de atividade o ninho!.. Todas as noites, à hora da ceia, o casal acumulava e destruía planos, fazendo e desfazendo receios - perdidas evocações desse primeiro tempo de esposa!.. Mirando a casita e as cadeiras de Évora da casa de fora, as prateleiras de louça e as quatro garrafas de vidro branco em simetria, olhando no quintalório a meda de azinho para os lumes do Inverno e o bácoro para a fartura do ano, Joana sentia, no meio dos filhos e dos labores constantes da sua vida azafamada, um bem-estar de consciência satisfeita, um como júbilo Íntimo. O seu trabalho caseiro luzia: viam-lhe sempre o ladrilho varrido e as cadeiras arrumadas, um esteirão algarvio ao canto para as visitas, cobertas de retalhos lançadas sobre a mesa e dorsos dos baús, o pequeno espelho pendendo ao lado de um Francisco José, de Épinal, brancas as paredes com rodapé de almagre em torno, e a cinza do lume constantemente varrida do lar. Dando largas à sua iniciativa de negociante, criara, além disso, no quintal um exército de galinhas e gansos, cujos ovos o Ricardo ia vender toda as manhãs em altos pregões, pelas ruas da vila.

Manhã clara, era a primeira a erguer-se na rua e a encetar a labuta inquebrantável e voluntariosa.

Paredes meias vivas a Francisca, casada com o Estragado, um bêbedo.

Joana tinha amizade a essa pobre mulher macilenta e sofredora, semanalmente espancada pelo marido, que para mais lhe impunha o sacrifício de fomes e farrapos.

Dissera muitas vezes, vendo-a passar para o prego com trouxas de roupa à cabeça, envelhecida e estúpida pelo contágio das misérias e brutalidades sofridas, com o filho seminu agarrado às saias e o enjeitadinho ao peito:

- Não sei como vossemecê pode, coitadinha!

A outra não se queixava; tinha as miseráveis resignações de uma cadela expulsa; com um jeito de ombros e a voz sumida retrucava sempre:

- Então, paciência! Deus não quis...

E a Francisca era reconhecida à vizinhança, que bastantes vezes a livrara das brutalidades do bêbedo e das frequentes penúrias da casa.

A Joana, comparando a sua sorte à da pobre engelhada, sentia da comparação exaltar-se a sua felicidade, abençoando a hora em que lhe nascera o primeiro impulso para o Jerolmo. Quando este chegava do trabalho, com largo e velho chapéu braguês deitado para a nuca, a manta e a enxada ao ombro, ceifões, já pelados pelo convívio dos ásperos atritos, o burro e o borrego atrás, fartos de erva e alegres da jornada, Joana não se continha sem lhe referir os sofrimentos da pobre mulher e a pancadaria do Estragado.

O marido então encolhia egoistamente os ombros, farto da eterna lamúria e repetindo:

- Deixa-os lá. Que se avenham.

O Estragado era dos seus tempos de rapaz, pudera seguir-lhe a vida ponto a ponto e observar-lhe a predisposição fatal para a vadiagem e para o vício. Aquela índole de desordeiro repugnava-lhe, que sentia um tédio pelos que não tinham como ele a infatigável atividade produtiva e a repousada consciência dos deveres cumpridos. Àquela hora os trabalhadores recolhiam em bando dando santas-noites; uma poeirada sufocante erguia-se na ladeira sob os grossos sapatos cardados dos cavadores e das patas dos jumentos, carregados de alforjes e feno: a tarde morria,

enlaivecendo de um ouro fulvo o poente; pelos campos fora os grilos, as rãs, os ralos e os mochos preludiavam a longa sonata noturna, enquanto em frente da casa o Ricardo mais o filho da vizinha, descalços e ferozes, jogavam os touros, rolando na relva com um vasto prazer inexaurível.

- Sabes o que me convinha? - disse de uma vez o Jerolmo para a mulher. - Ir pra feitor de uma casa. Não anda uma pessoa a estragar-se pr'aí a cavar desde manhã à noite, e sempre ganha algum vintém melhor.

- Pois está visto que era o que te convinha! Um homem de trabalho como és...

- Diz que o conselheiro precisa. Fui-me a falar com ele, mas há pretendentes. Mal sabes quem, mulher?

- Alguma alma ruim... - disse a Joana.

- Aqui o nosso vizinho Estragado, nem mais nem menos. Oh senhores, que eu ri de maior quando o Galante me contou!

- Aquilo, que nem lhe chega o tempo para as tropelias que arma à pobrezinha da mulher... Excomungado, o Senhor me perdoe! Mas é só esse que pedincha?

- Só! Fiquei de ir ter esta noite com o conselheiro. Talvez se arranje a coisa.

- Era grande fortuna, homem. Casa farta, boa paga, ele uma bela pessoa. Mas o Estragado!... Ora não vi!

Estavam na cozinha. O Jerolmo, à cancela, limpava da lama as polainas de saragoça e o ferro da enxada, enquanto a Joana, de avental, refogava a ceia e ia pondo a mesa, ao fresco, no quintal. Sentiram passos na casa de fora, a Joana foi ver. Era o Estragado que saía sorrateiramente.

- O vizinho é bem confiado, não há dúvida - disse a Joana toda zangada. - Não há maior atrevimento! Quem escuta de si ouve, e é bem certo.

- Diga ao seu marido que mas não fica a dever.

- Deixa-o lá - disse pachorrentamente o marido. - Está bêbedo, coitado. Deixo-o ir!

Ceram; o Jerolmo, à cabeceira da banca, vigiava o filho, advertindo-o a cada partida do garoto. Entre os dois ficava o cão. Da outra banda a Joana, com o pequenito adormecido no regaço, migava sopas na malga.

Por cima, o céu um pouco escurecido e todo picado de estrelas, tinha um arfar de penumbras profundas, em que os olhos se perdiam, divagando. Um ventinho fresco, impregnado de fenos, fazia agitar com murmúrios finos as folhas metálicas da figueira verdeal. O bácoro no chiqueiro ressonava espapaçado no charco. Tempo das eiras. Puseram-se a falar nos trigos; as searas tinham fundido bem, mas os tremeses menos. Então o Jerolmo contou as suas esperanças no trigo ribeirinho que semeara na courela das Taipas - um palmo de terra que valia um milhão, segundo ele.

- E estava lindo, aí pelo tempo da fava! - disse a Joana.

- Do que precisávamos era de uma vinhita -tornou o Jerolmo após um momento de pausa. E partia o pão trigueiro em grandes pedaços.

- Nada como a vinha pra render.

- Apesar das moléstias.

- Com alguns sobranos tínhamos aí um ou dois milheiros. Estava a calhar.

- Ou mesmo bacelo que pusesses...

Ele então enumerou projetos de futura prosperidade - comprar um carro com parelha de mulas na feira de Vila Viçosa, ter vinhas e olivais, a abundância de uma horta com águas correntes e noras rumorosas, num pedaço de vale profundo, com a sua barraquita sob nogueiras verdes.

E para se animar citava de memória os casos de fortuna acumulada pinto a pinto por homens ativos e poupados; o Sr. Joaquim das Nogueiras que estava podre de rico, o Fandango, que o seu pai conhecera a carregar estrume, o Baleizão, que fora da tropa e até estivera preso. Não havia muito que visitara o monte do compadres Nazaré.

- O meu padrinho! - gritou Ricardo. E a cada passo interrompia:

- Ele é meu padrinho, não é, pai?

- Pois senhores - continuava Jerolmo -, aquilo é que é lavoura, aquilo é que se chama seara! - E dilatado acumulava pormenores: - Quarenta moios nos celeiros, roças de palha do tamanho das torres da igreja, juntas de bois mais gordos que eu sei lá! E as carretas da vindima, as tapadas, a casa dos arados, o moinho sobre rochas e dependurado no Guadiana - um encanto!

- Casa que é um ovo! - argumentava Joana embalando o pequerrucho nos joelhos.

- Pois mulher, há trinta anos não passava de um ganhão do Francisco do Cabo. E honrado, honrado como Deus!

- O que se quer é saúde, deixa lá. Deus ajuda quem trabalha - resumia a mulher.

E entre risos:

- Muito me havia de rir se ainda vinha a ser a senhora lavradora!

- Eu cá hei de ter uns sapatos e andar a cavalo - exigiu o Ricardo, que molhava os punhos da véstia de cotim na malga ratinha da ceia.

- A dizer a verdade não temos sido dos mais infelizes.

- Está de ver que não - apoiou Joana. - E deixa correr! Este ano talvez se peça pouco emprestado. Para o ano que vem já se pede menos, para o outro nada, e depois toca a juntar prá fazendinha.

- Pois vou-me ao conselheiro, a ver o que decide.

- Até logo.

À porta voltou-se e disse a rir:

- O que tinha graça era agora o amigo Estragado fazer-me uma espera e armarmos de garreia.

- De tudo quanto há de ruim ele será capaz, o carga d'ossos. Peste!

Apenas saiu, o Ricardo pulou logo a parede para o quintal da vizinha à cata do Manel, que tasquinhava pão seco de pança para o ar.

- Vamos pró adro, o pai abalou.

Não foi preciso mais.

Foram ambos às carreiras. No quintal, a Francisca roía o seu pão seco e negro, de semanas. A amassadura por pagar, uns fiados na loja do Vieira, trapos por toda a banda.. Ao chegar a casa, o Estragado atirara-lhe um soco ao vazio, pedindo o jantar para que não tinha dado féria. E cobria-a de injúrias obscenas diante dos filhos, exprobrando-lhe a fealdade e fraqueza.

Puxara-lhe até pelos cabelos, gritando com voz avinhada de cobarde:

- Grandessíssima porca! grandessíssima bêbeda!

Dera-lhe bofetadas com a áspera mão ignóbil de assassino, clamando que estava farto, que seria até capaz de a matar a punhaladas! A pobrezinha, abatida e com o gesto errante, nem podia chorar. Aquela vida de vilezas e insultos roubara-lhe até o refúgio das lágrimas, embotando-lhe pouco a pouco a razão. Abria os olhos sobre o bêbedo num pasmo trêmulo, dizendo baixinho:

- Não me batas mais, pelo amor de Deus, não me batas mais!

Resumia-se para ela tudo na sova e na escravidão muda do martírio. Não tinha já mãe nem pai, tinham-lhe morrido os parentes. - Sua irmã fora assassinada pelo marido numa azinhaga sinistra e de noite para os lados do Moinho Branco. Era a última representante de uma raça de vergastados incapazes de resistência e não sabendo na vida outro fim mais que a obediência ao algoz e a procriação animal das marrãs de montado.

- Vizinha - gritou a pobre mulher do quintal, para a Joana, que acabara de levantar a mesa.

A outra subiu à lenha para debruçar-se na parede, sobre o quintal do Estragado.

- Que é?

A esse tempo já a Francisca trepara do outro lado, com o xale de baetilha pela cabeça. E disse num tom choroso:

- Perdoe-me pelo amor de Deus, que não me esqueço de quem me faz bem. É a minha desgraça, aquele homem, a minha vergonha..

- Houve pancadaria de moiro, aposto!

- O costume. O nosso Senhor nos ajude. E se fosses só isso..

- Então que mais temos?

- O meu homem não entrou na sua casa há pouco?

- Entrou, para escutar o que cada um está dizendo na sua casa! foi pró que ele entrou! Mas ouviu-a toda!

- Ai, filha. Veio de lá como uma fera. Puxou-me pelos cabelos, quebrou os cântaros da água, bateu no rapaz com uma corda; que eu é que tinha a culpa, que ia tudo a

tiro, que tinham de saber quem era Joaquim Antônio. Perdoe-me pelo amor de Deus, perdoe-me tanta mortificação. Pelos modos ouviu falar no lugar do feitor do conselheiro.. E está com a pinga!

- Sempre gostava de saber se é pecado cada um agenciar a sua vida! O meu homem vai falar com o fidalgo; o seu quer o lugar - que vá também. O outro escolhe, e ninguém tem que se ficar queixando. Esta é a razão!

- Tudo lhe disse, vizinha, tudo lhe disse! Homem, o vizinho Jerolmo não lhe parece mal que tu queiras ser feitor e pretendas o mesmo nicho que ele! Vai e falas. Falando é que uma pessoa se entende. Agora o vereis! Ainda me deu mais. Vizinha, perdoe-me pelo amor de Deus, mas eu queria dizer-lhe... é que.. Olhe, estou a tremer que nem varas verdes, nem me tenho nas pernas, veja lá. Mas é que ele saiu com más intenções, que se havia de pagar, que ia dar cabo dele.. Perdoe-me, filha, perdoe-me por alma do seu pai, mas ele é mau e capaz de fazer alguma, em estando bêbedo. Não deixe sair o seu marido esta noite, não o deixe sair.

- Mas se ele foi agora mesmo! - disse a Joana, de súbito abalada.

Dum pulo saltou da lenha, deitou pela cabeça a pobre saia de chita azul, sem mais pensar no Ricardo, que brincava no adro, e com o pequeno ao colo deitou a correr para casa do conselheiro. Eram mais de nove horas. Os homens estavam nas eiras, fora da vila; aqui e além, deitados ao fresco junto das portas escancaradas e escuras, alguns vultos dormiam. A penumbra da noite, picada de estrelas, errava nas embocaduras, em cones movediços de uma indecisão fantástica. O campo dormia, e somente a espaços, no como silêncio absorto dos restolhos, latia um cão, ou tilintava a esquila de algum jumento de trabalho. A casa do fidalgo ficava no outro extremo da vila, isolada dos casebres por uma alameda de freixos enormes. À roda era a horta, e por detrás dos laranjais o olival sem fim. Joana corria quanto lhe era possível, arrastada por pressentimentos funestos e cheia da ideia do seu homem que era o seu deus.

Nos casinholos daquela banda tudo dormia já; a alameda em frente escancarava a boca de trevas, que à menor lufada de vento parecia ficar ruminando alguma coisa penível, num segredar entrecortado. A casa do conselheiro mal aparecia ao fundo, com a sua linha de grandes janelas morgadiças, cujas pesadas cimalthas avultavam numa faixa confusa de granito. Em outra ocasião Joana não teria ousado atravessar o caminho àquela hora - que errava por ali o vulto do doutor Soisa à procura do seu inimigo. Muita gente lhe tinha já ouvido os brados roucos, depois de corrido o sino da câmara, e contava-se que um homem o encontrara havia anos, perdendo a fala no mesmo instante.

À entrada do arvoredado Joana deteve-se a escutar junto de um tronco. Estalavam as ramas por cima, com ruídos secos. Aplicando o ouvido, sentia-se na horta o correr

da água no tanque. Ninguém estava ainda em casa do conselheiro. Joana resfolegou mais tranquila: não tinha havido nada! E rápida, aconchegando a criança, percorreu a alameda e foi puxar a sineta do portão que deu um som vibrante no silêncio do edifício. Perguntou pelo marido; não tinha lá ido ainda. Fecharam-lhe a porta com fracasso sem mais resposta. Joana então ficou hirta e muda, encostada à ombreira, com as fontes latejando.

Onde estava então o Jerolmo, não estando a falar com o fidalgo? Não era homem de súcias, nunca fora visto em tabernas, não trabalhava nas eiras, não era cantador noctívago.. Era a primeira vez que ela ignorava o seu destino; que fazer? Então relanceando a vista à roda sentiu um calafrio, dos rins à nuca; à força de perscrutar a sombra, as imagens falsearam-lhe, deslocando-se-lhe à vista desvairada; parecia que os troncos iam e vinham rojando caudas de folhagem como espectros evocados de campas; os estalidos abriam num murmúrio de risinhos sofreados; ondulavam sem nexos bandos de formas estranhas e o rumor da água era de uma conspiração sinistra...

Joana sentia no peito o coração em sobressaltos e um zumbido pérfido enchia-lhe os ouvidos. E cheia de um medo álgido, olho atrás olho adiante, como se legiões de gênios maus a seguissem, percorreu a alameda arrumada aos troncos e cosida com a sombra. A meio caminho deteve-se. Vira da outra banda um corpo mover-se. Escondeu-se por detrás de um tronco, com os olhos fitos no ponto em que a forma bulira. Julgava já ter-se enganado. Mas o vulto tornou a aparecer, cortando em transversal o caminho. Bem depressa passou por diante de Joana, que, tomada de pavor, não fazia um movimento, de colada ao freixo.

Viu um homem de barrete preto e em mangas de camisa caminhar aos solavancos. Bêbedo por força; falava só, com palavras entrecortadas e torvas.

- Outro que fosse - regougava - outro que fosse... Quero lá saber! Tudo se paga. Arre!

Mais além já, parou um instante cantarolando:

Nesta rua cheira a sangue, Alguém nela se sangrou: Dizem que foi meu amor, de uma sova que levou.

Essa voz rouca e difícil, como coada por uma garganta sem cordas, fez tremer Joana. Era o Estragado. Vinha do conselheiro? Mas se o Jerolmo não fora lá, que recear? O bêbedo ia já longe, quando a pobre mulher se resolveu a abandonar o esconderijo. Apressou o passo; era tarde e talvez que o Jerolmo estivesse em casa já.. se estivesse, bom Deus! Esta esperança dissolveu-lhe um pouco os terrores, que era animosa como uma filha de herdade. Mentalmente prometeu logo uma missa à Senhora da Boa Morte se nada tivesse havido. Saltou do valado para a

estrada e, receosa de magoar o pequenito, apoiou-se num pedregulho, mas a mão teve um contacto úmido e mole que cedeu, ao pousar. Joana agarrou naquilo: era uma farrapo de lenço; puxou, e uma coisa dura caiu dando na pedra um som metálico.

Era uma navalha cheia de sangue. Perdeu completamente a cabeça; o seu coração dilatou-se efervescente de agonias e, ourada de lúgubres evocações, a sua imaginação bolçou pressentimentos funestos. Pôs-se a correr sem destino pelas ruas da vila, clamando em altos gritos contra o Estragado, contra Deus, contra a sua desgraça! Na calada do povo adormecido a sua voz ressoava com uma sonoridade alta e rápida a que o desvairamento imprimia uma nota febril e sincera, que comovia.

Alguns postigos abriram-se, por onde cabeças sonolentas e ávidas escutaram. Depois, sapatos ferrados bateram as pedras e os balcões das casas, e os vultos embuçados nas mantas foram seguindo Joana. Ela contava a quem vinha que o seu homem estava morto, que os filhos estavam sem pão, que fora o Estragado. Começava trinta vezes a narrativa ao último que chegava, com a voz velada de choros e estrangulada de soluços. Mas onde estava o Jerolmo? Um trabalhador que recolheu tarde dera, nas escaleiras do adro, com o Ricardo e o filho da vizinha Francisca, adormecidos um ao lado do outro. Vira a porta aberta e luz na casa de fora.

Então foram todos ver a casa do Jerolmo, batendo fortemente os sapatos do trabalho. Algumas mulheres, atemorizadas, de xale pela cabeça e em grande abatimento, seguiam Joana, resmungando lamentações. Em breve a terra estava em alvoroço, e quando a pobre rapariga chegou à soleira a rua ia já cheia. A casa estava vazia. Recomeçaram os gritos e os comentários, o prior veio saber o que era, com largo capote nos ombros e o chapeirão descido. Todos contavam; a algum pormenor menos fielmente emitido, vozes diziam:

- Não foi assim! A coisa começou...

E punham-se a dizer como tinha sido.

- Mas lá por se encontrar a navalha suja de sangue não se segue que haja mortes - objetou o prior. E a sua voz de um timbre ingrato e cheia de autoridade fazia peso na roda. Muitos eram da opinião da sua Senhoria, concordando:

- Está bem de ver, está bem de ver.

- O que devem é ir rebuscar bem a alameda e os meloais que ficam à roda da horta do conselheiro. Talvez até o Jerolmo esteja nas eiras.

- De lá venho eu agora - disse um. - Não dei notícia dele.

Vários trabalhadores então partiram a esquadrinhar a alameda.

- Se passarem lá por casa, digam à senhora Madalena que lhes dê uma lanterna - disse o prior.

A Joana quis também ir, mas as mulheres opuseram-se. E sentadas na casa de fora, embiocadas nos xales ou com saias pela cabeça, jaziam silenciosas e curvadas, como se um vento de assolação as vergasse. No silêncio lúgubre, os soluços de Joana vinham a espaços como um estribilho magoado. A um canto discutia-se o Estragado, com pormenores recentes. Segundo muito boas opiniões, enforcado devia ele estar havia muito tempo - peste ruim! Algumas tinham palavras de dó para a Francisca - que tinha o corpo como um fungão, da pancadaria. Ao fundo da rua, a voz avinhada ouviu-se:

Nesta rua cheira a sangue, Alguém nela se sangrou...

Ao mesmo tempo a calçada soou do outro lado sob os pés de muitos homens. E pela porta da Joana quatro moços do campo entraram carregando uma escada, onde vinha estendido o corpo do Jerolmo. Toda a gente se tinha erguido fazendo um ruído indescritível de prantos; uma rapariga caiu com um flato, algumas fugiram para o quintal, aterradas do cadáver. Joana só, estendida nos ladrilhos e resistindo a todos os empuxões que lhe davam para a afastar dali, Joana só não tinha medo. Passara os braços ao pescoço do homem, enchendo-lhe de beijos a cara e a boca aberta, de que um sangue viscoso corria. Uma enorme paixão rebentava dela sobre aquele corpo, que arrefecia pouco a pouco, retesando-se, com um sinistro desenho, anguloso e lívido. Fora, o regedor conseguira agarrar o Estragado por um braço. Vozes clamavam rudemente:

- Está preso! enquanto retiniam nas pedras, com pompa de entremez, as espadas dos senhores cabos de polícia. A Francisca, que se interpusera, de cabelos soltos, arrastava-se abraçada aos joelhos do marido, pedindo clemência com a voz arrastada e baixa, em que havia um fundo de miséria e de dor. Os pulsos saíam-lhe das mangas da roupinha, tísicos e inabaláveis; por mais que fizessem não lhe arrancavam as mãos das calças do Estragado. Os maus tratos, as bestialidades e as fomes com que aquele homem a trucidara desde o primeiro dia de casados tinham enraizado no seu coração uma cega obediência, uma necessidade fatal daquele império torpe; mesmo assim gostava dele, pai do seu filho, o que partilhava o seu catre e lhe dera esse primeiro beijo, que é como a anunciação da maternidade à mulher virgem.

Das escadas do adro então as duas crianças ergueram ao mesmo tempo as cabeças, despertando ao alarido dos prantos.

- O que é aquilo? - disse o Ricardo.

- Olha é muita gente. Não ouves a chorarem? - notou o Manei.

- Oh! vamos a ver! - insistiu o mais novo.

E, como o Manel cambaleava estremunhado de sono, o outro passou-lhe o braço ao pescoço a segurá-lo.

E com ares protetores dizia-lhe:

- Vê se partes as ventas, vê...

Todo abafado no casacão, o senhor prior, saciado das novidades fresquinhas, saía de casa da viúva, pensando que era ainda uma rica moçoila.

Por outro lado, a morte do Jerolmo irritava-o: fora depois de cinco anos o menajeiro das suas labutas vinícolas, o que lavrara ao seu gosto, o que fazia a sua vida com mais desembaraço.

Não bebia, não fumava, não era exigente nos preços.. Assim pensava Sua Senhoria quando deu com os pequenos, que iam a passinhos preguiçosos e esfregando os olhos com os punhos, em direitura ao tumulto. E ao vê-los tão unidos cresceu-lhe uma raiva de dentro, biliosa e vingadora. Separou-os com um safanão furibundo.

- Súcia de marotos, que os enforco!

E dirigindo-se ao Ricardo:

- Vossemecê não tem vergonha em andar com o filho do ladrão que matou o seu pai, hem?

E para o Manei, que chorava aterrado daquela agressão:

- A minha vontade era frigir-te, podengo!

E deu-lhe um puxão de orelhas, teso.

No dia seguinte foi o enterro. Era desses dias ardentes em que nos troncos das oliveiras as cigarras cantam, as rolas se abatem por dezenas sobre as últimas poças verde-negras dos ribeiros. Apenas o sino chamou a padres e o prior apareceu precedido do sacrista de cruz e caldeirinha, viu-se sair de casa de Joana o cortejo. Adiante o sacrista ia de cruz alta e campainha na mão - velho marau de sapateiro,

de olho patife e calva luzidia, dos que sabem quantos escândalos usam acompanhar toda a gente do berço ao sepulcro.

Fora noviço de capuchos, adquirira hábitos de glutão e de bêbedo, aprendendo a negar a mulher decente. Rosnava-se um pouco das suas relações com a Sr.^a Madalena do prior, e temia-se em geral do seu cinismo correlacionado, segundo se afirmava, com o do diabo, pelo desfastio com que pisava rosários bentos e fatias de pão torrado. As beatas fulminavam contra ele exorcismos temerosos, porque à saída de uma missa de finados urinara na pia da água benta, estando bêbedo. De cruz alçada e opa escarlata, o Zé do O caminhava piscando o olho às mulheres, que, em saia de estamenha e sapatos de couro cru, viam da soleira marchar a procissão da morte, lacrimosas e trocando lamentos. A partir dele, duas filas de homens do campo seguiam com os fatos de áspera saragoça dos domingos, chapéus de Braga nos olhos, ornados de uma borla redonda, e os capotes de baetão das mulheres aos ombros. Alguns ainda novos, que tinham sido amigos do Jerolmo e como ele destinados sem resistência ou vacilação, de pequenos, para cavadores, iam com os olhos vermelhos voltando a cara, envergonhados de serem vistos em choro pelas mulheres que vinham às portas e às esquinas das ruas, rodeadas dos filhos descalços. Viam-se os altos pescoços curtidos pelas calmas do Estio e pelas ventanias do Inverno, no convívio dos trabalhos de picareta, de arado e de foice.

As mãos, de enormes dedos coriáceos e palmas rugosas de calos, tinham curvas unhas, disformes de marteladas e entalões. Nos dorsos, as veias de uma espessura considerável ramificavam-se-lhes em árvore saliente, pondo em pregas a epiderme de poros largos, de que saíam cabelos. Alguns eram já velhos e curvados, contando trinta, quarenta e cinquenta anos de labuta em charneca, nas lavouras, nas ceifas, nas ferras do gado, no corte dos azinhais e na recovagem de noite por caminhos terríveis, de matagal em matagal. Tinham as cabeças brancas e o passo vago, e olhavam com esse olhar vazio de quem nunca teve esperança, e de quem jamais teve fortuna. Tinham ganho toda a vida o mesmo salário, cobrindo-se de filhos constantemente e fazendo da fecundidade uma distração, a única, que lhes era dada, e que ainda assim caro pagavam. Dois ou três nunca tinham possuído um fato novo. Quase todos tinham andado descalços e rotos até aos vinte anos.

Havia nessas faces, mesmo fora dos enterros, o mesmo ar lúgubre e suspenso que ali mostravam; pareciam seguir como se aguardassem alguma coisa retardada de há muito, boçais e emparvoados, não dando pela cárie dos dentes e pelo espasmo de humildade que os ia bestificando. Próximo à tumba os irmãos da Joana e os tios do Jerolmo iam afetando grande mágoa com as golas dos capotes erguidas, cabeças baixas e amarradas em lenços. Depois o padre: era alto, possantes ombros de tambor-mor, a barba de cinco dias negrejando de espessa, um carrancudo alarve na face. Como a volta era apertada, o seu pescoço extravasava gordurento fazendo uma rosca de carne, que pendia, refletindo um rubor sobre a pele do queixo e da cara, donde o suor borbulhava. Tinha as orelhas de um guardião, ar

imperativo e voz grossa, em que a nota surda dos desejos que se refreiam dominava. Era um pouco agricultor e um pouco músico e nas récitas da terra fazia papéis de tirano, esbracejando com fúria para todos os lados. A tumba ia por fim, aos ombros de quatro mendigos, e um rapaz após levava o banco de pinho para a fazer descer, nos responsos.

Era um esquife de pau-preto com balaústres delgados, tendo o ar de um berço. Na vila causava horror. Era com que metiam medo às crianças; via-se-lhe pregada na cabeceira uma cruz preta, e um Cristo de ferro com resplendor de lata que tremia, agonizava, pessimamente fundido, mostrando os olhos vazios. No fundo via-se a enxerga coberta de paninho preto em farrapos, onde deitavam os cadáveres, havia muito. Esse pano tinha nódoas gomosas, à altura da cabeça. Os *va-nu-pieds* abatidos para a vala durante os últimos quinze anos tinham ali impresso o seu *remember* de muco sanguinolento, de que tresandava um fétido em baforadas. Era onde ia o Jerolmo, vestido no seu fato de saragoça, com sapatos de bezerro enormes nos pés, os dois pulsos unidos por uma tira de chita negra a premir as mãos cruzadas no peito, na atitude de uma imploração derradeira.

- Ainda ontem a estas horas estava são e vivo! - era o pasmo da vila, e vinha todo um volume de ponderações sobre a fraqueza da criatura de Deus.

Aos solavancos dos velhos que tinham desiguais alturas, o corpo pendera mais para uma banda: à menor anfractuosidade do caminho então, os sobrecarregados rogavam surdamente as pragas mais torpes - que nem valia a pena levar um boi daqueles pelos seis vinténs da esmola.

O mais ratão dos quatro era um velhito baixo, que mostrava escarlata uma órbita sem olho e já caíra numa contramina de horta. Dizia ele com bela ênfase, todo sério:

- Como estas bestas morrem sem derreterem os toucinhos, senhores!

O garoto do banco escandalizou-se e resmungou:

- Vossemecê não tem vergonha em fazer mangação dos defuntos?

Os outros riram, e o mais alto:

- Caluda, filhote! Que ainda te havemos de levar adiante.

Mas o prior voltou-se, e da frente o sacristão veio correndo de cruz ao ombro, em ar de clavina, com a caldeirinha estendida para o responso. Os quatro da tumba pararam, o garoto estendeu o banco.

- Abaixo! - ordenou o prior enfatiado.

O esquife desceu. Uma vida fecundante de átomos impalpáveis. Vibrava na luz, metálica na irradiação da cúpula amplíssima. O enterro tinha parado e todos se voltavam para trás, olhando o prior que espargia água benta sobre o corpo do Jerolmo. Estava-se quase fora da vila, ao meio da rua última daquela banda, que entre filas de casebres caiados corria, corcovando-se bruscamente depois sobre a azinhaga.

Como o sol batia de chapa, os trabalhadores faziam teto com as mãos em arco, à altura das sobancelhas, abrindo a boca e premindo as pálpebras, por uma contração inconsciente de músculos faciais. Sobre os balcões das portas, as mulheres olhavam alongando saudosamente os grandes olhos pretos, úmidos de lágrimas. Abaixo da orla das saias de chita viam-se os tornozelos de algumas, calçados em meia de linha azul. Muitas faziam meia, com os cabelos oleosos de azeite e a marrafa separando as madeixas em duas pastas simétricas e alisadas. Na terra das soleiras as crianças seminuas rolavam-se rindo; um fumo raso subia das chaminés. Na última porta tinham acabado de jantar e via-se a malga na mesa baixa, os garfos de ferro com três dentes apenas, restos de enorme pão da amassadura da semana, e em torno ainda sentada a família, onde o chefe, velho pastor de polainas altas e ampla calva, rezava de mãos postas e lábios mexendo, com o chapeirão nos joelhos.

O Jerolmo era muito estimado. Todos diziam - Coitadinho! - lacrimejando. E enumeravam as suas virtudes, o seu bom gênio, a sua economia, a sua temperança. - Os bons leva Deus, que são do céu - dizia uma velha. Mas a voz do prior ouviu-se imperativa e cheia de sabedoria em ruminação de latins, e fez-se um silêncio piedoso. Toda a gente ajoelhou, que ninguém ouvia latim noutra postura na vila. A recitação grave e numa língua estranha dava aos espíritos simples a profunda emoção de um fim próximo e a lembrança de almas que partem para as regiões serenas da bem-aventurança com o seu pecúlio de graças adquiridas e asas brancas da inocência. O pior ia dizendo:

- De profundis clamavi ad te Domine. Domine exaudi vocem meam; nec aspiciat me visus hominis. Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleison! Pater noster...

E as vozes rezavam baixo, num coro murmurado, que ia como o som do vento numa fenda, alternadamente agonizando e subindo até se perder, à última aspersão de água benta do prior. De pescoço estendido, as mulheres, brancas de pavor, olhavam ao meio da rua o esquife envolto na luz, onde ia o corpo do trabalhador, retesado na rigidez que antecede a podridão. Descaíra-lhe a cabeça para trás por haver escorregado um pouco a cabeceira da enxerga, e o bordo da queixada, de uma linha parabólica, repuxava-lhe angustiosamente os tendões do pescoço esverdinhado, em que fazia corcova o nó da goela inútil.

Corria-lhe das ventas um fio de sangue negro, que os moscardos vinham beber zumbindo, e por entre os dentes, a espaços, na boca que se abria na convulsão da última hora, gotas de gás podre faziam crepitar globozinhos, da íntima fermentação que progredia.

Os amigos doutro tempo tiraram então o lenço do bolso das véstias e saíram aos dois e aos três do seu lugar, para piedosamente virem limpar a cara e os lábios do Jerolmo.

- Bendito seja Deus! - diziam, apavorados pelo fervilhar da corrupção cadavérica, que a torridez do sol ativava prodigiosamente.

O prior tinha acabado o responso e abria o seu enorme chapéu de sol.

- Carreguem - ordenou Sua Reverência aos quatro homens. E o enterro entrou na azinhaga que ia dar ao cemitério.

Cada qual, sentindo-se um pouco à vontade no campo, teve a necessidade de falar na sua vida, coisas alegres e capazes de afugentar os maus pesadelos da cova.

- Quem teve seara guapa foi cá o mariola! - ia dizendo um homenzarrão, e depunha os grossos dedos no ombro de um seco, de olho desconfiado.

- É pra que saiba. E ainda temos hoje um calcadouro de tremês.

- E quando chega esse casório? - quis saber um rapazola louro, riso boçal, de pobre diabo.

- Está pra tarde. Antes da vindima não - diziam.

O de olho desconfiado não dava palavra, deixando que respondessem por ele.

- E moça de estimação. Desenxovalhada e mais branca!... Seio de encher olho e golpenha, cos diabos!

- Podes lá com uma vaca daquelas, meu poeta! - diziam-lhe. - Aquilo é mulher para te bater, ó Rato!

O de olho desconfiado ria, e disse pachorrentamente:

- Quatro mil cruzados em terras, está dourada que nem uma princesa, rica saúde e vinte e quatro anos. Um sobronho preto; que mais quero?

O louro conheci-a e o seu riso abria-se sensualizado, com uma reminiscência gulosa.

- Está bem de ver! Está bem de ver!

A calma picava. Sentia-se zumbirem os insetos, e ao longe nas oliveiras o ciciar das cigarras punha um ruído seco. Do outro lado discutia-se a Joana, ainda frescalhona; apesar dos dois filhos, aquilo vinha a casar ainda.

- Não seria eu que casasse com ela. Entrando só com o corpo e ter de aturar dois diabos! Olha a fartura!

- Cá para mim - dizia um barbado -, mulher que casa duas vezes é capaz de pregá-los ao marido.

- É a minha sistema! Mulher só pra um homem! O mais, cabras!

- Homem, que hão de elas fazer? - perguntava um benévolo.

- Mas a Joana fica mal, coitadinha. Eles não tinham fazenda. Têm o burro, as casitas, uma jeira de terra além às Taipas...

- Demais, o irmão do Jerolmo quer partilhas.

- Qual! - disse um viúvo, entendido. - Há filhos. Só se levar a cinza da lareira, que é boa para barreias.

- Como. Há de a pobrezita governar os pequenos?

- Ora! Como? Como as mais, no campo. E a Rita Santinha e a Teresa do Mudo, não vivem? À monda, à empa, à vindima, à ceifa. Pois onde? Avezada a tudo como está, pode bem fazê-lo.

- E nada má - fazia surdamente um amarelento, com certo riso.

Os valados prolongavam agora a faixa da rua que findara, e eram ali altos os silvados e tão robustos os cachos de amoras que os rapazes mais novos saíram do renque pra fazer provisão. Estavam ao cimo da colina. O cemitério ficava a meia encosta, cintado em muros brancos, com uma cruz de ferro na fachada. Do ponto do caminho em que iam, a paisagem era da mais plena largueza de horizonte e da mais bela disposição de pormenores. Convergiam de ambos os lados as courelas ceifadas, sobre a garganta do vale, que ia perder-se a pouca distância junto do ribeiro e aos pés de uma antiga orla de choupos e faias. Das ouvielas dos ferragiais e das vinhas irrompiam secos os pastos, camomilas, malmequeres, grisandras,

maravilhas e enormes cardos de cálices espinhosos. Para a esquerda ondulava num mar verde vivo quase sem gradações, fatigante e sadia, a região das vinhas. Figueiras gigantes abriam até ao chão para-sóis metálicos de largos folhedos, sobre que revoava a pardalada. Aqui e além as hortas abriam na grande sinfonia cromática uma cadência graciosa de tons bronze e verde-salsa; as nogueiras, junto dos tanques, ensombravam sofregamente as noras e cisternas, usurárias da frescura. À direita era olival, tristonho e abrasado. No ribeiro, à sombra dos canaviais, as lavadeiras batiam as roupas, cantando. O fio de água era tênue como de uma vida que pouco a pouco se desprende, e serpeando por baixo do arco da ponte, onde um tufo de eucaliptos novos bulia, ia expirar lentamente na areia, sob as raízes sequiosas das junças e escalrachos.

Era junto dos eucaliptos mesmo, que o Ricardo mais o Manel estavam à pesca das rãs, quando o enterro apareceu em cima. De entretidos nem deram por tal. Tinham conseguido, de manhãzinha logo, escapulir-se de casa enquanto as mães soluçavam e as comadres iam prodigalizando lamentações e consolos de momento.

- Não sabes o que a mãe disse, ó Manel?

- Que foi?

- Que em ela me vendo andar contigo me havia de dar sova.

- É mentira, deixa falar, é mentira.

- Olha, o pai morreu - disse o Ricardo. - Já não ralha, pois não?

- Nada que não! Em fazendo trovões.

- Olha, vamos brincar?

- Eu cá dispo a véstia. Peço um pedaço de pão à minha mãe e não apareço senão às trindades - expôs o Manel, todo resoluto da ideia.

- E eu cá também.

- Olha - disse o Manel abrindo os olhos espertos, que um embevecimento clareava - vamos às rãs?

- Oh, vamos!

As rãs eram a paixão dos dois, o seu sonho, a sua coisa mais ambiciosa na vida. Tinham construído sobre elas as lendas mais extraordinárias e feito, por cópia do

que ouviram às mães, uma quantidade de promessas aos santos se um dia conseguissem apanhar uma viva, das grandes.

À tardinha, quando os olhos vigilantes da Joana por um instante os largavam, corriam logo para o ribeiro. A chegada dos dois as rãs saltavam de todos os lados, da espessura dos juncos e mentrastes, sobre a água dos charcos com um sonoro plhau! na profundidade dos pegos. Calavam-se logo, agachados no tufo de eucaliptos, esperando pacientemente a ocasião. Numa circunvolução do regato, pensando-se sozinhas, algumas das rãs coaxavam à flor da água, erguendo acima do nível tranquilo as chatas cabeças verdes, olhos estourados de íris cor de ouro, e a enorme boca semielíptica aberta ao ar numa espécie de sorriso extático e a fila de pequeninos dentes córneas um pouco curvos dispostos para a apreensão dos animálculos. Erguiam-se então com grandes precauções e subtilezas, acautelavam extraordinariamente o ruído das passadas, prometendo baixinho, na febre do desejo, dúzias de padre-nossos a Santo Antônio se fosse servido entregar-lhes algum dos animaizinhos que faziam a sua paixão e o seu desespero. Mas, precipitados como eram, não conseguiam jamais aprisionar os elegantes anuros e, caindo a noite das montanhas azuis alinhadas em decoração ao fundo da paisagem ridente, voltavam cheios de tristeza e cansaço para as ceias da família, acabando por adormecer um ao pé do outro. Na volta sentiam com surda raiva o coro de rãs uníssono e forte, magnificamente instrumentado de ironias, que parecia de propósito erguido para lhes saudar a retirada e escarnecer do desalento e pouca arte que empregavam na pescaria. Tal coro, na penumbra misteriosa e vasta dos campos, tinha a concentração harmônica e a poesia nubívaga de um trena - hino de liberdade de uma colônia que de súbito readquire a sua independência. O Manel, especialmente, embirrava com a troça. E, com mão rápida, fazia chover nas poças de água mais sonoras grandes pedras talhadas em cunha e seguidas de pragas adequadas ao caso e à solidão do lugar.

Tinham ouvido os rapazes que as pernas das rãs tinham uma carne excelente e branca, tenra e fina como a de galinha. Nenhum deles comera ainda: mas era magnífico! Tinha-lhes contado o Coxo, um idiota da terra, que uma vez apanhara uma rã muito grande. E vai abriu-a, e tinha na barriga um canivete de duas folhas, muito bonito. Para os dois pequenos, ter um canivete de duas folhas era uma opulência inestimável. E qualquer deles, nos dias de desavenças ou amuos, querendo fazer sombra ao outro, já dizia:

- Deixa estar que eu hei de ter um canivete de duas folhas e tu não!

- Hás de, uma figa torta! - dizia logo o outro. Por que traziam as rãs canivetezinhos na barriga? Não sabiam. Mas traziam, traziam!

O Manel, que era mais imaginoso, entrava a explicar que as rãs faziam buracos pelo chão, furavam, furavam.. e iam ter à loja do Vieira para roubarem as navalhinhas. Então o Ricardo ria.

- Mentira!

E, com a vozita gaguejada, fantasiava pelo seu turno uma teoria sobre os canivetes. E ambos à borda das poças se interrogavam de vez em quando, surpresos:

- Mas como será que elas têm canivetes lá por dentro? Aquilo é coisa que engolem.

- Qual?!

Como o calor era intenso, os anuros andavam no fundo da água, por baixo de limos reticulados com a delicadeza de frocos. O tufo de eucaliptos lançava pois sobre o pego mais próximo da ponte uma sombra alongada: ali sentia-se coaxar. As duas crianças agachadas quedavam-se, à espreita:

- Que cantoria que fazem! - dizia baixinho o Ricardo.

- Deixa - resmungou o outro com ares fanfarrões. - Eu dou cabo daqueles diabos.

Piscava os olhinhos com intenção, tirando do bolso um pedaço de arame aguçado.

- Elas aparecem, eu vou com isto estendido e tancho-as por uma perna.

E com profundo desdém:

- Hoje não é cá preciso padre-nossos!...

Foram-se aproximando do pego, de gatinhas.

Viam-se os tornozelos do Ricardo, grossos e de ligamentos inabaláveis, e o pé polpudo e forte, bom para firmar o corpo.

Devia ser de estatura mediana e muito robusto, de rico sangue. Pela camisa aberta e rasgada via-se o contraste da carne branca do tronco com a epiderme fulva da cara e das mãos. Sólido como um novilho, devia ter a índole ingênua e boa de Jerolmo, como lhe herdara a enformação animal. O Manei era esguio e seco, anguloso de ossatura. Tinha os cabelos corredios e as mãos estreitas, com unhas que revestiam quase o dorso das falanges terminais. Era já teimoso e de nervos suscetíveis. A sua organização sensibilíssima, pressentida, daria mais tarde o tipo fisicamente inábil para a labuta da enxada e em construção perpétua de estratégias. Tinha os olhos grandes e lúcidos como dois ônix molhados, e a linha

do nariz sem proeminência, fazendo lembrar na cara olivatre e comprida o que quer que era de masque egípcia. Àquele tempo, o sino da Misericórdia mandava o último dobre de finados. E o som badalado de quebrada em quebrada chegou às crianças.

O Ricardo parou, erguendo a cabeça. Alongava os olhos com essa tristeza vaga dos que de outra forma não conseguem formular uma comoção interior. Lembrava-lhe o pai morto que iam meter na cova. Como essas naturezas que a música enche de soluços e de invencível angústia, o sino, com aquela toada grave e preguiçosa - Tlão! Tlão!.. Tlão! Tlão - dava-lhe como uma reminiscência lúgubre.

A esse tempo o Manel erguera-se também, esquecido da pesca. E os seus olhos deram com o enterro. O Zé do Ó ia entrando já pelo cemitério, a opa escarlate parecia de longe uma papoila cortada que o vento impele.

Na meia-laranja da porta depois, os homens de escuro apinhavam-se para deixar passar a tumba, muito alta, aos ombros dos velhos, em que o Jerolmo, de mãos postas, oscilava, penetrando os muros brancos.

- É o teu pai - fez o Manel.

- Vai pro céu, então não vai?

- Está visto.

- Ele não gostava do teu, então gostava?

- Não gostava! O meu anda sempre bêbedo. É tão mau!... Dá com a corda.

- Ó Manei! Manei!

- Que é?

- A gente havemos de ser amigos sempre, não havemos?

- Havemos.

- E brincar sempre, então não havemos?

O outro não respondeu. Enquanto o Ricardo de gatas se adiantava para o pego com o arame na mão, os olhos do filho da vizinha acompanhavam de longe os movimentos da massa de gente negra que viera ao enterro. Toda a noite a mãe chorara, miseravelmente abatida sobre a enxerga que servia também para albardar o burro.

O pai fora levado entre cabos de polícia para a cadeia de Évora, com as mãos atadas nas costas e o fato roto. No puxão de orelhas e nas palavras desprezadas do prior sentira que estava filho de um assassino. Ouvia numa toada fatídica os sinos da Misericórdia. Então as suas narinas palpitaram, sentiu na garganta como um novelo que se engrossava para o estrangular. Uma coisa abateu-o todo, percorrendo-o de uma estranha galvanização de mágoas.

Entrou a chorar alto, com profundos soluços que num jogo brusco lhe alevantavam as pobres costelas esburgadas.

- Deixa - dizia o Ricardo, puxando-lhe as calças, deixa lá. - A mãe não ralha, não.

E, esquecidos, inocentes, recomeçaram a pescaria. Do outro lado da ponte as lavadeiras tinham cessado de bater roupa. As vozes cobriram de pragas o Estragado, assassino, bêbedo e ladrão, que Deus confundisse na outra vida e as justiças degredassem nesta, para casa do inferno.

OS SERENINS DE QUELUZ

JÚLIO DANTAS

A Rainha enlouquecera.

Na noite de 10 de Fevereiro de 1892, em Queluz, na sala D. Quixote, os dezessete médicos do Paço, à frente dos quais se encontrava o magríssimo Dr. Antônio José Pereira, cirurgião-mor do Reino, assinavam, espiados pelos óculos verdes do Bispo confessor, os quatro quesitos acerca da incapacidade de D. Maria I para o exercício do poder real. O médico Inglês Wilis voltara para Londres, desiludido. Inácio Tamagnini falava ainda vagamente em trepanação, sem se saber bem porquê nem para quê. Todas as esperanças estavam perdidas.

Um ministério de bonzos, reunido na Sala do Conselho de Estado, discutia gravemente, pesado de cabeleiras e de grã-cruzes. Perto, vindos do oratório, os gritos da Rainha doida atroavam o Paço, lamentosos, lancinantes, misturados com as malagueñas das açafatas espanholas da Princesa:

- Ai Jesus! Ai Jesus!

Só os ministros e os médicos teriam, naquele momento, uma vaga consciência do drama que se estava passando. O resto da corte, despreocupada, ria, conversava, dançava, ouvia o cravista Policarpo e o tiple Cafareli, o tenor Raf e o baixo Pucci, à luz de trezentas velas de cera, debaixo do teto verde onde, num painel imortal, David Perez e Lucas Jovini davam lição de música às senhoras Infantas. Enquanto na Sala D. Quixote se depunha uma rainha louca, - na Sala das Talhas havia serenim. Não eram já os serenins doutro tempo, os serenins célebres da rainha Mariana Vitória, com a rabeça do alemão Goenmann e a flauta do espanhol Rodilo, a voz do italiano Caporalini e a batuta admirável de David Perez, - onde o próprio Núncio, cardeal Conti, e o cónego Gonsalvini tocavam trios de Bach com a condessa de Pombeiro, e se desenterrava das arcas a baixela Germain para servir caldo de galinha fumegante em tigelas de Índia velha; mas um serenim da decadência, sonolento, arrastado, sorna, com os castrati a reboarem-se, o velho duque de Lafões a um canto, cheio de carmim e de sinais, a falar de Gluck, de Metastásio e de Viena de Áustria, o conde da Ponte a abrir a boca, e o mestre da capela real, João Cordeiro da Silva, saltitante, nervoso, roendo as unhas, fugindo das correntes de ar e espirrando como um bode quando a condessa da Ribeira lhe voltava as folhas dos papéis de solfa. Para todos eles, D. Maria I morrera havia muito tempo, - na noite trágica de Salvaterra. Era uma sombra aos uivos no Paço um fantasma de realza que já não acordava a piedade de ninguém. Que importava que a depusessem? Que poderia interessar à corte a deposição dum espectro? Enquanto o cravo da oitava larga chocalhava sob os dedos do Policarpo, e o tiple Ferracuti cantava com a condessa de Vila Flor ou com a linda condessa de Soure, penteada à crioula à moda do cabeleireiro francês Leonard, o dueto de Cimarosa “Ah, cari

palpiti”, - os papagaios do Paço, arremedando os gritos da Rainha doida, berravam dilacerantemente pelos corredores:

- Ai Jesus! Ai Jesus!

As salas do Trono, dos Archeiros e das Serenatas enchiam-se duma multidão de frades e de sécias, de poetas e de fidalgos, de peraltas e de músicos, de oficiais alemães e de cônegos vermelhos da Patriarcal, furando, acotovelando-se, intrigando, namorando com os chapéus e com os leques, rindo com os castrados italianos, correndo atrás do bobo do paço D. João da Falperra, de bastão e grã-cruz, ou da mulata Rosa, anã e boba, que grunhia e pinchava sobre os tapetes, vestida de encarnado, como uma bola. Enquanto o serenim principiava, e se servia o caldo, e chegava o príncipe regente D. João, entre o cardeal da Cunha e o marquês de Marialva, de olhos esbugalhados e de beijo caído, com rapé e frangos assados metidos nas algibeiras da casaca, ninguém se arredava das salas; todos, inclusivamente o malcriadíssimo Kantzow, encarregado de negócios da Suécia, sorriam, abriam roda para o beija-mão, ajoelhavam diante da Princesa que assomava de turbante e úberes de vaca espanhola, e quando, na Sala das Serenatas, o contralto Gezielo rompia a primeira arieta, fazia-se em todo o auditório um silêncio da Cartuxa. Mas em breve, pouco a pouco, as salas iam-se despovoando. Os peraltas fugiam. Os próprios ministros estrangeiros, o lindo e apaixonado Barão Schladen, ministro da Prússia, o embaixador de França, conde de Châlons, o núncio Belisomi, eram os primeiros a sair à formiga. Esperava-os nos jardins do palácio, pelos bancos de pedra do jogo-da-bola, debaixo das abóbodas de arvoredos de João Baptista Robilon, uma música mais sugestiva do que a de Paesiolo e de Zingareli, e um espectáculo mais atraente que o dos barbados tiples italianos. As açafatas da Rainha doida, agarradas a bandolins marchetados, em trilos sensuais, cantavam entre as murteiras verdes, ao luar, o lundum chorado e as modinhas brasileiras. Era uma perdição, era um delírio. Em volta delas, em êxtase, assentados no chão, todos os peraltas, todos os frades, todo o corpo diplomático escutava em silêncio os requebros de voz das manas Lacerdas, os lunduns voluptuosos que o mulato José Manuel ensinara à “Augustinha”, as denguiques soluçadas com que o mulato Caldas, da “assentada de Ménalo” do conde de Pombeiro, se fizera querido de Miss Welding. Eram as açafatas que o moço Beckford descrevera nas suas cartas para Londres, a revoar vestidas de branco pelos jardins da Ajuda, olhos ardentes, cabelos negros, beijos grossos de mulatas, cheias de piolhos e de jóias, de sensualidade e de perversidade, mais corruptas ainda desde que a princesa Carlota chegara a Lisboa, gritando, com as suas malagueñas, os seus chailes “à turca” e as suas viciosas criadas espanholas. Diante delas, diante desse encanto supremo das açafatas portuguesas, o hipócrita frei Luís do Monte Carmelo, de alcunha frei “Tris-Tris”, já rebolava insensivelmente as ancas; o cavalheiro Saurin, ministro da Holanda, tão avarento que sangrava todos os quinze dias um porco vivo para fazer chouriços, acenava com peças de ouro por debaixo das abas da casaca; os narizes enormes do príncipe Reuss e do major

alemão Bermann, arfavam voluptuosamente; o melômano príncipe Rufo, ministro de Nápoles, tomava notas num papel de solfa; esquecido da gota, o gracioso marquês da Fronteira saracoteava-se, de cabeça perdida; Kanzow, apoplético, rugia; o próprio Patriarca escutava por detrás dum canteiro de buxo; chilreavam beijos; riam os sátiros de pedra debruçados sobre os grandes bancos dos jardins; e enquanto, o soluço diabólico das modinhas brasileiras acordava as sombras palpitantes de Queluz, - a Rainha doida gritava, berrava fechada no oratório, cheia de visões e de pavores do inferno:

- Ai Jesus! Ai Jesus!

UMA ESPLANADA SOBRE O MAR

VERGÍLIO FERREIRA

A rapariga estava sentada a uma mesa numa esplanada sobre o mar. Vestia de branco e era loura, mas muito queimada do sol. Ao lado da mesa estava montado um guarda-sol giratório de pano azul que o criado veio regular, para acertar bem a sombra. O criado não perguntou nada e inclinou-se apenas e a rapariga pediu um refresco. Era a meio da tarde e o sol batia em cheio no mar, que se espelhava aqui e além em placas rebrilhantes. O céu estava muito azul e o ar era muito límpido, mas no limite do mar havia uma leve neblina e os barcos que aí passavam tinham os traços imprecisos, como se fossem feitos também de névoa. Na praia que ficava em baixo não havia quase ninguém e o mar batia em pequenas ondas na areia. A espuma era mais branca, iluminada do sol, e o ruído do mar era quase contínuo e espalhado por toda a extensão das águas.

A rapariga de vez em quando olhava ao lado a porta que dava para a esplanada e depois olhava o relógio. Voltava então a olhar o mar e ficava assim sem se mover. Tinha os olhos azuis muito brilhantes, contra a pele morena e o traço negro que os contornava. Foi num desses momentos de alheamento que o rapaz entrou. À porta da esplanada deteve-se um momento a orientar-se por entre as mesas ocupadas, mas logo localizou a rapariga sob o guarda-sol azul. Vestia calça branca e uma camisola amarela de manga curta. E era louro como a rapariga. Quando ela o reconheceu, fez-lhe sinal, mas ele já a tinha visto. Sentou-se-lhe ao pé e olhou em volta como se procurasse alguém. As mesas estavam quase todas ocupadas sob guarda-sóis coloridos e uma ou outra ao sol. Era quase tudo gente jovem, vestida de cores claras de praia.

- Desculpa, fiz-te esperar - disse ele.

- Cheguei há pouco, o criado nem trouxe ainda o que lhe pedi. E que é que me querias dizer?

O criado, com efeito, trazia o refresco para a rapariga, voltou-se para o rapaz a perguntar se tomava alguma coisa.

- Pode ser o mesmo - disse o rapaz.

O sol caía em cheio sobre a praia, iluminava o mar até ao limite do horizonte. - Que é que me querias dizer? - perguntou de novo a rapariga.

Ele sorriu-lhe e tomou-lhe uma das mãos que tinha sobre a mesa.

- Gosto de te ver - disse depois. - Gosto de te ver como nunca. Fica-te bem o vestido branco.

- Já mo viste tanta vez.

- Nunca to vi como hoje. Deve ser do sol e do mar. - Que é que querias?

- Deve ser dos olhos limpos com que to vejo hoje.

O criado trouxe o novo refresco e ambos se calaram, tomando as bebidas.

- Não sei para que são tantos mistérios - disse a rapariga. - O melhor é dizeres logo tudo de uma vez.

- Não se trata de mistérios. Trata-se de estar certo o que te disser.

- Por que é que não há de estar certo? - perguntou a rapariga.

- Por tanta coisa - disse o rapaz. - Eu achei que te ficava bem o vestido e tu estranhaste que eu o dissesse.

- Já me tinhas visto o vestido muita vez. Foi só por isso.

- Nunca reparaste que há certas coisas que nós já vimos muitas vezes e que de vez em quando é como se fosse a primeira?

- Nunca reparei - disse a rapariga.

- Nunca ficaste a olhar o mar muito tempo?

- Sim, já fiquei.

- Ou o lume de um fogão? - disse o rapaz.

- E que queres dizer com isso?

- Ou uma flor. Ou ouvir um pássaro cantar.

- Sim, sim.

- Não há nada mais igual do que o mar ou o lume ou uma flor. Ou um pássaro. E a gente não se cansa de os ver ou ouvir. Só é preciso que se esteja disposto para achar diferença nessa igualdade. Posso olhar o mar e não reparar nele, porque já o vi. Mas posso estar horas a olhar e não me cansar da sua monotonia.

O rapaz tinha o olhar absorto na extensão das águas e permaneceu calado algum tempo. As águas brilhavam com o reflexo do sol na agitação breve das ondas. A rapariga calava-se também, fitando o rapaz, porque percebia que ele não acabara de falar. Mas o rapaz calou-se como se não tivesse mais nada a dizer e ela perguntou:

- Mas que é que querias dizer-me?

- Mesmo as coisas mais banais são diferentes se alguma coisa importante se passou em nós.

- Se alguma coisa importante se passou em nós, não reparamos nas coisas - disse a rapariga, acendendo um cigarro.

- Se é coisa mesmo importante, tudo se nos transfigura - disse o rapaz, de olhar alheado no horizonte.

- Que coisa importante? - perguntou a rapariga.

Mas ele não respondeu e ela perguntou outra vez:

- Que coisa importante?

- Não sei. Uma coisa importante. Se te morresse o pai e a mãe e ficasses subitamente sozinha, o mundo transfigurava-se. Se tivesses tentado o suicídio e te salvassem, mesmo as pedras e os cães começavam a ser diferentes. Estavas farta de conhecer os cães e as pedras, mas eles eram diferentes porque os olhavas com outros olhos.

E de novo se calou. Mas agora também a rapariga se calava na indistinta ameaça de não sabia o quê. O sol rodara um pouco, apanhava agora a cabeça do rapaz, incendiando-lhe o cabelo tombado para a testa. Levantou-se, tentou ela fazer girar o guarda-sol azul no pé de ferro articulado, seguro com um gancho recurvo e uma pequena corrente. Sentou-se de novo mas verificou que ficava ela agora com uma mancha de sol que lhe apanhava um ombro e o braço e uma pequena zona da face. Bebeu um pouco de refresco, olhou distraidamente a linha longínqua do limite do mar. Havia no rapaz uma notícia a dar, mas a rapariga não sabia como fazer a pergunta certa para estar certa com a resposta que queria ouvir. E de súbito disse:

- Pediste-me para estar aqui às quatro horas. Telefonaste-me duas vezes. Vieste à praia para isso. Por que é que afinal vieste?

- Mas tenho estado a explicar-te porque vim.

- Tens estado a explicar porque vieste. Mas falta o mais importante. Falta dizeres por exemplo que tudo está acabado entre nós. Falta dizer que essa tal tua amiga sempre conseguiu o que queria. Falta dizer que nunca me achaste tão bela como hoje, mas que já me não podes amar. Falta dizer isso, mas tens de preparar o terreno, porque a coragem nunca foi o teu forte e julgas que não é o meu.

Falava devagar mas com uma grande intensidade interior, e ficou assim ruborizada, os olhos brilhantes de violência. O rapaz ouviu-a e não respondeu. Pensou primeiro concordar com a rapariga e dizer-lhe talvez que já a não amava. E evitava assim ter de lhe dizer a verdade. Quando ela depois a soubesse, talvez já não sofresse, talvez o esquecesse mais depressa. Mas sofreria ele por aceitar uma mentira que ia contra o que sentia. Julgava ser mais fácil dizer tudo e via agora que não.

- Nada disso é verdade - disse por fim.

O mar brilhava cada vez mais. As placas incandescentes tremeluziam nas águas e faziam semicerrar os olhos ao rapaz. Vergou-se para a mesa e bebeu um gole de refresco.

- Há coisas que é difícil dizerem-se - continuou. - É preciso que tudo esteja de acordo. Com esta luz e esta alegria de verão e este bem-estar de uma esplanada, eu não podia dizer-te, por exemplo, que me vou matar.

- Que estupidez. Mas não tentes desconversar.

- Seria estúpido - disse o rapaz. - Não vou de fato matar-me. Mas não tinha outra maneira de to dizer, se fosse. E seria estúpido, porque tudo estava em desacordo. Não era coisa que se dissesse a uma hora de praia e de sol.

A rapariga ficou a olhá-lo algum tempo intensamente, a tentar ouvir-lhe o que já não dizia.

- Nunca está certa, aliás, seja a que hora for continuou o rapaz. - Tudo pode estar certo talvez a qualquer hora. Menos essa banalidade ridícula da morte. De tudo se pode falar, menos dela. Nem falar, nem filosofar, nem fazer seja o que for que a tenha a ela em conta. Há uma aliança contra ela como contra uma infâmia. Ou como se o não falar a excluísse. E é a única verdade perfeita.

- Mas é uma conversa idiota - disse a rapariga fitando o companheiro de lado, a entender.

- Tudo é erro e ludíbrio: o triunfo, o poder, as ideias, mesmo as matemáticas. Tu pensa no que quiseres e verás que tudo erra. Há só uma coisa que não. E é do que se não pode falar.

O sol baixara um pouco e estendia agora uma estrada de lume pelas águas. Um barco à vela atravessou-a e um momento foi como se as chamas o envolvessem. O rapaz calou-se e a rapariga não sabia que perguntar. Ou tinha várias perguntas, mas não sabia qual estaria certa.

- Sempre fazes exame em Outubro? - disse ela por fim.

Tentava contorná-lo ou distraí-lo para depois o surpreender onde ele não esperasse.

- Não devo fazer - disse o rapaz. - E mesmo não seria nunca em Outubro. Os exames de Outubro são sempre em Novembro ou Dezembro. Às vezes vão mesmo até ao segundo período.

- Por que é que não deves fazer? - perguntou a rapariga.

O rapaz olhou-a no seu vestido de praia, na cor morena da pele, nos cabelos claros que lhe caíam sobre os ombros, e outra vez sentiu que não sabia como responder. Na praia havia já alguns veraneantes à sombra dos toldos ou estendidos ao sol. Um ou outro mergulhava mesmo nas ondas cheias de luz.

- Por que não deves fazer? - insistiu a rapariga. Tens ainda uns meses para te preparares.

- Creio que um mês chegava-me - respondeu o rapaz. - Mas não adiantava nada.

- Por que não adiantava? - perguntou a rapariga.

Ele ficou em silêncio outra vez, olhando o mar. Tinha uma resposta certa, mas tinha medo dela como se ele próprio a não soubesse. Depois disse:

- O médico foi claro. Havia um relógio na secretária e olhei as horas. Eram cinco precisas. Estava calmo e reparei. Tenho dois ou três meses no máximo. O tempo contado dia a dia. E é extraordinário como tudo agora me parece diferente. Mais belo talvez. Creio que vou viver agora mais intensamente. Dia a dia. E três meses no máximo.

- Espera! Três meses como? - disse a rapariga, subitamente iluminada.

- Pôs-lhe a mão no braço e olhava-o fixamente. Ele olhou-a também e ambos ficaram a tentar entender-se em silêncio. Depois ela tirou a mão do braço do rapaz acendeu novo cigarro. O sol escorria do alto e inundava-lhes agora toda a mesa. O rapaz tomou o copo e bebeu um gole devagar.

- Diz outra vez - repetiu a rapariga. - Deixa-me entender. Diz outra vez, para entender tudo muito bem.

- Tu vais dizer que tudo isto é estúpido e eu sei bem que é. Mas se a gente pensar bem, a estupidez é só nossa.

- Sim. Mas explica tudo muito bem. Desde o princípio. Devagarinho.

_ A estupidez é só nossa, porque a vida não é verdade. Mas é a única coisa em que se acredita - disse o rapaz.

- Sim - repetiu a rapariga. - Mas era bom que explicasses desde o princípio. Devagarinho. Para eu não acreditar também. Está um dia cheio de sol.

- Mas a explicação é simples - disse ele, balouçando o líquido no fundo do copo. - Eu vou explicar tudo. Eu vou.

Estava uma tarde cheia de sol. As águas brilhavam até ao limite do horizonte, um barco à vela ia passando pela estrada de lume. O ar estava quente. E a brisa do mar quase não chegava ali.

A rapariga estava sentada a uma mesa numa esplanada sobre o mar. Vestia de branco e era loura, mas muito queimada do sol. Ao lado da mesa estava montado um guarda-sol giratório de pano azul que o criado veio regular, para acertar bem a sombra. O criado não perguntou nada e inclinou-se apenas e a rapariga pediu um fresco. Era a meio da tarde e o sol batia em cheio no mar, que se espelhava aqui e além em placas rebrilhantes. O céu estava muito azul e o ar era muito límpido, mas no limite do mar havia uma leve neblina e os barcos que aí passavam tinham os traços imprecisos, como se fossem feitos também de névoa. Na praia que ficava em baixo não havia quase ninguém e o mar batia em pequenas ondas na areia. A espuma era mais branca, iluminada do sol, e o ruído do mar era quase contínuo e espalhado por toda a extensão das águas.

A rapariga de vez em quando olhava ao lado a porta que dava para a esplanada e depois olhava o relógio. Voltava então a olhar o mar e ficava assim sem se mover. Tinha os olhos azuis muito brilhantes, contra a pele morena e o traço negro que os contornava. Foi num desses momentos de alheamento que o rapaz entrou. À porta da esplanada deteve-se um momento a orientar-se por entre as mesas ocupadas, mas logo localizou a rapariga sob o guarda-sol azul. Vestia calça branca e uma camisola amarela de manga curta. E era loura como a rapariga. Quando ela o reconheceu, fez-lhe sinal, mas ele já a tinha visto. Sentou-se-lhe ao pé e olhou em volta como se procurasse alguém. As mesas estavam quase todas ocupadas sob

guarda-sóis coloridos e uma ou outra ao sol. Era quase tudo gente jovem, vestida de cores claras de praia.

- Desculpa, fiz-te esperar - disse ele.

- Cheguei há pouco, o criado nem trouxe ainda o que lhe pedi. E que é que me querias dizer?

O criado, com efeito, trazia o refresco para a rapariga, voltou-se para o rapaz a perguntar se tomava alguma coisa.

- Pode ser o mesmo - disse o rapaz.

O sol caía em cheio sobre a praia, iluminava o mar até ao limite do horizonte.

- Que é que me querias dizer? - perguntou de novo a rapariga. Ele sorriu-lhe e tomou-lhe uma das mãos que tinha sobre a mesa.

- Gosto de te ver - disse depois. - Gosto de te ver como nunca. Fica-te bem o vestido branco.

- Já mo viste tanta vez.

- Nunca to vi como hoje. Deve ser do sol e do mar. - Que é que querias?

- Deve ser dos olhos limpos com que to vejo hoje.

O criado trouxe o novo refresco e ambos se calaram, tomando as bebidas.

- Não sei para que são tantos mistérios - disse a rapariga. - O melhor é dizeres logo tudo de uma vez.

- Não se trata de mistérios. Trata-se de estar certo o que te disser.

- Por que é que não há de estar certo? - perguntou a rapariga.

- Por tanta coisa - disse o rapaz. - Eu achei que te ficava bem o vestido e tu estranhaste que eu o dissesse.

- Já me tinhas visto o vestido muita vez. Foi só por isso.

- Nunca reparaste que há certas coisas que nós já vimos muitas vezes e que de vez em quando é como se fosse a primeira?

- Nunca reparei - disse a rapariga.

- Nunca ficaste a olhar o mar muito tempo?

- Sim, já fiquei.

- Ou o lume de um fogão? - disse o rapaz.

- E que queres dizer com isso?

- Ou uma flor. Ou ouvir um pássaro cantar.

- Sim, sim.

- Não há nada mais igual do que o mar ou o lume ou uma flor. Ou um pássaro. E a gente não se cansa de os ver ou ouvir. Só é preciso que se esteja disposto para achar diferença nessa igualdade. Posso olhar o mar e não reparar nele, porque já o vi. Mas posso estar horas a olhar e não me cansar da sua monotonia.

O rapaz tinha o olhar absorto na extensão das águas e permaneceu calado algum tempo. As águas brilhavam com o reflexo do sol na agitação breve das ondas. A rapariga calava-se também, fitando o rapaz, porque percebia que ele não acabara de falar. Mas o rapaz calou-se como se não tivesse mais nada a dizer e ela perguntou:

- Mas que é que querias dizer-me?

- Mesmo as coisas mais banais são diferentes se alguma coisa importante se passou em nós.

- Se alguma coisa importante se passou em nós, não reparamos nas coisas - disse a rapariga, acendendo um cigarro.

- Se é coisa mesmo importante, tudo se nos transfigura - disse o rapaz, de olhar alheado no horizonte.

- Que coisa importante? - perguntou a rapariga.

- Mas ele não respondeu e ela perguntou outra vez:

- Que coisa importante?

- Não sei. Uma coisa importante. Se te morresse o pai e a mãe e ficasses subitamente sozinha, o mundo transfigurava-se. Se tivesses tentado o suicídio e te

salvassem, mesmo as pedras e os cães começavam a ser diferentes. Estavas farta de conhecer os cães e as pedras, mas eles eram diferentes porque os olhavas com outros olhos.

E de novo se calou. Mas agora também a rapariga se calava na indistinta ameaça de não sabia o quê. O sol rodara um pouco, apanhava agora a cabeça do rapaz, incendiando-lhe o cabelo tombado para a testa. Levantou-se, tentou ela fazer girar o guarda-sol azul no pé de ferro articulado, seguro com um gancho recurvo e uma pequena corrente. Sentou-se de novo mas verificou que ficava ela agora com uma mancha de sol que lhe apanhava um ombro e o braço e uma pequena zona da face. Bebeu um pouco de refresco, olhou distraidamente a linha longínqua do limite do mar. Havia no rapaz uma notícia a dar, mas a rapariga não sabia como fazer a pergunta certa para estar certa com a resposta que queria ouvir. E de súbito disse:

- Pediste-me para estar aqui às quatro horas. Telefonaste-me duas vezes. Vieste à praia para isso. Por que é que afinal vieste?

- Mas tenho estado a explicar-te porque vim.

- Tens estado a explicar porque vieste. Mas falta o mais importante. Falta dizeres por exemplo que tudo está acabado entre nós. Falta dizer que essa tal tua amiga sempre conseguiu o que queria. Falta dizer que nunca me achaste tão bela como hoje, mas que já me não podes amar. Falta dizer isso, mas tens de preparar o terreno, porque a coragem nunca foi o teu forte e julgas que não é o meu.

Falava devagar mas com uma grande intensidade interior, e ficou assim ruborizada, os olhos brilhantes de violência. O rapaz ouviu-a e não respondeu. Pensou primeiro concordar com a rapariga e dizer-lhe talvez que já a não amava. E evitava assim ter de lhe dizer a verdade. Quando ela depois a soubesse, talvez já não sofresse, talvez o esquecesse mais depressa. Mas sofreria ele por aceitar uma mentira que ia contra o que sentia. Julgava ser mais fácil dizer tudo e via agora que não.

- Nada disso é verdade - disse por fim.

O mar brilhava cada vez mais. As placas incandescentes tremeluziam nas águas e faziam semicerrar os olhos ao rapaz. Vergou-se para a mesa e bebeu um gole de refresco.

- Há coisas que é difícil dizerem-se - continuou. - É preciso que tudo esteja de acordo. Com esta luz e esta alegria de verão e este bem-estar de uma esplanada, eu não podia dizer-te, por exemplo, que me vou matar.

- Que estupidez. Mas não tentes desconversar.

- Seria estúpido - disse o rapaz. - Não vou de fato matar-me. Mas não tinha outra maneira de to dizer, se fosse. E seria estúpido, porque tudo estava em desacordo. Não era coisa que se dissesse a uma hora de praia e de sol.

A rapariga ficou a olhá-lo algum tempo intensamente, a tentar ouvir-lhe o que já não dizia.

- Nunca está certa, aliás, seja a que hora for continuou o rapaz. - Tudo pode estar certo talvez a qualquer hora. Menos essa banalidade ridícula da morte. De tudo se pode falar, menos dela. Nem falar, nem filosofar, nem fazer seja o que for que a tenha a ela em conta. Há uma aliança contra ela como contra uma infâmia. Ou como se o não falar a excluísse. E é a única verdade perfeita.

- Mas é uma conversa idiota - disse a rapariga fitando o companheiro de lado, a entender.

- Tudo é erro e ludíbrio: o triunfo, o poder, as ideias, mesmo as matemáticas. Tu pensa no que quiseses e verás que tudo erra. Há só uma coisa que não. E é do que se não pode falar.

O sol baixara um pouco e estendia agora uma estrada de lume pelas águas. Um barco à vela atravessou-a e um momento foi como se as chamas o envolvessem. O rapaz calou-se e a rapariga não sabia que perguntar. Ou tinha várias perguntas, mas não sabia qual estaria certa.

- Sempre fazes exame em Outubro? - disse ela por fim.

Tentava contorná-lo ou distraí-lo para depois o surpreender onde ele não esperasse.

- Não devo fazer - disse o rapaz. - E mesmo não seria nunca em Outubro. Os exames de Outubro são sempre em Novembro ou Dezembro. Às vezes vão mesmo até ao segundo período.

- Por que é que não deves fazer? - perguntou a rapariga.

O rapaz olhou-a no seu vestido de praia, na cor morena da pele, nos cabelos claros que lhe caíam sobre os ombros, e outra vez sentiu que não sabia como responder. Na praia havia já alguns veraneantes à sombra dos toldos ou estendidos ao sol. Um ou outro mergulhava mesmo nas ondas cheias de luz.

- Por que não deves fazer? - insistiu a rapariga. Tens ainda uns meses para te preparares.

- Creio que um mês chegava-me - respondeu o rapaz. - Mas não adiantava nada.

- Por que não adiantava? - perguntou a rapariga.

Ele ficou em silêncio outra vez, olhando o mar. Tinha uma resposta certa, mas tinha medo dela como se ele próprio a não soubesse. Depois disse:

- O médico foi claro. Havia um relógio na secretária e olhei as horas. Eram cinco precisas. Estava calmo e reparei. Tenho dois ou três meses no máximo. O tempo contado dia a dia. E é extraordinário como tudo agora me parece diferente. Mais belo talvez. Creio que vou viver agora mais intensamente. Dia a dia. E três meses no máximo.

- Espera! Três meses como? - disse a rapariga, subitamente iluminada.

Pôs-lhe a mão no braço e olhava-o fixamente. Ele olhou-a também e ambos ficaram a tentar entender-se em silêncio. Depois ela tirou a mão do braço do rapaz acendeu novo cigarro. O sol escorria do alto e inundava-lhes agora toda a mesa. O rapaz tomou o copo e bebeu um gole devagar.

- Diz outra vez - repetiu a rapariga. - Deixa-me entender. Diz outra vez, para entender tudo muito bem.

- Tu vais dizer que tudo isto é estúpido e eu sei bem que é. Mas se a gente pensar bem, a estupidez é só nossa.

- Sim. Mas explica tudo muito bem. Desde o princípio. Devagarinho.

- A estupidez é só nossa, porque a vida não é verdade. Mas é a única coisa em que se acredita - disse o rapaz.

- Sim - repetiu a rapariga. - Mas era bom que explicasses desde o princípio. Devagarinho. Para eu não acreditar também. Está um dia cheio de sol.

- Mas a explicação é simples - disse ele, balouçando o líquido no fundo do copo. - Eu vou explicar tudo. Eu vou.

Estava uma tarde cheia de sol. As águas brilhavam até ao limite do horizonte, um barco à vela ia passando pela estrada de lume. O ar estava quente. E a brisa do mar quase não chegava ali.

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES D'ALJEZUR

(HISTORIETA QUASE ROMÂNTICA)

MANUEL TEIXEIRA GOMES

A CARLOS MALHEIRO DIAS

O refúgio, o bucólico sanatório indispensável às minhas crises de melancolia, era então a horta dos Pegos Verdes, oásis de laranjeiras sepultado num vale da serra, entre estevais sem fim. Ali haviam demorado por vários séculos alguns monges autênticos, de cuja pobreza os restos do convento - acanhadíssima construção térrea de pedra e barro - perpetuavam o atestado suficiente.

Eu ia para lá a pé, de espingarda a tiracolo, calculando a hora da partida de modo que chegasse ao nascer do Sol, quando o hortelão, o Sr. Elisiário, já andava nas leiras, com a enxada, a abrir caminho à água.

A levada de alvenaria passava ao portão; sentava-me, descansando um instante a escutar o murmúrio da água, e logo, numa dessas frequentes e profundas acalmias da madrugada na serra, que um trilo de rouxinol perturba e magoa, eu cortava subitamente o silêncio com o meu grito:

- Elisiário!...

Da obscuridade rescendente onde o pomar tufava acudia sem demora a voz do velho, tenebrosa, ao rés-do-chão:

Ora muito bons dias a vossenhoria... - E em seguida, mais aguda e livre: - Ó Custódia, Custódia... cá temos o patrão...

Era o sossego de duas vidas consagradas ao amanho da leiva generosa que perfazia a paz solene daquele ambiente de solidão, e eu entrava nela tão naturalmente que nunca a trilhava...

A minha presença em nada alterava a norma de existência ao casal de velhos que para ali viera pouco depois da voda, quarenta anos atrás. Não tinham filhos nem os haviam desejado e, encantados no egoísmo daquela quietação cobiçada e realizada imperturbavelmente, as minhas poucas palavras eram-lhes indício de uma velhice precoce por onde nos emparelhávamos, e assim conseguia eu vencer a sua hostilidade latente, mas sempre alerta, por tudo quanto revelasse tumultos e petulâncias da mocidade.

A minha cama e o meu quarto arranjavam-se todos os dias, que eu lá estivesse ou não, e esses cuidados conservavam-lhes na memória a minha lembrança; quando eu chegava recebiam-me singelamente, como a alguém que se espera depois de curta ausência, embora sucedesse passarem-se às vezes anos inteiros sem que me

vissem aparecer. Do que eles comiam comia eu também, de sorte que nem mesmo o lado material da sua vida sofria modificação.

O velho era malicioso, com grande queda para a zombaria cujo exercício a surdez da mulher baldava naquele escampado e sobre mim gostosamente incidia, mais ou menos velada, enquanto por lá me tinha. A velha, verdadeira pobre de Cristo, calada e obediente, ia-se dobrando para o chão como um compasso que se fecha pouco a pouco, emperra e já não abre; parecia feita de barro amarelecido e gretado, com duas inextinguíveis pinceladas de carmim nas faces. O pretexto à minha demora dava-o a caça, e de espingarda ao ombro subia eu todas as manhãs muito cedo à cumeada das serras por onde me deixava ficar horas esquecidas, mas a caçar de preferência ou exclusivamente, perspectivas e horizontes... A espingarda, no entanto, escudava-me a reputação já abalada e que fatalmente se faria de doido varrido ao vincar a suspeita de que não era pela caça que eu levava os dias inteiros a bater mato.

Umaz vezes por outras disparava a espingarda para o ar ou atirava ao alvo; os tiros ecoavam pelas quebradas dos montes e ouviam-se no convento, provocando, ao regresso, grande cópia de perguntas irônicas e sorrisos de mal disfarçada mofa no meu caseiro, que me via voltar de mãos vazias, e cujo auxílio e companhia nas minhas inocentes explorações campestres eu terminantemente recusava. As alusões, pouco respeitosas, do socarrão à minha má estrela venatória - ele não me punha em dúvida a perícia - eram invariáveis, sem nunca falharem e divertindo-me sempre. Depois, como se isso lhe fosse indispensável e seguro introito à exposição das suas habilidades e façanhas - para fixar o contraste entre a minha impotência e o seu valor -, com bastante pitoresco, embora muito sóbrio de gestos, descrevia as manhas dos coelhos assustadiços e os variados voos com que perdizes e rolas se levantavam fugindo ao caçador inexperiente. "Tricas de escapar" - chamavam-lhes, mas ajuntando logo: - Comigo não brincam os passarinhos e se vossenhoria aqui viesse no tempo da caça proibida, que é quando vale a pena dar um tiro, ou nos meses em que eu posso largar a rega, veria então... Que eu bem sei que vossenhoria no parado acerta como ninguém...

- Pois, tio Elisiário, amanhã trago-lhe a bolsa cheia...

- Vossenhoria anda com pouca sorte. Aos tiros que lhe tenho ouvido já não devia haver bicho com vida numa légua em redor...

E o caso era que os bichos tão-pouco pareciam acatar-me a destreza. Os coelhos miravam-me, com aprazível e tranquila curiosidade, da entrada das suas luras, e uma vez que eu esquecera a espingarda sobre umas pedras fui encontrá-la feita poleiro, donde uma perdiz vigiava a ninhada.

Mas atirar a uma ave, símbolo da graça inofensiva e da elegância mimosa!... Vê-las voar, tão leves, e vê-las pousar, num declive tão doce, como que no ponto certo onde a curva do seu voo encontra a imaginária tangente...

Na liberdade daquela solidão tudo era gozo para os meus sentidos, sempre despertos e ávidos: o ar impregnado pelas exaltações resinosas das estevas; o pesado, quase palpável perfume das moitas de rosmaninho; os gorjeios que a passarinhada solta como isolados fios de pérolas cristalinas; o ruído, o remurmúrio de colmeia de que a vida dos insetos repassa o mato espesso; as borboletas ardendo na luz intensa, como pequeninas chamas verdes que se perseguem, e caindo nas sombras com a opacidade das flores de enxofre... E os vastos horizontes, familiares, mas duma tão perpétua novidade, abrangendo no mar faiscante o recorte sinuoso da costa, lá da Ponta do Altar às rochas do Cabo, com os estuários do arade e das rias de Alvor, e, a norte, a perspectiva circular das serras que fecham o Algarve, imponentes, e até importunas, quase, nas altíssimas ondulações da Fóia e da picota, mas morrendo em linhas azuladas, como que esvaídas, direito ao mar e acamando, a levante, em aveludadas ondas de musselina...

Singular e pacificador panorama por onde, com a alma, a vista se me alongava infinitamente apaziguada!

Não, não era para verter sangue que eu ia aos Pegos Verdes, pois logo me penetrava a clemência duma grande harmonia idílica, mas tão-pouco estranhava a ferocidade instintiva e cultivada do tio Elisiário, que bem lhe correspondia à expressão macabra do rosto: em pequeno tivera a desgraça de esborrachar o nariz, ficando-lhe essa feição estampada ao meio da cara como um ás de paus...

As minhas belas sextas dormidas no terreiro da igreja, debaixo duma copadíssima alfarrobeira, que ali imperava escoltada por oliveiras! A agitação de umas tantas vides, soltas e reverdecidas em pleno sol, hipnotizava-me; o sussurro da aragem nas ramadas da imensa árvore, embalava-me; outras vezes o vento dava com força nas altas oliveiras com o ruído sinuoso e ecoado duma grande vaga a rebentar na areia da praia e os meus sonos ali eram prolongados, reparadores e deliciosíssimos.

Os dias corriam-me tão serenos, tão iguais, naquele ermo dos Pegos Verdes, que pouco a pouco o espírito se me tranquilizava e como um líquido repousado que deposita, por fim, no fundo do vaso, todas as impurezas que o embaciavam, passadas algumas semanas fazia-se-me no cérebro a limpidez necessária. Calmo e indulgente, pois é o veneno da própria atrabilis que nos intoxica a visão do próximo, voltava à convivência dos povoados...

Em uma dessas temporadas de purificação, já quando pensava em a dar por finda para voltar às obrigações da vida social, uma tarde que o calor me levava ao

preferido retiro da alfarrobeira, veio-me o tio Elisiário dizer que chegara ao convento uma senhora em minha busca.

- É uma verdadeira madama!...

Não seria fácil pintar a expressão de assombro e malícia quase obscena com que o velhaco sublinhava a designação de madama.

E como se chama essa madama? - inquiri sonolento, e mais aborrecido do que surpreendido.

Não sei, nem ela quis dizer o nome, porque o patrão também a não conhece... Metia-a na casa onde vossenhoria come. Vem esbofada com o calor e em trajes de viúva...

Você nunca a viu, Elisiário?

Eu nunca, mas a minha mulher diz que aquela cara não lhe é de todo estranha e que já uma vez na feira de Lagos a encontrou passeando sozinha na Rua dos Ourives...

Fui. À sombra das parreiras, cuja latada separa o convento da horta, descansava um mocetão espadaúdo e hercúleo, vestido de soriano escuro, encostado à albarda de uma estafadíssima égua que arreganhava os dentes direito à rama viçosa do batatal.

- É o pajem... - segredou-me o Elisiário, piscando o olho.

Entreí no convento. Na casa de jantar pouca luz havia e essa mesma quase não alcançava o recanto ao qual a misteriosa visita se acolhera e que eu, ainda encandeado, a princípio mal divisei na cadeira onde o seu vulto negro foi pouco a pouco tomando forma.

Dei as boas-tardes, abri a janela e de relance, enquanto buscava assento, examinei a desconhecida que, muito naturalmente, sem se levantar, me estendeu a mão descarnada e fina.

Devia ser mulher de quarenta anos. Alta, delgada, envolta nas pregas dum grande xale de caxemira preta, que a saia de merino prolongava no mesmo tom tenebroso até ao chão, sustinha o corpo num conjunto elegante e digno; as feições regulares e emaciadas, cuja palidez ebúrnea se acentuava sob o alpendre da mantilha negra e lisa, e as pálpebras vermelhas do carmim vivo que o costumado choro parece destilar...

Silenciosa, apertou-me a mão, deixando, logo, cair a sua, pesadamente, nas sombras do regaço, ao passo que a mão esquerda, espalmada sobre o peito, aí desenhava a fragilidade dos seus longos dedos, como que a aguentar baldamente as palpitações dolorosas de um coração martirizado.

Instintivamente a comparei à "Mater" do Germano Pilon, obra-prima de expressão dolorosa - embora um quase nada declamatória - com a qual o museu do Louvre se orgulha e de que a misteriosa senhora parecia haver copiado a atitude sofredora.

- V. Exa. o que deseja deste seu criado? - disse eu a meia voz, realmente impressionado pela trágica nobreza do seu aspecto.

Antes de me responder ergueu vagarosamente os olhos ao céu com o semblante de quem implora a inspiração divina, depois, ainda mais vagarosamente, poisou-os em mim e, com a voz funda onde persistia a dorida rouquidão dos soluços abafados, exclamou:

Eu sou Dona Joaquina Eustáquia Simões d'Aljezur...

De Aljezur!... E veio V. Exa. de tão longe a cavalo, com este calor tremendo. Mas deve estar muito cansada! Não deseja tomar alguma coisa? Suplico-lhe que mande sem cerimônia, como se estivesse na sua própria casa...

Aljezur é o meu nome de família; de Aljezur foram os meus antepassados que, sem jactância, poderei aquilatar de nobres... Eu, hoje, moro em Bensafrim; pela estrada velha, tomando os atalhos, não chega a duas léguas de caminho... Agradeço a V. Exa. o seu cuidado, mas não estou cansada nem preciso de tomar coisa alguma...

Após demorada pausa continuou:

- Não admira que nunca ouvisse falar no meu nome e que até o ignore por completo: V. Exa. é muito novo; nem mesmo poderia lembrar-se da época do verdadeiro esplendor da minha família: eu própria dele só conheço os decadentes vestígios... Nasci sob a influência duma funestíssima estrela e até desses vestígios me desapossaram...

Aqui as suas mãos de marfim, soltas, agitaram-se à altura do rosto para logo se enclavinharem na negridão das roupagens, enquanto um grande soluço lhe estrangulava aflitivamente a voz...

A piedade irrefutável perante espetáculo de tão patente infortúnio, aflorou-me aos lábios em palavras de conforto; animei-a como a criança desvalida, no transe da orfandade, e escutei-lhe a pungente história, preso duma comoção que não esmoreceu até final.

Sem proteção de ninguém, viúva de um oficial que provara em combates coloniais o seu arrojo - digno também da nobilíssima estirpe donde provinha -, reduzida à miséria, escorraçada de quantos lhe deviam respeito e amparo, abandonada no isolamento de uma insignificante propriedade já roída de hipotecas, via-se esbulhada do grande patrimônio, que legitimamente lhe pertencia, cuja importância despertara a avidez de parentes poderosos e ativos, os quais, vivendo na capital, conseguiam inutilizar quantos esforços ela empregasse para entrar judicialmente na posse do que era seu.

Aos descoráveis algozes fora-lhes fácil apoderar-se e talvez destruir os principais documentos em que baseava os seus direitos, documentos confiados ao célebre advogado Rodrigues de Moura, que preparara a ação judicial. Desgraçadamente, depois da morte daquele homem generoso, de cujo desinteressado patrocínio ela recebera provas inúmeras, o seu sucessor, o Dr. Claro Fernandes, ou por sugestão dos seus implacáveis inimigos ou porque realmente não possuísse já os elementos suficientes à continuação do pleito - este alvitre repugnava menos à natural delicadeza dos seus sentimentos -, recusava dar-lhe andamento, deixando sem resposta todas as suas cartas, e sabendo a minha intimidade com o Dr. Claro - com efeito havíamos sido camaradas em Coimbra - atrevera-se a vir suplicar-me que interviesse, escrevendo-lhe.

Tal o resumo de quanto a ilustre "dolorosa" me expôs, mas sem tentar, nem de leve, reproduzir o tom digno, o entranhado sentido, a substância trágica das suas lamentações e ainda menos o colorido, a veemência com que narrava, exaltando-se até aos mais levantados raptos de emocionante eloquência, com os quais, decerto, encobria ou transpunha passagens melindrosas de cuja elucidação claramente se pejava, sobretudo nas imprescindíveis e rápidas alusões às peripécias do seu casamento, que fora também singularmente infeliz.

Prometi - e tão sincero quanto o confrangimento verdadeiro por calamidades alheias pode mover um homem de brios - senão fazer-me seu paladino, pelo menos insistir, apertar com o meu amigo Claro Fernandes para que lhe prestasse o auxílio devido. Eu fiava do fundo cavalheiroso do seu caráter a mais pronta solicitude por aliviar tão peregrina como injustificada desventura, quando esta lhe fosse bem patente, e de antemão garantia à pobre senhora que encontrava no fioso e moço advogado auxiliar não menos prestável do que lhe fora o seu antecessor, e, felicitando-me pelo feliz acaso, mercê do qual eu interviria em assunto assim sugestivo de generosos impulsos, lisonjeava-me profundamente que me houvesse escolhido para seu intermediário.

A cada uma das minhas palavras as feições de D. Joaquina Eustáquia pareciam desanuviar-se, refundindo-se em calma tranquilidade, em quase alegre confiança.

Secaram-se-lhe os olhos, sorriu, apertou de novo o coração, certamente já menos oprimido, com uma das mãos, estendendo-me, num gesto de confiado abandono, a outra mão, que eu beijei, respeitoso.

Protestou o seu eterno reconhecimento, como cumpria, mas ainda em termos levantados, com a espontaneidade de uma alma que se expande livremente ao calor de outra alma cuja rara generosidade a não frustrara na sua esperança até ali tanta vez desiludida, e assim se despediu.

Ao transpor a porta do claustro uma revoada de pombos mansos poisou-nos em volta com o ruído de água lançada de alto, aos baldes. D. Joaquina deteve-se um instante, como que embevecida na graça das aves irrequietas, mas quando se inclinava para as amimar, o tio Elisiário acudiu, solícito, a enxotá-las. O bando levantou voo, passando quase ao de cima das nossas cabeças com o rumor isócrono do arfar de um cão cansado, e D. Joaquina ficou-se ainda um momento, extática, feminilmente, quase infantilmente graciosa, com as mãos estendidas direito ao céu onde os pombos se perdiam.

- Pois haverá no mundo nada mais lindo, mais elegante, mais livre do que uma ave!
- observou-me.

Foi realmente espetáculo para ser olhado, a agilidade juvenil, junta ao desembaraço de consumada cavaleira, com que ela, estribando-se na mão que o pajem lhe oferecia, saltou sobre a albarda da égua e a meteu pelo caminho da serra num chouto rápido, seguida a custo do companheiro. Ao longe a égua tomou feição de palafrem caminhando, ligeiro, sob o peso de alguma desditosa princesa de balada...

Mas a voz do tio Elisiário soou inesperada e zombeteira a meu lado:

O pajem é forto moço... mas tem o nariz vermelho e roído... Aquilo deve ser formigo...

Não fale em narizes, Elisiário, porque o seu também é bonito... - atalhei, severa e secamente.

E recolhi-me a cismar na história de D. Joaquina Eustáquia, vulgar, talvez, nos seus pormenores mas tão fantástica pela incontestável estranheza da sua dramática heroína...

O meu primeiro cuidado, quando regresssei a casa, foi escrever ao Dr. Claro expondo o caso, instando por imediata resposta e instigando-o a que, embora as aparências fossem desfavoráveis a D. Joaquina, concedesse ao seu pleito a atenção que, a meu ver, ele merecia.

A resposta não se fez esperar. O meu amigo prometia tomar o assunto a peito, ajuntando que os empregados do escritório, contemporâneos do seu predecessor, se lembravam ainda de D. Joaquina como de alguém que consubstanciasse, não as calamidades do destino adverso, mas os predicados mais ridículos que possível fosse imaginar - sem poderem no entanto explicar o motivo de semelhante impressão, de resto frequente em subalternos perante o infortúnio desamparado e importuno. Isso por modo algum o desviaria de se ocupar seriamente da questão, esperando, para muito em breve, dar-me notícias mais minuciosas e animadoras.

Ao mesmo tempo, encontrando-me com pessoa de Lagos, sempre bem informada e discreta, perguntei se alguma coisa sabia acerca de D. Joaquina Eustáquia e por ser negativa a sua resposta instei a que inquirisse o necessário da própria gente de Bensafrim.

Passaram meses sem que me chegassem novas diretas ou indiretas da desventurada, e quando justamente me dispunha a visitar o cabo de S. Vicente, fazendo caminho por Bensafrim, recebi carta do Dr. Claro atestando formalissimamente que D. Joaquina Eustáquia Simões d'Aljezur era o tipo acabado da histérica mentirosa e trapaceira, desvairada por fantásticos sonhos de grandeza e vesânicos terrores de perseguições; que tais documentos jamais haviam existido fora da sua imaginação prevertida, e os seus parentes eram-no apenas por afinidade, mas pessoas de comprovada e indubitável honradez, para quem toda e qualquer alusão à triste heroína doía como afronta direta e imerecida.

Em Lagos, de passagem para o Cabo, o informador cujas luzes solicitara corroborou a opinião do advogado com a do povo de Bensafrim onde ela era tida e havida por louca e alcunhada ridiculamente de "Princesa de..."; o informador não conseguira averiguar com exatidão o nome do escarninho principado...

Que mais poderia eu fazer a bem de D. Joaquina? Em meu próprio bem resolvi abandoná-la e remeter-me ao silêncio tenaz das almas limpas de remorso.

Demorei-me três dias na região do Cabo. O sítio onde se levanta a torre do farol, nas ruínas anexas ao velho mosteiro, é soberbo de trágico, orgulhoso isolamento, que tudo em volta acentua e harmoniza.

A monstruosa penedia mociça de Sagres aguenta as investidas do mar do sul e de encontro ao esporão rochoso do Cabo se pulverizam os raivosos vagalhões que o vento norte atira pela costa de Portugal abaixo. Toda a paisagem se repassa da heróica tristeza daquelas incessantes lutas e na charneca vizinha ao mar as raríssimas árvores que medraram vivem quase rentes com a terra, dobradas para levante, fugindo, desgrenhadas, aos arremessos da tormenta.

Mas a lembrança de D. Joaquina, evocada, involuntária e fugitivamente, naquele cenário, perseguia-me ainda mais dolorosa e dramatizada, como se o seu vulto negro por ali errasse açoitado dos elementos...

E, com efeito, era ali que conviria juntar aos uivos da procela os clamores lamentosos de uma alma torturada, no desamparo!

Mesmo em frente ao Cabo levanta-se um leixão de que o mar padece há séculos e a mais e mais se empenha em desfazer. Ali tudo ferve em cachões de espuma e é temeroso de ver como o mar se lhe cava em roda para lhe dar assalto e o sepulta nas ruínas dos altíssimos castelos que levanta e, bramindo, cai de novo e se cava mais fundo e logo se ergue mais alto para de novo o envolver nos concêntricos turbilhões das catadupas de um feroz remoinho, ao concertado esforço de o arrancar!

Mas o rochedo deve ter as raízes no coração da terra, pois nada o abala!

E também é curioso de ver em dias amenos, quando ele se reflete na água espelhada, como se estria de gumes e parece abrolhado de navalhas.

Quem pudesse atirar sobre ele, ao sabor do mar enfurecido, as nossas mágoas, os nossos remorsos, os nossos vícios. Como tudo sairia dali retalhado, sangrando, disforme, inútil e com que delícia não seria então recebida a morte que nos nivelasse a dor pela alegria, e nos obsorvesse as cruéis claridades da alma por onde se desdobram tão angustiosas tragédias!

Era ainda a imagem lutuosa de D. Joaquina que tais lamentações me sugeria, mas a imagem que se movia e trabalhava pelo inconsciente, pois se acaso eu a apercebia, logo tratava de a rebater como a espectro importuno e vexatório. Para que agravar a minha própria tragédia enxertando-lhe o drama de uma existência onde a irremediável loucura fazia a cada instante novos e insanáveis destroços... Loucura!... É tão falível o conceito não só do vulgo mas dos que se equilibram tranquilos na gloriosa plenitude de uma vida desembaraçada, quando se trata de algum ser anormal que as vicissitudes arrastam por sendas inexploradas ou desconhecidas!

Mas o egoísmo sempre triunfava à ideia de alijar do espírito semelhante obsessão e foi inabalavelmente decidido a não me ocupar mais de tal criatura que eu regresssei a casa.

Outra carta do Dr. Claro, que chegara durante a minha curta ausência, ateou o interesse, que parecia de todo extinto, em exultantes labaredas.

O meu amigo penitenciava-se da leviandade com que tentara justificar a pobre vítima à falta do fio encontrado, agora, casualmente, para fácil penetração ao labirinto que devia ser a vida de D. Joaquina Eustáquia Simões d'Aljezur. Houvera processo por ocasião do seu divórcio e o marido não só lhe negara o valiosíssimo dote, que por contrato antenupcial lhe devia, mas até os alimentos lhe recusara. A virtuosa família do marido - cuja morte pouco tardou após a separação - abafara o processo e ele pedia-me que obtivesse, quanto antes, de D. Joaquina certos esclarecimentos de que mandava nota, jurando que, a realizarem-se as suas previsões, tomaria à sua conta levar o pleito a final e por todas as instâncias, ainda que nisso empenhasse a posição que ocupava no foro e alguns bens que possuía.

Cavalheiroso amigo!

D. Joaquina, é certo, não aludira durante a nossa entrevista dos Pegos Verdes à circunstância do divórcio, nem explicara a razão por que não usava o nome do marido, o que era, pelo menos, singular. Mas isso o que importava!

A esperança, a quase certeza de que havia realidade nas suas queixas e justiça nas suas pretensões, e a convicção de que ela era a vítima imbele da cupidez e da maldade de uns hipócritas mascarados de generosos sentimentos mas seguramente de tigrino coração e catadura feroz - como convém à falsa virtude - apoleavam-me de remorsos, exacerbados ainda por haver, tão facilmente, dado crédito às atordoadas do vulgo celerado e estúpido.

Eu desejaria voar até Bensafrim e descendo-lhe ao humilde tugúrio, qual enviado celestial, depor-lhe no regaço a palma do martírio e na frente a imarcessível coroa de rosas da inocência resgatada.

Estávamos no começo de Março, num período de dias aprazíveis. Parti na manhã seguinte, às 9 horas, com um sol de Inverno radiante.

Parti, mais serenado já, mas com a iluminação do triunfo a ampliar-me a alma e em plena comunhão com a natureza que se expandia luxuriante.

A estrada sai da vila por entre hortejos e pomares com as pereiras e os pessegueiros então floridos. Pelos espaldares dos outeiros viam-se jeiras lavradas de fresco, onde as amendoeiras, já tupidas em folhagem tenra, se enovelavam em manchas de mimoso verde-claro. Era milagrosa a transparência da atmosfera nas várzeas da Torre, com os salgados dos Montes, à esquerda, listrados de água espelhada nas valas cheias e a seguir, a Abicada reverdecida em searas espessas, até perder de vista, dando, a sul, nas linhas virgilianas da barra de Alvor. Logo passamos à extensa área pedregosa que antecede as terras do Diaxere, de uma larguíssima ondulação melancólica. À entrada de Lagos a surpresa sempre alacre da ria lavada de toda a fresquidão do mar, o hálito da preiamar em aragens leves e

penetrantes, cheirando a melancia; e o mar, uma linha azulada onde se balouçava um grande patacho branco. Depois, subindo, esse aberto mar azul engastado na curva puríssima do areal da Meia-Praia e para oeste a Ponta da Piedade, rochas de uma solidez duvidosa, todas comidas ou mordidas da vivíssima luz que a água reflete; e a caminho de Bensafrim as várzeas de esmeralda do Paul, de onde se levantam, como nas margens de um lago italiano, agudos serros pedregosos.

Bensafrim, caída no fundo de um vale entre duas serras íngremes, assenta na faixa de grés que atravessa o Algarve e ali serpeia numa inundação de águas ruivas petrificadas, com ruas pelos alastramentos laminados de onda que se fossilizou ao espriar.

A norte, o serro coberto de estevais coroa-se de um moinho de imensas asas sempre furiosamente batidas pelo vento, como se Notus lá desembocasse; a sul, o outro serro, mais sobranceiro, mais íngreme, fazendo sombra à estrada e ao povoado, fortifica-se naturalmente a blocos de calcário jurássico, que o amuralham até ao cume, dentando-o de formidáveis ameias.

Pedi informações, numa venda ao pé da estrada, acerca do paradeiro de D. Joaquina. O taberneiro vem em pessoa cumprimentar-me, empunhando um copázio de vinho já meio vazio que solta dos lábios horrorosamente cancerados, instando, com enfadonha insistência, por que eu beba o resto...

Apeio-me. O homem da venda, mau grado a minha formal recusa de lhe beber as sobras, condescende em indicar o caminho ao meu cocheiro, e um garoto dos seus doze anos salta para a boleia a fim de nos guiar.

Ou seguindo de trem, pela estrada que rodeia o serro do moinho, ou subindo a pé ao moinho e descendo a outra vertente, dá-se no fundo do vale com a casa de D. Joaquina. Eu prefiro ir só, pelo moinho.

Atravessando a ribeira a vau subo ao serro pelos estevais; comigo vai subindo o vento que no topo assopra em furacão as velas do moinho e as faz rodar loucamente. Mas, daí, o espetáculo é soberbo, com a perspectiva de serras que se desdobram até ao cabo, azuis, violetas, e lá muito ao fim, esfumadas, no contraste das linhas de Sagres, que se apercebem recortadas na rocha aos entalhes, com ásperos escuros cavados entre arestas vivas e luminosas. A norte as serras de Monchique aparecem inteiramente outras, separadas, com um mamelão isolado entre a Fóia e a Picota...

A vegetação lanceolada que acompanha os sinuosos ribeiros cristalinos vai correndo pela base do serro e passa a ponte, junto a uma casa abarracada; na ponte, em frente a essa casa, parou o meu trem: é sem dúvida ali que mora D. Joaquina.

Desço por altos estevais espessíssimos que me fustigam a cara e me untam o fato de resina. A casa é um pequeno e pobre monte algarvio, com porta e janela, que foi pintado a cor-de-rosa e agora mostra por entre grandes côdeas de reboco já caído as talhadas da taipa, como um bolo que perdeu parte da sua capa de açúcar.

Aproximo-me da entrada que tem a porta aberta: ninguém.

Entro a uma casa ladrilhada e miseravelmente mobiliada com desmanteladas cadeiras e mesa de castanho. Dentro, no quarto, ouvem-se vozes em contenda. Uma dessas vozes, que amolecia por vezes, silvava, a largos intervalos, no tom, que logo reconheci, da fala de D. Joaquina quando estrugia a sua indignação de vítima recriminadora. A outra voz, em tom igual, acompanhada por baques surdos, assim de golpes feridos em corpo flácido, dizia vitupérios.

- Ah! porca, ah! velhaca, assim é que tu poupas o dinheiro, bebendo logo duma vez toda a aguardente... Ah! safada! Toma, toma, toma... que não deixaste nem uma pinga...

Após muito breve hesitação passei à outra casa. D. Joaquina, sobre um capacho roto, em pernas que se escanifravam descarnadas e negras, estorcia-se nas mãos do pajem, o qual, ajoelhado, a zurzia metodicamente, e antes de fugir ainda a ouvi murmurando, já rendida:

- Ah!... filho... não me batas tanto... que me dói muito amanhã...

Fui para o trem, não horrorizado nem ofendido, mas triste... O cocheiro olhava-me com escárnio e o moço ria à socapa. Antes de me meter na carruagem, perguntei ao garoto:

Então tu conheces aquela senhora?

Que senhora?...

A que mora ali, naquela casa...

Aquela... senhora... É a Princesa Venérea...

Princesa Venérea?!...

Assim lhe chamam aqui todos...

Por quê?...

Não sei... Aquilo é uma refinadíssima bêbeda, que tem deitado a perder toda a rapaziada do povo...

A MALUCA D'A DOS-CORVOS

CONDE DE FICALHO

A primeira vez que a vi, passava eu a cavalo para uma caçada na serra. Era de manhã cedo - uma admirável manhã de Janeiro. A única rua d' A dos Corvos trepava pela encosta íngreme até à igrejita, que, lá no alto, toda caiada, recortada no cobalto lavado do céu, com a sua cúpula redonda e os seus eirados chatos, tinha uns ares de marabout árabe.

Iluminada horizontalmente pelo sol, que se ia apenas levantando, a aldeia parecia acordar, ainda inteiriçada e trêmula do frio da noite. A erva alvejava, coberta de geada; e as estrumeiras, revolvidas pelos porcos, fumavam na friagem úmida. Algumas mulheres abriam as portas, varriam a rua, em saias de baixo de baetilha amarela, os lenços vermelhos atados nos cabelos. No ar fino, de uma transparência excessiva, os tons destacavam-se nítidos, um pouco crus, sem esbatidos, como postos à primeira em um estudo do natural. E os sons: o martelo do ferrador no alpendre ao cimo da rua, as vozes alegres dos rapazes jogando a pata-galharda, o canto conquistador dos galos nas cevadas dos farrejais, ouviam-se ao longe, nítidos também, numa vibração clara e seca.

À superfície de toda a cena havia aquela tranquilidade rústica, que tantas vezes provoca a reflexão banal e falsa: - Que bom seria viver aqui, longe dos cuidados do mundo!

Ao voltar a esquina do muro de um quintal, vi na estrada uma mulher rota, descalça, muito miserável; mas conservando na figura e no andar uns restos de mocidade e de elegância. Não levava chapéu, nem lenço na cabeça; e os seus cabelos pretos, fartos e crespos, cobriam-lhe toda a testa, coroando-a de uma massa escura e singular, que me recordou a Salomé de Regnault.

Quando ouviu junto de si o ruído dos cavalos, voltou-se de súbito; e, afastando da cara as madeixas soltas com um gesto violento, fitou em mim os olhos grandes, luminosos, numa expressão intensa e dolorosa de interrogação. Foi apenas um clarão instantâneo. A luz apagou-se, e, baixando a cabeça com um sorriso idiota, apertou contra o peito, carinhosamente, um embrulho informe de trapos, como se acalentasse uma criança. Nisto, os rapazitos, que tinham descido a rua para admirarem de perto os cavalos, viram-na e começaram a gritar:

- Olha a maluca! olha a maluca!

Ela então, assustada, conchegou mais ao peito o embrulho de trapos, como se o quisesse livrar de algum perigo, e, deitando a correr, escondeu-se atrás dos muros dos quintais.

Fez-me impressão o olhar daquela desgraçada, e a primeira vez que me encontrei com D. Jesus Serrano, perguntei-lhe se conhecia a rapariga doida d'A dos Corvos.

D. Jesus era um tipo originalíssimo - um liberal espanhol. Condenado à morte pelo governo de Narvaez, que havia muitos anos se estabelecera ali na raia, onde vivia da sua clínica. Distinto médico, formado em Salamanca, diziam uns; simples curandeiro, afirmavam outros. Nunca se soube bem ao certo que cartas tinha; nem creio que as autoridades averiguassem este ponto com muito zelo. E fizeram bem - ele curava e matava como qualquer outro. Médico ou curandeiro era um excelente homem, sempre pronto a acudir aos pobres, sempre a cavalo pelas estradas ao sol e à chuva, com um casacão de peles, muito roçado, no inverno, e uma extraordinária sobrecasaca de chita de ramagens no verão. A quatro ou cinco léguas em roda conhecia toda a gente, nas mais pequenas aldeias, nos mais afastados montes e malhadas; e quando lhe perguntei pela doida, respondeu-me logo no seu português especial:

- Ah! Mariana, la pobre. Si a conheço. E qué bonita foi!... qué triste caso!

E contou-me a história da rapariga - uma história velha, sabida, de uma simplicidade extrema.

A Mariana era filha de uma pobre mulher d'A dos Corvos, que ficara viúva, sendo ela ainda criança. A mãe trabalhava fora, enquanto a pequena brincava solta pela rua e pelos campos, crescendo ao ar livre, trepando às azinheiras, buscando bolotas pelos montados, e medronhos ou murtinhos pelos matos. Depois, já crescida, começou também a ir ao trabalho; e aos dezoito anos tinha-se feito a mais graciosa rapariga da aldeia, e de todos aqueles contornos. Alta, delgada, direita e flexível como um vime, era um gosto vê-la voltar do trabalho, andando na estrada num passo que poucos homens acompanhavam, ou vê-la descer, correndo com as outras, uma encosta fragosa, cortando o esteval denso, saltando de pedra em pedra com a segurança de uma cervã. Mas o seu encanto estava sobretudo nos admiráveis olhos pretos, e no olhar fundo, meigo, que se encontrava a custo, abrigando-se tímido e arisco sob as longas pestanas negras.

De ser muito bonita e um tanto esquiva, não lhe resultava grande popularidade entre as outras raparigas; mas era muito procurada pelas manajeiras, como uma boa trabalhadora, sempre pronta ao sol e ao frio, valente no apanho, nas mondas, nas discardas, nas ceifas... nas ceifas alentejanas! As ceifas ardentes de Junho, nos cevadais altos, pelas quebradas abafadiças dos montados, quando os levantes abrasam, quando o calor se vê - positivamente se vê - dançando no ar fremente, quando à hora do meio dia tudo se cala, mesmo o ruído estridente das cigarras, e só se ouve, ao longe, o canto triste das rolas nas grandes azinheiras copadas dos barrancos. E aí, de foice na mão, a cinta flexível curvada, a Mariana podia pôr-se ao lado de qualquer trabalhador desembaraçado.

A mãe e a filha viviam bem. Duas mulheres sós, sadias, trabalhando no campo, não passam privações. Os ganhos da azeitona até chegavam largamente para as elegâncias da Mariana. E que bem lhe ia qualquer coisa! Como os olhos pretos brilhavam sob a aba curta do chapéu novo de Braga! Como um pobre lencinho de chita encarnada dava valor ao tom quente da pele morena; aos beiços vermelhos, sombreados por um buço tenuíssimo, deixando entrever, nos raros sorrisos, os dentes pequeninos!

Veio o ano da novidade grande de azeitona - aquele ano em que os lagares moeram até ao Santo Antônio - e a Mariana foi com a mãe para o rancho da Sovereira- -formosa, a maior herdade do concelho.

O filho do lavrador e proprietário da Sovereira, o João, um rapaz de vinte e três ou vinte e quatro anos, namorou-se da nova azeitoneira. Nunca o apanho foi tão bem vigiado como naquele ano. De manhã à noite o João acompanhava o rancho, fumando cigarros, encostado às oliveiras, com a rédea do cavalo castanho passada no braço. Quando ao recolher ele dava relação exata dos sacos, que tinham entrado no lagar, o pai ficava satisfeito de o ver assíduo no trabalho, ativo, esquecido da espingarda e dos galgos; mas no rancho a corte do João à rapariga d'A dos Corvos era o assunto de todas as conversas.

Não lhe era fácil falar à Mariana. Ela, lisonjeada mas tímida, evitava as ocasiões; e sessenta pares de olhos femininos observavam-lhe os manejos com curiosidade, não talvez mais intensa, mas de certo mais grosseiramente indiscreta do que aquela com que nas salas se observam manejos muito semelhantes. Tinha de esperar horas para lhe dirigir a furto duas palavras quando ela ia levar azeitona aos carros - dias para a encontrar só no caminho da fonte, quando lhe chegava a vez de ser aguadeira. E então a Mariana apressava o passo, com os olhos baixos, fugindo às declarações, rendida já mas arisca, batendo-lhe o coração de medo, de vergonha, não sabia de quê, com o bater precipitado e violento de um coração de passarito apertado na mão.

Um dia esperou-a na volta da fonte, num vale arredado do olival; e aí deteve-a quase à força, dizendo-lhe tudo, roubando-lhe um beijo, enquanto ela, os olhos cravados no chão, as faces acesas, passando nos dedos a bainha do avental de batido, deixava escapar uma confissão e uma promessa.

Quando terminou a colheita da azeitona, o cavalo do João aprendeu bem depressa o caminho d'A dos Gorvos. A rapariga fugia de casa, e ia encontrar o namorado fora da aldeia, no vale, atrás dos silvados do barranco.

Não sei se ele lhe falou do futuro, se lhe prometeu casamento - é provável que não. A Mariana deu-se sem pensar, sem cálculo, sem exigir garantias; deu-se com a sua

inexperiência de selvagem, com os impulsos do seu coração, com os ardores do seu sangue de serrana vigorosa e forte. Mas deu-se toda e para sempre, e julgou que a tinham tomado para sempre.

Meses depois a mãe ia só ao trabalho, porque a rapariga já não podia dissimular o seu estado sob as pregas do xale de lã, e, envergonhada, ficava em casa.

Por este tempo levava o proprietário da Sovereira-formosa muito bem encaminhadas umas negociações para casar o filho com a D. Angélica - um excelente casamento.

Trinta e cinco ou quarenta anos antes, o pai de D. Angélica viera da Covilhã para caixeiro de uma loja na vila próxima. Era uma lojita fria, úmida, escura, ao cimo da rua Nova, onde se vendia de tudo: chitas e manteiga, pano cru e açúcar, pregos e velas de sebo. O beirãozinho passou ali anos ao balcão com os mesmos sapatos de ourelo, e o mesmo casaco cor de mel, ensebado, com que viera da terra. Tinha o gênio da usura; privava-se de tudo com uma sordidez enérgica, vivendo de pão de rala e alhos crus, e emprestando a juros os tostões do seu pequeníssimo ordenado.

De repente soou na vila uma notícia extraordinária: o caixeiro ia casar com uma sobrinha ou afilhada - ou talvez, algum parentesco mais próximo - que o velho e rico prior de Santo Antão tinha em casa. Isto deu que falar. Disse-se que o casamento era forçado; que o prior encontrara alta noite no quarto da sobrinha o aspirante da alfândega, um meliante de Lisboa, que tocava o fado, e se embebedava regularmente às quintas e domingos na hospedaria das Silveiras. O caixeiro fora então chamado a reparar culpas, que não cometera. Mas - observava neste ponto da história o velho Serrano - isto nunca se soube bem ao certo, e a calúnia não poupa ninguém... seria capaz de não poupar Nosso Senhor Jesus Cristo, se cometesse a insigne imprudência de voltar ao mundo.

Fosse como fosse, o caixeiro casou; e então, com o dinheiro do prior, tomou a loja de trespasse, e alargou as suas operações de usura, que passaram a chamar-se operações de crédito. Teve também comissões de Lisboa - comprava cevadas e azeites.

Anos depois, o prior morria, deixando-lhe um bom lote de fazendas, e - diziam - uma grande arca, toda cheia de velhos cruzados novos. Nas mãos do beirão a fortuna do prior medrou. As fazendas arredondaram-se: com uns foros da Misericórdia, comprados barato; com uns milheiros de vinha, penhorados por uma dívida de cem mil réis a uma viúva pobre; com uns olivais, entregues na liquidação final de contas obscuras. E agora, o lojista da rua Nova era um personagem, um dos maiores entre os quarenta maiores contribuintes, grande influente eleitoral, tendo o seu palacete na Praça, de frontaria bem caiada, com frisos verdes na cimalha, e globos de vidro amarelo nas grades das janelas.

O cruzamento do beirão com a alentejana não fora feliz - a sua filha única, D. Angélica, não era bonita. Grossa, corada, luzidia, dada a atavios vistosos... francamente não era bonita. Mas que boa dona de casa! Econômica, madrugadora, severa com as criadas, e tendo - como a imortal Dulcinéia - a melhor mão para salgar porcos de toda a província!

O lavrador da Sovereira tinha umas contas com o lojista - quem as não tinha? De ano para ano as contas iam-se enredando, complicando-se em misteriosos labirintos de juros de juros. Lembrou-se de as saldar pelo casamento do filho. Mandou sondar o terreno; e as propostas foram bem recebidas. O lojista conhecia-lhe os negócios a fundo, sabia que os seus embaraços não eram graves; e depois uma aliança com os Seabras da Sovereira lisonjeava-lhe todas as vaidades.

Quando o pai lhe falou no casamento, o João ficou muito atrapalhado. Custava-lhe deixar a Mariana, e naquele estado. Tinha pena da rapariga, e tinha medo do seu génio violento... de um disparate. Resistiu a princípio. Então toda a família o rodeou, dando-lhe bons conselhos.

O tio João Máximo, quando soube que a hesitação do sobrinho procedia do escrúpulo de deixar uma azeitoneira d'A dos Corvos, riu a bom rir, segurando as ilhargas gordas nas mãos curtinhas, com grupos de pêlos ruivos pelas falanges.

- Já não há rapazes! dizia-lhe ele. Vocês não sei o que me parecem. Então a gente há de estar com essas coisas? Elas lá se arranjam... lá se arranjam...

E contava-lhe as suas aventuras de D. João de aldeia. Tinha sido a Catarina, e a Benta, e mais a Isabel, e a Joana da horta, e a Conceição da estalagem - uma hecatombe de mondadeiras. Hecatombe não é bem a palavra, porque, a acreditar no que dizia o tio João Máximo, todas elas prosperaram. A Catarina tinha casado, e também a Benta; a Conceição pôs uma venda; a Isabel estava agora de criada grave em casa do juiz de direito, que era solteiro. Estavam todas bem estabelecidas, gordas e perfeitas.

-...Elas lá se arranjam... lá se arranjam... E olha, terminava o tio João Máximo, o melhor que a gente leva deste mundo é... rir e divertir-se sem estar lá com essas coisas!

A tia Doroteia não levava o caso tão placidamente; irritava-se:

- Umas doidas! umas... - é necessário expurgar cuidadosamente o vocabulário da tia Doroteia, que no entanto era uma honesta senhora - umas doidas sem vergonha que andam metidas com um e com outro! Que sabes tu se lhe deves alguma coisa?

O João não respondia, macambúzio, metido no quarto, numa resistência passiva. Então o pai levou-o por bem, contando-lhe os seus embaraços, pintando-lhe as opulências da Sovereira-formosa quando as dívidas estivessem todas pagas, mostrando-lhe, no futuro, uma vida farta, à vontade, caçadas, bons cavalos, viagens a Lisboa. Disse-lhe que dariam alguma coisa à Mariana, que a não deixavam desamparada. E que mais queria ela? que podia ela esperar?

Afinal o João cedeu. Prometeu ir a A dos Corvos, desenganar a rapariga, acabar tudo. Foi, mas teve medo da crise - adiou-a. Disse só que ia para a vila tratar de uns negócios, demorava-se um mês, talvez dois, depois voltava. Deixou a rapariga lavada em lágrimas; mas segura, sem uma suspeita.

Passou um mês; passaram dois e mais. A Mariana, sentada agora junto do berço do filho, contava os dias e as horas. Não lhe chegou aos ouvidos a notícia do casamento - A dos Corvos fica tão arredada de tudo, e ela vivia tão só!

Uma manhã, voltava de longe, do mato, com um feixe de lenha à cabeça, e a criança ao colo, abrigada pela ponta do xale de lã. De um cerro viu à distância, na estrada da vila, a bem conhecida traquitana da Sovereira-formosa. Viria ali o João? Bateu-lhe o coração tão violentamente que fechou os olhos, e teve de encostar-se a um chaparro para não cair. Veio descendo para a estrada, e quando a traquitana chegou perto viu dentro o seu João. Não viu mais nada, deixou cair o feixe de lenha e correu à carruagem, esfalfada, sem respiração, levantando o filho nos braços, dizendo só:

- Oh! João!

Vinha tão cega, com tanto ímpeto, que seria pisada se o almocreve não detivesse as mulas. Mas então... viu uma senhora ao lado dele. Dentro da carruagem, a D. Angélica perguntou numa voz áspera e agressiva:

- Que é isto? quem é esta mulher?

Vendo-o ficar em silêncio, amarelo, enfiado, acrescentou num tom mais azedo:

- Tu conheces esta mulher, João?

E ele, baixo, mas de modo que a Mariana o ouviu distintamente, respondeu, hesitando:

- Eu não... não sei quem é. Talvez... talvez esteja doida.

A rapariga recuou, como se esta palavra a empurrasse, e a D. Angélica gritou ao almocreve:

- Anda lá.

- Doida! dizia a Mariana, imóvel ao lado da estrada.

Percebia tudo, e quando a traquitana, que se afastava ao trote largo das mulas, se sumiu lá adiante na volta, sentiu que tudo se acabava. Num primeiro impulso deitou a correr pela encosta abaixo para a ribeira. Ia a direito, cortando o esteval alto, atravessando os balseiros, partindo as loendreiras, rasgando-se nas silvas, atirando-se à espessura brava do mato, como uma corça ferida. Em baixo, encarou o espelho frio da água na superfície tranquila do pego. Estava muito tranquila, retratando nitidamente as moitas de loendro florido da outra margem; enrugava-se apenas em círculos, que se alargavam docemente, quando a ponta da asa de uma andorinha a tocava no passar rápido. Estava muito tranquila nos recantos assombrados pelos balseiros, límpida, transparente, deixando a vista penetrar na fundura esverdeada.

A rapariga apertou o filho ao peito, e deitou-se ao pego.

Uns cortadores, que andavam ali no montado, viram-na de longe correr para a ribeira, e seguiram-na. Dois ou três mais afoitos lançaram-se à água e puderam tirá-la a custo. Estenderam-na ao sol, de costas, na erva da margem. Branca, os olhos cerrados, os longos cabelos negros, desatados, cheios de água, espalhados sobre a relva florida, a chita molhada das roupinhas colada nas curvas firmes dos seios, a rapariga parecia morta. Passados momentos descerrou os lábios numa funda inspiração; uma onda leve de sangue tingiu-lhe as faces; as pálpebras tremeram.

Voltava à vida; mas ao peito apertava nervosamente o cadáver da criança afogada. Depois, sentada na relva, com os seus grandes olhos pretos, fitos, ininteligentes, conchegava o cadáver do filho num gesto terno, querendo aquecê-lo. Os cortadores forcejavam por lho tirar, docemente, com um toque carinhoso das suas mãos rudes. Um deles - o Chico da Bemposta, que na semana passada dera duas facadas no João da Benta - de joelhos ao pé dela, soluçava. Quando a separaram do cadáver, não percebeu; e, enrolando o seu xale molhado, apertou-o ao peito, acalentando-o com um sorriso triste.

Hoje a maluca vive com a mãe, que trabalha para a sustentar. Vivem muito pobres... muito esquecidas. Quem vai às vezes por casa delas, e lhes deixa sobre a mesa uns dez tostões, que lhe fazem falta, é o D. Jesus, o velho curandeiro.

O João está presidente da Câmara Municipal; e o sogro espera, por ocasião das eleições gerais, obter para ele o título de visconde.

A CAÇADA DO MALHADEIRO CONDE DE FICALHO

Tínhamos ido - o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Vale Fundo e eu - em busca de um porco, que o malhadeiro atalaiara na véspera. Tencionávamos fazer apenas uma mancha pequena, próximo da qual o porco fora visto, e voltar à tarde ao monte das Pedras Alvas, onde ficara o nosso rancho.

O malhadeiro foi com os cães bater, enquanto o mestre Domingos e eu esperávamos nas portas. O porco não estava na mancha. Batemos segunda, onde também não estava; mas ali os cães pegaram com força no rasto, e em baixo no vale achamos-lhe as saídas frescas. Sempre na esperança de o encontrar, batemos terceira e quarta mancha, e fomos de cerro em cerro, e de vale em vale, até que, quando nos decidimos a voltar - sem ter visto um pelo do porco - estávamos a duas léguas, e léguas de serra áspera das Pedras Alvas. Era em Dezembro, já ao cair da tarde. Começava a chover, e as nuvens grossas, correndo do lado do sul, anunciavam uma noite de água.

- Nós com um tempo destes não deitamos às Pedras Alvas senão alta noite - disse o mestre Domingos.

- Não deitamos é certo! - respondeu o malhadeiro.

- Má raios partam o porco! - acrescentou, para se consolar.

- Mas que há a fazer?

- Podíamos ir à malhada da Crespa, que é daqui meia légua. O Tio João sempre há de ter alguma coisa que se coma, e um lume prá gente se enxugar.

- Pois vamos lá.

As nuvens negras tinham-se fundido num tom cinzento. A chuva engrossava. Batida com força pelo vento, passava em linhas claras, apertadas, quase horizontais, sobre o verde negro dos cerros. O malhadeiro abria caminho a corta-mato, e o mestre Domingos e eu seguíamos, abaixando a cabeça, fugindo às rajadas de chuva que nos açoitavam a cara. Em fila atrás dos nossos calcanhares vinham os cães, tristes, de orelha caída. O mato escorria. Nos vales, cheios de erva densa, a terra ensopada cedia fofa debaixo dos pés; e as pegadas, marcadas no musgo verde, enchiam-se logo da água que ressumava. À luz tênue da tarde algumas poças maiores brilhavam, com reflexos frios de prata polida. Duas galinhas saltaram-nos aos pés, sacudindo com a ponta

da asa as gotas cintilantes, presas às folhas viscosas das estevas; mas as espingardas estavam carregadas de bala, bem comodadas debaixo do braço, com as fecharias tapadas pelas abas dos jalecos, e nenhum de nós ia de humor para atirar a galinholas.

- Má raios partam o porco! - dizia de vez em quando o malhadeiro.

Era noite fechada, quando os perfis confusos de umas azinheiras grandes se desenharam diante de nós no clarão baço do céu. Ouvimos ladrar os cães - estávamos na Crespa. O Tio João veio à porta, conheceu a voz do outro malhadeiro e abriu logo. Estava só em casa com a nora e os netos pequenos; o filho andava trabalhando longe dali, e não recolhera.

Improvizou-se rapidamente uma ceia pobre, que nos pareceu excelente. Duas braçadas de lenha seca de azinho estalavam na enorme chaminé, com uma chama clara, muito alegre. E quando acabamos de cear e nos chegamos para o lume, acendendo os cigarros, penetrou-nos uma grande sensação de bem-estar. Lá fora ouvia-se o cair monótono da chuva, e as lufadas do sul, assobiando na telha-vã da malhada.

Naturalmente falou-se de caça - o ferreiro e os dois malhadeiros eram os três primeiros caçadores da serra.

- Oh! Tio João, você é que fez uma caçaria melhor que todas essas? - disse o ferreiro depois de se contarem muitos casos de mortes de porcos e de veados.

- Fiz... fiz... - disse o velho como quem meditava.

- Você devia-nos contar esse caso esta noite.

- Ó mestre Domingos, eu não gosto de falar nisso.

- Ora, uma vez não são vezes... Eu sei do caso, mas nunca lho ouvi contar bem a preceito como ele foi, e os mais que aqui estão não o sabem.

- Pois conto - respondeu o malhadeiro, abaixando-se para acender o cigarro a uma brasa. Estava sentado defronte de mim, dentro da chaminé, ao lado da nora. A luz crua da labareda iluminava-lhe brutalmente a cara, enérgica, sulcada de rugas fundas, muito queimada. Entre os joelhos tinha o neto, uma criança de sete ou oito anos, com uma cabecita redonda, bem encabelada, e uns olhinhos pretos, vivos, em que a chama punha pontos brilhantes. De vez em quando a mão negra, muito dura, do velho passava sobre a cabeça do pequeno, com um toque suave, de uma

doçura infinita. Diante do lume, o ferreiro e o Joaquim do Vale Fundo, estendiam para o brasido os sapatos grossos e as polainas, que ainda fumavam. A chama, levantando e abaixando, projetava-lhes as sombras, desmesuradamente grandes, na parede caiada do fundo, fazendo-as dançar de um modo fantástico. - Isto por aqui no tempo dos franceses esteve mau... muito mau! - começou o malhadeiro. - Passaram aí duas vezes. Quando passaram juntos, em tropa, bem foi; mas depois, quando iam na retirada, sem respeito lá aos seus comandantes, nem a ninguém, queimavam e roubavam tudo. Os montes, nos barros, estavam todos desertos; e mesmo cá na serra, nas malhadas mais perto das estradas, não ficou viva alma. Todos fugiam, levando alguma coisa melhorzita que tinham. Meu pai quis aqui ficar.

- Pra onde há de a gente ir? - dizia ele. - E depois isto é cá desviado, não vêm cá.

Eu, ao tempo, era rapazote, ia nos meus dezessete.

Estava aqui com meu pai e as minhas duas irmãs; a Inês, a mais nova, que ainda vive, era mais velha do que eu um ano; e a Mariana, Deus lhe perdoe, teria então os seus vinte ou vinte e um.

Passou tempo, sem os franceses aparecerem. A gente sabia que passavam tropas, aí pelas estradas, direitas a Espanha; mas cá na serra já estava descuidada. Quando uma manhã, que eu andava lavrando com a parelha ali no farrejal, e meu pai estava falquejando umas alvecas aqui na empena, a Inês que tinha ido à fonte... à

fontinha lá abaixo na úmbria, sabes Joaquim?... a Inês veio fugindo ladeira acima, e chegou aí esfalfada, dizendo: Aí vêm... aí vêm!

E vinham. Aquilo sorte é que se tinham desviado da estrada, perderam-se e vieram a corta-mato, direitos à casa, que viam aqui na altura. Eram oito. Vinham muito rotos, com os sapatos em frangalhos, atados com trapos. Um - estou-o vendo - um alto, magro, com o nariz grande e o bigode caído aos cantos da boca, trazia um lenço branco, sujo, com grandes manchas de sangue, atado à roda da cabeça.

Meu pai bradou-me, e quando eu vim correndo, disse-me baixo:

- Esconde as espingardas.

Fui àquele canto onde elas sempre têm estado, peguei-lhes, passei à porta de trás, e fui metê-las na palha da arramada. Quando voltei já os franceses estavam dentro de casa. Não se percebia nada do que diziam, senão - vino... vino... - e faziam sinal que queriam comer. O pai disse às moças que lhes dessem o que havia; mas eles

não esperavam, abriam as arcas e traziam o que achavam pra cima dessa mesa. Meu pai tinha-se sentado naquele banco...

O velho indicava os lugares com o gesto, que o Joaquim e o mestre Domingos seguiam no movimento de atenção dos olhos; e assim contada, naquela casa, que não tinha mudado nos últimos sessenta anos, onde ainda se viam as espingardas encostadas ao mesmo canto, e o banco tosco ao lado da porta, a história adquiria uma intensidade de vida, uma atualidade singular.

- Os franceses - prosseguiu o Tio João - comeram, beberam, estavam já alegres, rindo e gritando. Um deles, um loiro, que tinha um galão e parecia mandar alguma coisa nos outros, quando a minha Inês passou ao pé dele, deitou-lhe um braço à cintura, sentou-a à força nos joelhos e deu-lhe um beijo.

Eu vi isto, e no mesmo instante vi meu pai de pé, e um machado de cortar azinão direito à cabeça do francês. O francês era leve, furtou-se; e quatro ou cinco deles agarraram-se a meu pai e depois de uma luta deitaram-no no chão. Eu tinha levado uma coronhada pelos peitos, e estava encostado àquela arca, seguro por outros dois. O loiro ria-se, com um riso mau, mas dizia - quis-me a mim parecer - que nos não fizessem mal, que nos atassem. Estava aí uma corda grande de enquirir, com que eles ataram o pai de pés e mãos. A mim ataram-me com um barão e com a minha cinta.

Às moças... arrastaram-nas para a casa de dentro, gritando e chorando...

À mesa ficaram dois franceses, bebendo.

Eu ouvia minhas irmãs chorar lá dentro, chamando-nos, que lhes acudíssemos; e via o pai deitado no chão, com a camisa rasgada, e as mãos atadas atrás das costas.

Na luta, quando caiu, partiu a cabeça na esquina do banco. Um fio delgado de sangue corria-lhe da testa até às suíças brancas, e, dos olhos muito fitos, vi correrem-lhe as lágrimas, que se misturavam com o sangue. Não posso dizer o tempo que isto durou; mas pareceu-me muito. - Quando os franceses saíram, rindo e metendo nos bornais o pão e uns queijinhos que tinham sobejado, nem olharam para o pai; a mim pegaram-me, e, assim mesmo atado como estava, levaram-me à porta para lhes ensinar o caminho. Não sei o que me lembrou; mas em lugar de lhes mostrar a trocha que vai direita à estrada, mostrei-lhes a que desce para a ribeira. Essa trocha era a mais seguida das duas - eles não desconfiaram, deitaram as espingardas ao ombro, e desceram vale abaixo.

A Inês não dava acordo de si; mas a Mariana, muito branca, muito enfiada, veio cá fora desatar o pai. Ele não falava, e, quando a Mariana me desatou, disse-me só:

- As espingardas.

Fui à arramada buscá-las, e quando vim já o pai tinha o polvorinho a tiracolo; apontou para o outro polvorinho que eu enfiei, e, tirando da arca o saco das balas, esteve-as dividindo, deu-me um punhado delas e meteu as outras na algibeira. Saímos sem ele dizer uma palavra à Mariana. Fez-lhe sinal que chamasse e fechasse os cães. Só deixou ir uma podenga velha vermelha; mas a podenga era - salvo seja - como uma criatura; quando estava numa porta nem latia, nem mexia um cabelo. À ponta dos farrejais abaixou-se; desafivelou a coleira do chocalho da cadela e deitou-a fora.

Nós íamos devagar. Entendi eu que meu pai os queria deixar meter bem para os vales mais ásperos. Lá abaixo, aos matões do barranco do Alendroal é que os apanhamos. Vimo-los de longe numa volta da trocha. Meu pai não falava, fez-me sinal que fosse à meia encosta da úmbria, que ele ia pela soalheira, e quando nos apartamos, numa voz ainda trêmula, disse-me só estas palavras:

- Não atires, sem eu atirar.

Eu meti à encosta, de gatas, por baixo das estevas.

Era uma criança ainda, mas não me lembrei de ter medo.

Fui... fui, até que cheguei bem a tiro. Já nesse tempo atirava bem. Desde pequeno que andava com meu pai, e você ainda se lembra como ele atirava, mestre Domingos?

- Era a primeira espingarda da serra, a chumbo e a bala! - afirmou o ferreiro.- E era! - continuou o velho. - Eu não o via; mas sabia que ele ia na outra encosta. Os franceses iam em baixo no vale, todos numa linha porque a trocha era estreita. Numa volta do vale, ouvi um tiro; e o francês, o loiro, que ia adiante, abriu os braços, e caiu de bruços.

Os outros pararam; eu apontei bem um, dei ao dedo, e ele caiu, redondo. Ao segundo tiro viraram-se para o meu lado; então o pai - para me livrar - apareceu-lhes no mato. Atiraram-lhe todos, e eu vi as estevas cortadas pelas balas em volta dele; mas não lhe deram. Os homens ainda quiseram avançar pela encosta direito a ele, mas era um bastio de mato muito forte, não puderam romper, e, deixando os dois mortos, abalaram a correr pelo vale. O pai chamou-me e fomos juntos sempre pelo fio da altura, a ver o caminho que tomavam. Acho que se arrecearam de ir pelo vale, que era cada vez mais estreito, e meteram a uns matos ralos, de umas queimadas que se tinham feito nesse ano, direito à porta-baixa do Sovereiral.

Quando os topamos foi já no barranco do Algeriz, ali ò açude do Moinho Velho. Estávamos metidos nos medronhais altos, e eles vieram sair no claro do areal do barranco - mesmo onde tu mataste-la porca grande a semana passada, Joaquim. Era quase à queima-roupa; caíram dois. Os homens eram valentes. Os quatro que restavam ficaram direitos, encostados uns aos outros. Atiraram para o mato, na direção do sítio em que tinham visto o fumo, e uma bala cortou um ramo por cima da minha cabeça. Nós separamo-nos, e mesmo de rastos por baixo do mato, fomos carregando. Quando atiramos, eu precipitei-me e errei; mas o pai não errou... nem errava! Os três perderam coragem e fugiram para o mato. Era já escuro, perdemo-los.

Fomos para um cabeço e ficamos ali toda a noite.

Eu estava cansado, era uma criança, pra ali me deitei.

Mas o pai nunca dormiu; e quando eu de noite acordava com o frio e com a fome, via-o sentado numa pedra, direito, encostado à espingarda.

Logo ao romper da manhã abalamos. Os três franceses tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra quem não é prático, jamais de noite, não avança caminho.

Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sítio. Ainda assim deram-nos trabalho; atalaiamos pelos cerros; rastejamos os vales e as passagens dos barrancos, como se a gente andasse à busca de um javardo ou de um veado; até a cadela - Deus me perdoe - já lhes pegava no rasto. Seria meio-dia quando os vimos lá muito em baixo, nos areais da ribeira. Tinham ido à água. Dali a duas horas estavam mortos todos três.

Quando voltamos para a malhada, já os grifos andavam no ar às voltas, às voltas, por cima do vale, onde ficaram os dois primeiros.

Meu pai ao entrar em casa não disse nada; mas agarrou as filhas e teve-as muito tempo abraçadas, e nunca até à hora da sua morte o ouvi falar no que tinha sucedido.

O lume ia-se apagando, sem que - presos à narração nos lembrássemos de o atijar; e o vasto brasido, onde ainda corriam umas chamas incertas, azuladas, iluminavam vagamente a figura austera do velho, que amparava com muito cuidado sobre os joelhos o pequenito adormecido.

VAE VICTIS!

TRINDADE COELHO

Não estava ninguém na fonte, quando a Luísa, de cântaro deitado sobre a cabeça, ali chegou. Ninguém. Debaixo do sol risonho, ao murmúrio da água da bica, derivando, viva e clara, de um pedaço de telha partida, naquele socalco de pequeno cabeço em cujo topo, à roda da igreja branca, a aldeia negrejava, parecia tudo adormecido. Verdegavam perto os lameiros; iam viçosos, nos quintais e hortejos, os renques dos legumes, e já nos ramos das árvores, inteiramente vestidos de folha, picavam as primeiras flores.

Quase sem horizonte, porque outros cabeços o fechavam perto, esse recanto onde borbilhava a fonte parecia ali como escondido. Próximo, um ribeiro passava, além de umas paredes baixas, onde as mulheres costumavam lavar.

Mas não vinha dessa banda, àquela hora, o mínimo rumor de vozes, nem se ouvia, como noutros dias, bater a roupa nos lavadouros. Como nas doces aguarelas, uma atitude de êxtase immobilizava ali todas as coisas, tocando-as de uma pontinha de sono - e as coisas, como as crianças, pareciam, sorrindo, deixar-se adormecer...

Tomada do mesmo espasmo, a Luísa quedara-se abstrata junto da bica, esperando que se enchesse o cântaro; - mas agora, ao ruído monótono do fio de água, escoando-se, lentamente, no bojo do barro insaciável, como que lhe acordara nos ouvidos, onde lhe tinha ficado encantada, e com todo o relevo da voz do Tônio, essa pergunta que ele lhe fizera:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Estava mesmo a ver o rapaz quando lhe dirigira a inesperada pergunta. Fora no adro, um domingo de tarde. Os homens, em descanso, conversavam de lavouras, sentados por cima do muro; as mulheres tagarelavam em grupos, de cocarinhas no terreiro sagrado; e ela, com outras da sua igualha, chasqueava, à porta da igreja, dos moços que jogavam a barra.

Fingindo uma coisa séria, o Tônio, que entrava no jogo, viera para ela em mangas de camisa, o chapéu deitado para trás, num instante em que lhe não pertencia atirar o ferro. Da violência do exercício, trazia o sangue a espirrar-lhe da pele e muito vivos os olhos azuis.

- Ó Luísa! - dissera-lhe ele chamando-a de parte. - Fazes favor de uma palavra?

Ela fora, na boa fé, e quase sem o pensar. Senão quando, chegando-se como para um segredo, perguntara-lhe com a voz muito quente:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Não tivera tempo de lhe responder, nem saberia tampouco; e ele mesmo, chamado para o “tiro” que lhe competia, desandara lesto e sem se voltar, deixando-a, incoerente, a pensar na atrevida pergunta:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Já o cântaro ia quase cheio, mas ela nem dava fé. Sempre que podia fechar-se num pensamento, nas suas horas de suave remanso, era naquele pensamento que ela se fechava; e muitas vezes, ao adormecer, a esperança de o prolongar em sonhos fazia-a pegar no sono quase a sorrir. Viera-lhe daí o que parecia às outras melancolia, mas que era para ela um gozo suave - o prazer de estar sozinha, de não ver nem ouvir ninguém, de devanear, ela só, naquele tema sempre constante...

E de tanto que repetia a pergunta em pensamentos, chegara a recear repeti-la alto; e aos seus olhos era assim como um lindo quadro, cheio de luz e realidade, esse querido domingo de tarde, no adro, em que ele, o Tônio, lhe fizera ao ouvido aquela pergunta:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Parecia-lhe haver acordado então de um grande sono que durara toda a sua vida passada, de que mal se lembrava agora; e essa tarde no adro, que podia ter sido, para ela, tão indiferente como foram tantas, era agora como a sua primeira hora de existência, - essa tarde em que o Tônio, chegando-lhe os lábios quase ao ouvido, lhe perguntara numa voz muito quente:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Parecia-lhe mesmo estar a ouvi-lo: a sua voz como que ficara viva dentro dela, - e esse doce, misterioso ritmo em que se fundira, causava-lhe, de cada vez que o escutava, um encanto novo...

Recolhida, suspensa como num voo, num êxtase de toda a sua vida, outras vezes era ela mesma que a invocava... E de ouvido muito fito, os olhos semicerrados, um arroubo todo espiritual elevando-lhe os seios da alma, aquela voz descia do céu:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Voavam-lhe as horas neste enlevo, entre as paredes do seu tear; e o mundo, a felicidade, a alegria, o próprio Deus, residia tudo dentro dela, - na doce,

enternecida recordação daquela tarde, no adro, quando o Tônio, sem ela o esperar, lhe fizera ao ouvido essa pergunta:

- Dás-me um beijo, Luísa?

E no entanto, não lho dera então, nem lho daria ainda hoje, esse beijo que lhe pedira o Tônio. Porquê? Nem ela o sabia: mas só de o pensar, as faces purpurejavam- -lhe, e a luz que desde essa tarde a envolvia toda, parece que tinha, de repente, um espasmo de intermitência...

Isso, porém, acontecia muito raras vezes, e quando sucedia era passageiro; pois que, sondada bem no íntimo, dela se pode dizer que vivia apenas, extasiada, de um êxtase da sua memória, e que a sua memória, semelhante a um estado imóvel, nada mais podia refletir do que a cena desse domingo de tarde, no adro, quando o Tônio, sem ela o esperar, viera segredar-lhe mesmo ao ouvido:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Tudo o mais era-lhe indiferente na vida, e como que o tinha esquecido; e para as coisas e fatos de ocasião, em que não havia remédio senão reparar, tinha agora uma benevolência quase risonha que repartia também com os outros, e que se convertera, para com os pobres, numa caridade cheia de ternura. Como o tear ficava na casa térrea de entrada, os pedintes era a ela que se dirigiam, uns da porta, outros da janelinha, e alguns havia já a horas certas. Parava de tecer a Luísa, e elevando a voz chamava pela mãe:

- Ó minha mãe! Faça favor de trazer um bocadinho de pão, que está aqui um pobrezinho.

E se a mãe replicava com o perdão - “Dá-lhe o perdão, que não pode ser” - ela mesmo, dali a pouco, ia-se ao pão e cortava-lhe um pedaço, dizendo às vezes que era para ela.

A mãe, que percebera, dissera-lhe a rir de uma dessas vezes:

- Tanto pão! tanto pão, rapariga! Ora aí está porque tens essa cor, que é mesmo da cor do centeio!

Mas era uma esmolinha que dava, e um desejo que satisfazia; - e só ela, afinal, não tinha que pedir nem que desejar! Graças a Deus, o trabalho sobrava-lhe, e não tinha mãos a medir; e quanto a ambições, isso que ela ouvia que todos tinham, não as sentia de casta nenhuma. No entanto, essa mesma felicidade era para ela um

fato inconsciente e derivava, sem dar fé, da obsessão deliciosa daquele domingo de tarde, no adro, em que o Tônio lhe dissera ao ouvido:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Depois dessa tarde, sem contar as vezes que se salvaram, apenas uma ocasião tinham falado. Quase sem intenção, o Tônio chegara-se à janelinha do tear, e, assomando a cabeça loira entre os dois cacos de manjericos, pusera-se a falar com ela. Tinha conversado um pouco de tudo; primeiro de coisas simples da vida, e por fim, sem bem saberem como, de casamentos: uns que tinham gorado, outros que prometiam fazer-se, a sorte doutros que se tinham feito...

Nesta parte da conversa ainda a viúva interviera, e os três tinham rido o seu bocado. O Tônio andava em dia com os amores de toda a aldeia, e tinha um modo de dizer as coisas, e principalmente de se referir a pessoas, que fazia rir a mãe e a filha.

- E tu, ó Tônio, - dissera a viúva em certo ponto, - diz' lá tu quem é que derriças?

Como dois floretes muito subtis, que se cruzam sem se tocar, os olhares dos dois, da Luísa mais do Tônio, haviam-se cruzado repentinamente. Ambos notaram isso, e ambos, no íntimo, ficaram como surpreendidos...

- Ora, ti Ana! eu penso lá nessas coisas! - acudiu o rapaz.

E como a Luísa se pusesse a tecer, e o ruído do tear abafasse as palavras, levantou a voz para que o ouvissem:

- Nem quero!

Mas a viúva objetou:

- Olha quem! Não queres! Põe lá que se te saíres a teu pai... - E com intentos de lhe puxar pela língua, perguntou: - Seguro que não botaste no S. João os teus papelinhos, ó Tônio?...

- Ora! - fez logo o rapaz sem ligar importância. - Mas isso toda a gente! - E para arredar alguma pergunta indiscreta, acrescentou: - Aposto que até vossemecê?!

Riu-se a viúva com muita vontade:

- Ai, filho, não! Olha eu! Algum tempo, algum tempo! Mas onde isso vai se bem correr!

E como uns laregos entrassem pela casa dentro, de focinho a rabuscarem o chão, correu a viúva a enxotá-los - "Coch'qui, inimigos! Coch'qui!" - enquanto os olhares do Tônio e da Luísa, rápidos como dois relâmpagos, segunda vez se cruzavam no ar...

- Vou-me que são horas, ti Ana! - disse logo o Tônio. - Até logo. - E não olhando já para a tecedeira, despediu-se também:

- Adeus, Luísa.

...Depois, mais nada. E aquilo mesmo, que podia ter sido, afinal, sem intenção, quase se lhe diluíra a ela da lembrança, - e aí persistira só, num fundo claro de madrepérola e num relevo cada vez mais vivo, aquela cena de domingo de tarde, no adro, quando o Tônio, sem ela o esperar, quebrara, nessa pergunta, o virginal encanto da sua adolescência, - fazendo-a acordar na puberdade:

- Dás-me um beijo, Luísa?

Na fonte, enquanto o cântaro levou a encher-se, não surgira sombra de gente. A mesma sonolência morna adormentava à roda todas as coisas, e só no azul do ar, muito fino, que o brando sol da manhã diluíra numa luz suave, passavam, tocados de opala, os pássaros chilreadores. Na superfície do pequeno tanque adjacente, forrado de musgo, onde os animais costumavam beber, o céu espelhava-se límpido, muito fundo, com o ligeiro algodão de uma nuvem quebrando-lhe a um canto a monotonia; e já a água borbulhava do cântaro como em fervura, e a Luísa parecia esquecida, - quando um casal de borboletas brancas, interceptando, num voo sereno, a linha perdida do seu olhar, veio, imperceptivelmente, evocá-la de novo à realidade...

Reparou então que estava cheio o cântaro, e já a transbordar; mas indo a pegar-lhe para se ir embora, viu, de repente, assomar o Tônio num deslado, - como se o pensamento dela o evocara...

Tiveram ambos, naquele momento, o mesmo abalo de viva surpresa, durante o qual se fixaram muito um ao outro, a averiguar se lhes mentiam os olhos; - e com a certeza de que lhes não mentiam, adveio aos dois, no mesmo instante, a sensação entre perturbadora e deliciosa do isolamento em que se encontravam...

Sem refletir, parece que cedendo a um impulso estranho, dirigiu-se o Tônio para a banda da fonte; mas adivinhando nos modos da Luísa a turbção que a enervava, sem também saber a razão os passos hesitaram-lhe...

De repente, como se a cumplicidade do lugar e do silêncio o estimulasse, - e ela, abandonada, parecesse agora provocá-lo - apertou-a nos braços o rapaz; - e colando-lhe na boca os lábios frementes, como se lhe fora a sorver a vida, beijou-a num frenesi.

Ao mesmo tempo, numa vibração de rumor que vai a apagar-se, aquela voz deliciosa do Tônio, tão viva, desde esse domingo, como um canto de rouxinol, parecia agora, quase extinta, fugir e despedir-se da sua memória:

-...“ Dás-me um beijo, Luísa?...”

TERRA MATER

TRINDADE COELHO

Manhã de Julho.

Estrada fora, o destacamento seguia “à vontade” debaixo da soalheira intensa. Devido ao calor, devido a essa nostalgia dos campos, que pouco a pouco os amorrinhara, os soldados iam agora calados, tristonhos e de mau humor, - e só o trup- -trup da marcha, desigual e muito pesado, chegava, contínuo, aos ouvidos do oficial, que à frente seguia a cavalo.

- Eh, rapazes! - chamara ele já por duas vezes. - Vocês parece que vêm a dormir?!

Não iam a dormir, coitados. Mas eles próprios só agora é que reparavam também naquela modorra, e a espantavam pondo-se a conversar, ajeitando e ajeitando-se as mochilas uns aos outros:

- Chó, burro! - diziam alguns para os companheiros. - Para aí, que te cai a carga!

Mas daí a pouco, insensivelmente, recaíam todos no mesmo silêncio - cada qual a pensar, outra vez, nas delícias do seu “torrão”...

Até que vinha de novo a voz do alferes:

- Vocês acordam, ou não acordam?!

Como se os vissem já com os olhos do corpo, lá estavam, diante de cada um, os campos da sua aldeia; as árvores que davam sombra a esses campos; as fontes e as ribeiras que os refrescavam; as casas, as capelas, os caminhos...

- Pequena e tão pobre! Mas vá lá saber a gente porque há de gostar assim da sua terra!

E a lembrança de que tinham perdido tudo aquilo, de que os tinham apartado de tudo aquilo, mais viva lhes fazia, nesse instante, a saudade do que haviam sido...

- Ora aqui está para que um homem nasce! Mal se precata, vem a dar nisto, que pouco mais é que burro de carga!

Mas afinal, porque tinham vindo parar naquilo? Que mal tinham eles feito para semelhante castigo? Sim, que mal? Quando mais novos, lembravam-se que o pai os ameaçava, empregando sempre estas palavras:

- Anda lá que te ponho umas correias às costas! Ouves?! Ponho-te umas correias às costas, tão certo como haver uvas!

E a mãe, se estava presente, acudia logo como a esconjurar:

- Credo! Antes morte que tal sorte!

Mas, sem o merecerem, e até contra vontade desse mesmo pai, um dia a ameaça tinha-se cumprido, - tinha “pegado”, como as pragas que o diabo escuta!

- Se não valia mais, mas é ter nascido cego ou aleijado!

E tateando, medindo a passividade a que tinham descido, alguns desafiavam-se a eles mesmos com ironia, e como a vexarem-se com bofetadas:

- Vá! Sai lá agora daqui, se és capaz! Vá!

Ouviu-se outra vez a voz do oficial, agora já arrepiada:

- Então?! Bem digo eu! Vindes a dormir, ou que é que vindes?! - E arrostando com o destacamento, ameaçou de má catadura: - Ou vocês apertam, ou eu meto-os na forma em acelerado!

Houve outro sussurro, outro movimento vivo de despertar. Alguns cantarolavam:

Meu pai chora que se mata
Por eu chegar ao estalão:
Não chore, meu pai, não chore,
Que eu hei de ter livração.

Mas, sobre a estrada que se desfazia em poeira, em breve recomeçaram os pés a mover-se maquinalmente, o braço a aguentar a espingarda com indiferença, o dorso a vergar sobre a mochila... A muitos já lhes escorria o suor pela cara abaixo, levavam a camisa pegada ao corpo, e iam, eles todos, vermelhos e afogueados. Entretanto, quase não pensavam nisso, com os olhos fitos na sua visão, longe... - como nalguma fada que lhes acenasse...

- Adeus! Adeus! Até quando?

- Adeus! Adeus! Quem sabe lá!

Persistentemente, vinha-lhes agora a lembrança do lar, - do pai, da mãe, dos irmãos, da família toda. Que estariam todos a fazer? Àquela hora, mourejavam os

homens na faina das ceifas; amanhando o jantar, as mulheres labutavam nas casas; os pequenitos estavam à sombra, à beira dos caminhos e por baixo das árvores, ou ao pé das fontes chapinhando nos charcos; e os maiorzitos, aforrados em cima dos trilhos, andavam já na faina das eiras:

- Eh, boi! Eh, Carriço!

As eiras! Também lá fazia sol, nessas eiras onde o pão se trilha. Mas não mordida como naquela estrada maldita, sem fim, que os levava não sabiam aonde! - As eiras! - Em mangas de camisa, embora puxando a um mangual, não há calma que se não aguente. Depois, o tratar cada um do que é seu, o recolher o “pãozinho” que Deus dá, e com que premeia o trabalho de todo o Inverno, em vez de cansar até dá saúde. Ri-se durante a trilha; molham-se as goelas com vinho fresco, e água fresca se não há para vinho; arrancha-se à sombra das árvores comendo a frugal refeição; vê-se quem passa e o que se passa; ouve-se e diz-se... - As eiras!

O trabalho é alegre e dá alegria. Quando cai a tarde, vem a fresca; e sobre a ramagem das árvores, onde a passarada começa a cantar, - no céu esverdeado, lá baixo, os poentes parecem de fogo... Depois, à noite, não falemos! Tudo aquilo anima-se de conversas e de danças, de descantes e de namoricos, à luz de um luar de prata. Ouve-se a viola até se pegar no sono, estirados em cima das “parvas”; e de manhã, ao acordar, o céu parece lavado... - Que diferença daquela vida, esta vida!

Mondando ou semeando; nas aradas ou nas sachas; nas ceifas, nas vindimas, nas apanhas; nos lagares de azeite no tempo do frio, ou nos do vinho no tempo da calma - se haveria vida melhor do que essa! Não, não havia; com certeza que não havia! E pró não chega, as festas do ano nos seus dias certos; as feiras e os mercados; os bailes se alguém casava; os serões pelo Inverno fora, - e aos domingos à tarde, no adro, o jogo da barra mailo do fito, enquanto em cima, no campanário, repicavam a algum batizado...

E como se tudo isso fora ainda pouco, lá vinham as matanças no tempo devido; as descascas, as debulhas, as debagas e as carneadas; as janeiras à porta do ano, e os “Santos-Reis” logo ao pé; os “compadres” e as “comadres”; o entrudo com a festa do galo; a quaresma com as suas devoções, e para os rapazes com o jogo do pião; pelo S. João as grandes fogueiras; os magustos em “Todos-os-Santos”; no Natal as consoadas; - e uma vez por outra, ao ar livre no campo das trilhas, esses “autos” que têm tanta fama! Fora o mais! fora o mais!

Depois, como as aldeias são tão pequenas, cada qual decorara a sua. Vê a igreja onde foi batizado e onde ia à missa todos os domingos; a casa onde nasceu; as dos vizinhos uma por uma; a “residência”, a escola, o estanco e a taberna.

E dentro de cada casa, sabe de cor tudo o que lá está; vê cada coisa no seu lugar, escuta as vozes dos que lá falam - vai jurar o que estão a dizer... Pelas ruas, o que por lá há é como se o estivessem a ver: - em tal sítio está agora um carro; naquel'outro há porcos deitados; além, galinhas; vão a passar fulano e beltrano; - em tal janela, entre dois cacos de manjericos, um grande craveiro despejando cravos... E atrás dos cravos, ai, atrás dos cravos, Alguém!...

- Que saudades! Que saudades!

Contrastando com esses campos desconhecidos, por entre os quais a estrada coleia, cada um vai recordando agora, mentalmente, os chouços da sua terra; as hortas e os quintais, as cortinhas e os lameiros, em cada coisa notando, com a cor diferente do solo e a diversidade paralela da cultura, o tamanho e a forma das árvores, quase o seu número, sombras e clareiras dispersas, fugas de prados, pontos brancos de capelinhas - aqui, ali, além...

Agora, como ficava lá baixo um povoado, - entre a folhagem tenra dos legumes, nas hortas à beira da estrada, lobrigavam gente em mangas de camisa, regando.

- Boas-tardes! Boas-tardes!

Ai, que saudades! Quem pudera largar a espingarda, atirar ao chão a pesada mochila, aforrar-se; e botando a correr por ali abaixo, aos trancos e barrancos, fincar as unhas naquela enxada - regar, cavar, cantar!

- Boas-tardes! Boas-tardes!

E os que acorriam a vê-los passar, de pé ou debruçados pelas paredes, ficavam-se a olhá-los cheios de curiosidade - mas tomados de uma grande tristeza! E ouviam-se alguns dizer, - as mulheres principalmente:

- Coitados! Para que uma mãe cria um filho! Coitados!

Ademais, aquela vida do quartel parece que os definhava. Eram como pássaros em gaiola; e, às duas por três, deixavam de se parecer com o que eram dantes, com os irmãos que "lá" tinham ficado, com os pais, com os amigos - adquirindo essa fisionomia neutra, que nem era do campo nem da cidade.

Vista por dentro, aquilo era uma vida de submissões, em que o instinto de independência estava algemado.

Por qualquer coisa, um castigo, uma repreensão, um mau modo. E por maior que fosse entre todos a boa harmonia, esfriava sempre as relações aquela atmosfera ríspida do quartel, contrária a expansões, - em que se não podia rir nem falar alto, e em que a obediência passiva e sem réplica, obrigatória e contrafeita, parecia a muitos uma cobardia - uma abjeção e uma impostura...

Os graus de hierarquia, que fazem os homens inimigos, separando-os, tinham vindo conhecê-los ali, naquela vida. Como era diferente lá na aldeia - cada um na sua terra! Aí, sentiam-se iguais uns aos outros; e tirante o pai, a mãe, o cura, certas figuras de tios, e os padrinhos - todos esses que o próprio instinto colocava mais alto, mas, para compensar, parece que mais perto do coração - o resto não se diferenciava em alturas, e apenas a diferença de idades, mais do que a dos teres, extremava, sem os separar, os grupos da freguesia.

Depois, a consciência instintiva de que para nada de útil serviam, fazia-os antipáticos a eles mesmos, deprimindo-os, rebaixando-os no seu valor. Para que serviam?! Cada qual, na sua aldeia e no seu ofício - uns no amanho das terras, outros na profissão que tinham escolhido, eram úteis: pouco ou muito, via-se o que faziam. E ali?! Tudo o que faziam era improdutivo, artificial, - irreal porque se não via...

Aguardavam qualquer coisa, pelos modos... - mas o quê? A guerra?! Mas guerras não as havia; e para cada um se defender, e defender os seus das mãos de inimigos, e as suas terras, e as suas casas, segredava-lhes o sangue que melhor o fariam livremente, por querer e não por serem mandados, - a um rebate do sino da aldeia, como ouviam dizer que se fazia dantes. E então sim, então é que era matar ou morrer!

- Ah, pimpões!

- Para frente é que é o caminho!

- Morra um homem, fique fama!

Oh, essa guerra sim; essa entendiam-na eles! Mas a outra, a que era feita porque os mandavam, sem eles mesmos saberem porquê, para quê nem para que não, essa era para eles antipática -antipática e repugnante como certas escaramuças a que os obrigavam às vezes, nos arraiais e nas eleições, e em que até desfechavam contra os pais, contra crianças e contra mulheres, só porque os mandavam dar ao gatilho, às vezes a um sinal da corneta: - "Fogo!"

Ah, tinham razão os que, por se livrarem de semelhante vida, cortavam dedos ou desertavam, fugiam para o Brasil ou se remiam! Os que tinham de a aturar, essa

triste vida de soldado, não podiam ser mais desgraçados! Porque um número lhes tinha saído mais baixo que outro, ou, se mais alto, porque o de baixo tivera “padrinhos” e eles não, - uns poucos de anos naquele degredo, toda a sua liberdade caída num laço! Oh, as “sortes”! Se havia coisa mais desgraçada!

Depois, essa cumplicidade que cada um tivera, embora involuntária, no acaso que os sorteara, indispunha-os a muitos contra eles mesmos - e, o que era pior, agourava- -lhes a vida para todo o sempre:

- Assim com’assim, nasci para a desgraça! Hei de ir assim até morrer!

Além de que, essa mesma infelicidade tinha de lhes pesar ao diante pela vida fora, quase como um opróbrio. Era duro, mas era verdade! Porque ter sido soldado, ter - “andado com as correias às costas” - era na tribo uma inferioridade, uma razão de desconfiança, uma agravante:

- Foi soldado, humm...

- Se ele foi soldado...

E por mais que fizessem, caso é que não tornavam a identificar-se com o meio inteiramente - marcados, assinalados no próprio rosto por qualquer coisa que parecia um estigma, e que em vão procuravam esconder:

- Pelas mentes, foste soldado! Humm... Vai-te que não podes ser bom!

Depois, aquela mesma ociosidade, travando-lhes, paralisando-lhes a vida na altura em que lhes iam florindo as energias, fazia-os, aos mais deles, inábeis para a vida do campo - quando um dia regressavam da “praça”. Divorciavam-se desse modo do casal, e portanto da família, - ou eram, no meio dos outros, - pais, irmãos, amigos e conhecidos - instrumentos de trabalho muito imperfeitos:

- Tira-te pra lá! Já te não avezas! Numa enxada não é assim que se pega! Larga!

E porque se lhes fora embora a sobriedade, - o que bastava a alimentar os outros, em quantidade, em qualidade, em amanhã, ou era já para eles insuficiente, ou era impróprio; - e tendo vivido tutelados, contando com o comer a horas certas, e sem a consciência de fazerem por ele, o granjear o sustento pelo trabalho, conforme manda a doutrina, parecia-lhes depois um sacrifício.

- Quem fez o trabalho está no inferno!

- Antes as “correias” do que esta vida!

E como se dava o mesmo no vestuário, revertendo, dificilmente e como que vexados, ao padrão de onde haviam saído, - ou sacrificavam a necessidades fictícias o produto do seu labor, mais se extremado dos outros num sentido que era a estes antipático, - ou, se não podiam fazê-lo, convenciam-se, erradamente, que a fortuna os atraíçara:

- Ora aqui está! Andei pra trás como caranguejo!

De um modo ou de outro - de todos os modos! - a vida pervertera-se-lhes; e até entre as próprias raparigas, entre essas mesmas, namorar um “soldado” era desprezo!

Ó Maria, tola, tola,
Olha o que foste fazer!
Foste casar c’um soldado,
Mais te valera morrer!

E respondiam algumas a um galanteio:

- Cruzes, canhoto! Arreda para lá, que me pegas a sarna!

...Pensavam assim os que iam pensando. E os outros, debaixo da mochila pesada, dentro da farda que os comprimia, dos butes que os molestavam, iam, sob o calor de rachar, numa tristeza que dizia aquilo...

Mas, agora, a estrada por onde seguia o destacamento, cortada, chanfrada a meio de uma encosta, abria, de um lado, sobre uma galeria de paisagem admirável, vista dali como de uma varanda. Toda repartida em hortas e pomares, de um verde úmido e tenro, a veiga, em baixo, e para além da veiga o pano da montanha, inteiramente coberto de árvores, lembravam, na harmonia vaga do seu conjunto, um largo, inspirado, soberbo trabalho de cenografia. Não se impunham à vista os pormenores; e a não serem, aqui e além, casas e grupos de casas que alvejavam no verde macio, tudo o mais, defronte, esbatia-se num tom homogêneo, que certas manchas de arvoredos, em pelotões, mosqueando-o de manchas escuras, tornavam, não obstante, variado.

Por não ser extenso nem remoto, esse quadro dava uma impressão profunda aos que o admiravam; e ao mesmo tempo que parecia, todo ele, a obra abstrata da natureza, adivinhava-se, na perfeição inteligente da sua arte, desde a veiga que

decorria ubérrima, até à crista boleada da montanha, a ação do homem e do trabalho.

Demais, não vinha de lá o mínimo ruído; - e banhada de uma luz branca, debaixo do céu azul puríssimo, toda a paisagem como que se imobilizara num êxtase, - viva, espiritual, risonha...

Do destacamento, muitos pararam a contemplá-la, por suas vezes extasiados também. E alguns que já a conheciam, outros que eram dali, nomeavam-lhe os pormenores, apontando:

- Além, vês? Uma coisa branca... É uma capela! No fim do Verão, todos os anos, faz-se lá uma grande festa! À roda, e por ali abaixo, tudo aquilo são castanheiros! Cada um que o não abraçam três homens!

E designando as habitações, diziam nomes de casais e de proprietários.

Outros mostravam a veiga:

- Tudo por ali são meloais, repara! Melancias como a roda de um carro! Os pêsegos são como punhos! E nogueiras, e cerejeiras, e maçãs às carradas e peras de umas poucas de castas! Ali não falta nada! Olha essas hortas!

- E que lindo! E que bonito!

Acordados do êxtase, prosseguiram. Mas em muitos deles, sob o deslumbramento que lhes fizera a paisagem, a nostalgia do campo acentuara-se-lhes, e pareciam, agora, comovidos. Mais ou menos, voltara a cada um a saudade do seu recanto natal, a visão real de todas as coisas que o constituíam, a sua vida, - tudo isso, enfim, que tinham perdido...

Enternecidos, alguns tinham vontade de chorar. Mas noutros, de temperamento mais recalcitrante, a tristeza parece que tomava a feição de uma cólera surda, moendo neles e desgastando, - desgastando como se fora uma lima...

Imediatamente agora calados; e como quer que um deles, estacando de repente, fizesse, num gesto de surpresa, um gesto de atenção, os mais pararam também, e puseram-se todos de ouvido à escuta... - "Que era?" - Da veiga, efetivamente, um coro de vozes ascendia... Eram raparigas a cantar, talvez nalgum lavadouro, lá baixo, ou nalguma apanha.

- Escuta...

Por vir de longe, por ascender não se sabia donde, e chegar ali quase diluído, o coro das

vozes parecia de almas, emanado do seio da luz...

- Não se vê... Escuta...

- Ó rapazes! Parece mesmo a terra a cantar!

Este bocadinho de sobrenatural acabou de comover o destacamento, - que se quedou ali como encantado; e foi preciso que o oficial, que à frente continuava a cavalo, chamasse de longe pelos rapazes, para de novo se porem todos em marcha - atentos, ainda assim, ao coro que prosseguia...

Agora, parecia já adivinharem-lhe a letra:

- Escuta...

“O meu coração é terra,
Hei-de mandá-lo lavar...”
Sorriam-se, fitando o ouvido...

“P’ra semear os desejos
Que tenho de te falar...”

Mas pouco adiante, um grande souto fazia sombra para dez regimentos, e o oficial mandou fazer alto e descansar. Esperou-se um bocado pelos retardatários, ou por algum que vinha cansado; mas quando se pensava estarem já todos, verificou-se que faltavam dois.

A não se ter dado algum acidente, era já tempo de estarem ali; e porque os tinham visto havia ainda pouco, entre os demais que escutavam o coro - o próprio oficial foi à cata deles, esporeando o cavalo ronceiro.

Momentos depois, entretanto, o alferes regressava a passo. E perante o destacamento formado, em que cada soldado parecia uma estátua, arremessou ao chão duas espingardas, e após as espingardas duas mochilas - que fizeram, caindo, o baque dos corpos mortos...

...Como um hino da Terra, trazido na asa da aragem, chegava agora até ali, mais vivo, o coro das raparigas...

“O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo lavrar.
P’ra semear os desejos
Que tenho de te falar...”

ABYSSUM ABYSSUM

TRINDADE COELHO

Nesse dia, os dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim eles tivessem uma coisa boa!... Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquelas terríveis palavras com que a mãe os intimidara, um dia que lhe apareceram em casa tarde e às más horas.

- Ouvistes? - ralhara-lhes a mãe. - Olhai se ouvistes! Se voltais ao rio, mato-vos com pancada! Andai lá...

Ih! como ela dissera aquilo, Mãe Santíssima! Colérica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas louras... Lembravam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquela ameaça terminante. E então, nesse dia, eles não tinham ido ao rio. Aos pássaros, sim... - lá estavam as calças rotas do Manuel a dizê-lo -...aos pássaros é que eles tinham ido. Ao rio era bom! a mãe que o soubesse...

Ah, mas então não os deixassem dormir naquele quarto! Logo de manhã, mal abriam as janelas, a primeira coisa que viam era o rio, uma corrente muito lisa e esverdeada, serpeando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, de onde os rapazes se atiravam despídos, de cabeça para baixo, e então o barquinho branco do fidalgo, - lindo barquinho! - sempre à espera que o fidalgo o desamarrasse para passar à grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo que logo pela manhã assaltava os dois rapazes era o de irem por ali abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, meterem-se dentro do barco, desprendê-lo da praia e deixá-lo ir então para onde ele quisesse, contanto que fosse sempre para diante... Quando fechavam as janelas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo através da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu - "adeus até amanhã!" - àquele pequeno objeto que valia tesouros, que para os dois valia mais que tudo, tudo...

Ah! tivessem eles assim um barquinho, que não queriam mais nada...

- Mais nada?

- Isso não... mais alguma coisa. E a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas nessa manhã, bela manhã, na verdade! a mãe viera acordá-los mais cedo. Ia já pela aldeia um claro rumor de vida - gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado péssimo da rua, os patos da vizinhança que saíam em rancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em voos curtos, espantados da agressão acintosa dos rapazes. Havia mais de uma hora que ali perto se ouvia o retintim agudo do martelo do ferrador atarracando cravos na bigorna. Já o reitor passara para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E àquela hora onde iria já a missa! A última beata, encapuchada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhara na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpinteiro, no meio da rua, dava com valentia num carro cujo eixo ardera na véspera, e que era urgente compor, pelos modos. Até o Ernestinho do estanco abrira já a loja, e subira à varanda a regar os manjericos. Começos da labuta diária, enfim; os senhores sabem.

Pois como lhes disse, a mãe viera nessa manhã acordar mais cedo os dois pequenos.

- Fora, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro há que tempos, vem aí o sol, e os morgadinhos na cama! - E enquanto falava, ia-lhes abrindo as janelas. - Persignar e vestir, vamos! Calças... colete... os jaquetões... tomem!

E pôs-lhes tudo sobre a cama.

- Mãe, a bênção! - balbuciaram os dois, tontos de sono ainda.

- Deus os abençoe. Que Deus não abençoa mandriões, ouviram? Ora, eu já volto! Queira Deus que não vos encontre cá fora, tendes que ver!

Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos àquela hostilidade viva da luz que invadira o quarto num jacto repentino e brutal. Pela abertura larga da camisa assomava-lhes o peito que eles aflagavam numa última carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo sentados! O mais novito ainda tentou deitar-se outra vez, pesaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem! onde os sonhos eram tão lindos!...

Mas a mãe não tardava ali. Era preciso vestirem-se, que remédio! Foi então que o Manuel, mais esperto do sono, olhando para o campo o achou encantador, todo resplandecente de verduras.

- Bonita manhã, não vês? As árvores parecem mais lindas, repara. Porque será?

O outro encolheu os ombros, não sabia; só se fosse por não haver nuvens...

Pela janela aberta, avistava-se um trecho de paisagem que a luz viva da manhã fazia muito nítida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares úmidos das baixas. Revestidos de folhagem, ascendiam ares fora os olmos gigantescos. Pedços de horta estavam em toda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas a cuja sombra regalavam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio que nessa manhã deslizava muito sereno, esverdeado de águas, espelhante sob aquele céu imaculado.

- Ah! ah!... riu-se o Manuel, contemplando-o. - O rio! Que te parece?! Olha que é lindo, o rio! Ora é, ó Antônio?!

- É, lá isso... Mas também de que vale? - tornou-lhe com desalento o irmão. - A gente não pode lá ir... Olha se a mãe o soubesse, han? - E mirando por sua vez a paisagem, perguntou:

- Já reparaste no barco, ó Manuel?

- Tão bonito!

Os dois riram.

- Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara!

- Pudera!... - explicou o Manuel -...amarrado com uma corda... - E depois radiante, gesticulando para o irmão: - Mas eu era capaz de o desamarrar...

- Ai eras! - disse duvidoso o Antônio, para o incitar.

Calaram-se. Era bom podê-lo desamarrar, lá isso era! Ambos dentro dele, sozinhos, isso é que seria bom! E eles então que estavam mortos por ir às azenhas, e pelo rio era um instante enquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar de barco! E aquele então era lindo, como não tinham ainda visto outro. Nunca lhes haviam esquecido - olhem lá não esquecessem! - aquelas tardes em que o fidalgo os levara lá dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava.

O Manuel foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito à janela. Passava naquele instante um bando de andorinhas, chilreando.

- Está um dia lindo, avia-te.

- Olha “avia-te”! para quê?. - perguntou o Antônio torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Manuel sorriu-se, triste. - Era verdade... Aviaem-se para quê? A mãe não os deixava ir ao rio... E se não, que fossem! - “Mato-vos com pancada se desceis a ladeira”. - Já se vê que depois disto... - E os dois suspiravam, desgostosos. “Que pena serem pequenos”!

Nisto o Antônio chegou-se também para a janela. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se desfitavam do barco, fascinados. Demônio de tentação! E para mais tinham-no pintado de novo: sobre o branco, a todo o comprimento, uma faixa azul--clara destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nível da água!

- Tate, ó Manuel! E se nós fugíssemos?

- Ora! se fugíssemos!.... E depois? A gente tínhamos de voltar...

Ora ai está! isso é que era o pior! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha prometido. E arregalando muito os olhos, imitando a cólera da mãe: - “Se voltais ao rio...” Ai, ai, a triste sorte!

Recaíram em silêncio. Ficaram-se por instantes a ver o sol que rompia ao nascente, numa explosão violenta de luz, acendendo coloridos na largura muito ampla da paisagem.

- Mas palavra que o barco parece pintado de novo... - lembrou com alegria o Manuel.

- Mas é que está, palavra que está! Agora é que havia de ser bom andar dentro dele!...

Os dois riram-se muito àquela ideia encantadora de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho! e porque não? Por isso, cobrando ânimo, o Antônio disse resolutivo:

- Olha agora o medo! Seguro que nos mata! - E puxando-o pela jaqueta: - Vamos lá, ó Manuel?!

O Manuel fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

- À tardinha, hem? dois pulos e estamos lá. Não é tão fácil dar pela nossa falta, ali à tardinha. A gente finge que vai para o adro. Levam-se os piões...

- Há de ser mesmo assim! à tardinha! - concordou o Antônio. - Eh! eh! eu cá desatraco.

- E eu remo, - disse logo o Manuel com gesto de quem remava.

- Ao leme vou eu: o leme é aquilo que regula - explicou.

- Pois sim, mas à vinda pertence-me a mim, remas tu. Se queres assim...

- Pois está bem, quero! Assim mesmo é que há de ser!

E recapitulando, para melhor ficarem combinados:

- Ao p'ra baixo remo eu, ora remo?

- Remas.

- E tu regulas, ora regulas?

- Regulo.

- Ao p'ra cima é às avessas, ora é?

- É.

Muito bem, “basta palavra”! E ambos ao mesmo tempo, um ao outro se impuseram segredo...

- Schiu!...

- Schiu!...

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penachos de nuvens alvejavam, imóveis.

Acesas naquela explosão rubra do ocaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e oiro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima e vagamente melancólica entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

...E a tarde ia descendo, cada vez mais límpida.

Naquela luz indecisa de crepúsculo que mansamente se ia acentuando, os montes do sul tomavam um torvo aspecto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando ao de leve todos os cambiantes de luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio confrangedor dominava a natureza toda, recolhida num como espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obrigam a retina a exagerar as formas às coisas...

Muda de gorjeios, atravessando o espaço em voos muito rápidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava. Caíam já pesadas sobre os vales as sombras das montanhas, e um fumozito sutilmente azulado nadava à flor das coisas, velando-as para o tranquilo sono em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslizava mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampear. Dentro dele, os dois irmãozitos silenciosos iam-se deixando enlevar naquele ruído suave dos remos abrindo fendas nas águas... Não! era bem certo que eles não tinham jamais sentido uma tão poderosa e viva alegria - alegria doida que lhes trasvazava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios em sorrisos.

Dentro daquele adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse, livres de admoestações alheias, sozinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada, fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo eles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam jamais?... No entanto a noite acentuava-se. Espertava nas margens o marulho da água nas raízes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno cintilavam as estrelas em cardumes.

- Remas, Antônio? - perguntava o do leme. - Olha se a vês... - E apontava para Vésper, a estrela que mais brilhava.

Tinham os dois concebido o estranho desejo de alcançar a estrela cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!...

- Anda-me tu com o leme! - tornou-lhe com intimativa o Manuel. - Ai a estrelinha! Deixa que ela faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adiante, só por isso...

- Olha o milagre! Ela está queda! - fez o outro, convencido da facilidade da empresa.

- Está queda, está queda, mas sempre na frente de nós! Vai lá entendê-la. Olha como brilha, ó Antônio!

- Mas rema, que eu cá vou; falta pouco. Ao direito daquela fraga é que ela está.

Não era difícil passar-lhe adiante, qual era? Em menos de meia hora era certo alcançá-la.

E engastada no azul escuro do céu, a estrela parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.

- De que são feitas as estrelas? - perguntou o mais novito.

- De prata. Pois está visto!

Então o outro, lançando um amplo olhar à vastidão infinita do céu, exclamou:

- Eh! tanta prata!

- O sol, esse é d'oiro! - disse ainda o Manuel.

- Bem de ver! - volveu-lhe convencido o irmão. - Que eu, se me dessem à escolha, antes queria as estrelas! Olha que rebanho!

- Pois eu antes queria o sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande!

E enquanto falavam, os dois não desfitavam os olhos da estrela feiticeira que perseguiam. Os remos, no entanto, iam abrindo fenda na água, com certo ruído muito doce... E lá no alto céu, dir-se-ia que de instante para instante a feiticeira estrela mais brilhava, incitando-os.

- Vê-la a fazer assim? - e pôs-se a pestanejar, imitando a palpação crebra e irregular da luz sideral.

- É que tem sono! - respondeu o outro a rir.

- Olha que não! Aquilo é a fazer-nos negaças, tamém to digo!

- Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga...

- E apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir: - Eh, boieira!

Neste momento, uma estrela cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituais:

Deus te guie bem guiada,

Que no céu foste criada.

- Vês? - disse o Manuel, que era dos dois o mais supersticioso. - Torna a apontar para elas... Eu cá não aponto, que nascem “cravos” nas mãos.

- A ti talharam-te o ar, ó Manuel!

- Diz a mãe! À meia-noite levaram-me à fonte e esparrinharam-me água para cima do corpo! E a água que havia de estar fria! - observou encolhendo os ombros. - Depois, viraram-me para as estrelas e disse então a mãe:

Ar vejo,

Lua vejo,

Estrelas vejo:

O mal do meu corpo

P’r’a trás das costas o despejo.

Riram muito. O Manuel despido, coiracho ao colo da mãe, havia de ser engraçado! E então todos de volta, a ver quando se talhava o ar!

- Mas talhou-se! Agora, em paga, uma vez por ano (ao menos uma vez por ano) tenho de olhar pelos ralos do lenço p’r’as cinco chagas, umas estrelas que além estão, e rezar uma ave-maria.

- Sempre, sempre?!

- Até que morra. Depois de morrer, diz que vou morar três dias com três noites dentro de uma.

- Ora! - tornou-lhe incrédulo o irmão. - Tu não cabias lá!

- Não sei! Assim é que anda nos livros!

...Mas os braços doíam já dos remos, doíam muito...

Devia ser tarde, e eles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrela.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silêncio contínuo dominava tudo em volta. E amolentadora e múrmura, a água da corrente ia espumando na quilha, com certo ruído cada vez mais doce.

...Mas os braços já doíam mais!...

Agora, no céu, havia muitas estrelas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquela, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para ela, pois que irresistivelmente a cabeça lhes pendia para o peito, e as pálpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço.

...E os braços sempre a doerem!..

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levíssimo ruído. Imobilizara-se também o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do súbito desleixo do outro.

...E os braços já não doíam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava agora à mercê da corrente, sem impulso algum estranho.

Dentro dele, a música levíssima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Senão quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande alucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:

- Manuel! Ó Manuel!

O remador acordou, sobressaltado.

- A estrela? Ainda lá está, olha! - disse incoerente, estonteado pelo sono.

- Uma fraga de cada lado! Ouves o rio?! É já muito tarde! - continuou aflito o Antônio.

- Então não lhe passamos adiante? - perguntou ingenuamente o Manuel, referindo-se ainda à estrela.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsamente, procurando chamá-lo à realidade, de novo lhe gritou, com lágrimas na voz:

- Manuel, acorda! Olha que estamos perdidos, Manuel!

E, mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam num choro muito violento, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto que a hora e o lugar aumentavam angustiosamente. Parecia-lhes medonho aquele marulhar contínuo da corrente, afligia-os como se fosse o salmodiar monótono e rouco de uma legião de espíritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos os rochedos informes das margens afiguravam-se-lhes negros gigantes, que num requinte de malvada indiferença houvessem jurado assistir impassíveis e mudos à escura tragédia da sua desgraça.

E o barco sempre enalhado, não havia forças que o arrancassem dali. Tinham perdido os remos. Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus gritos de aflição!

Transe cruelíssimo!

E então os braços continuavam a doer; doía-lhes agora o corpo todo, ao mesmo tempo que uma tristeza cada vez mais pesada lhes oprimia o espírito, parece que embrutecendo-os.

- Mas a estrela sempre além... - notou ainda o Manuel, balbuciante de medo, como se quisesse increpar a própria estrela da sua indiferença criminosa, no meio daquele enorme infortúnio em que por causa dela se haviam precipitado. - Se ela pudesse acudir-nos!

Até que por fim, prostrados de fadiga e das lágrimas, de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas, na sua fúria constante, a corrente, que ali era muito forte, não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que, após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as águas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com ele, violentamente. Quando a água se precipitou para dentro, os dois pequenos assim de súbito acordados romperam em gritos lancinantes:

- Ai quem acode! Ai Jesus, quem nos vale! Acudam! Acudam!

Tinha surgido a manhã, serena, tranquila, cheia de gorjeios e de azul. Mas como ninguém acudisse e a luta no rio fosse desigual, num repelão mais violento o pobre barco esfacelado investiu de proa com o abismo e lá se sumiu para sempre! Feridos de morte, no último paroxismo da sua enorme dor desesperada, os dois irmãozitos abraçados sumiram-se também com ele!...

...Nesse mesmo instante... - e mais longe do que nunca -...a estrela feiticeira acabava de cerrar também a pálpebra luminosa!...